



Um beijo ao amanhecer

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 16



Título original: **"THE DAWN OF LOVE"**
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1979
Tradução: SYOMARA CAJADO
Copyright para a língua portuguesa: 1980
EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo
Uma empresa do GRUPO ABRIL
Composto na IMOART
e impresso nas oficinas da
ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL

Uma aposta cruel, insensata, foi o que sir Ugo fez usando como chamariz a pureza e bondade de sua sobrinha Lorena. Educada num convento da Itália, a moça voltou para Londres e foi imediatamente levada para os salões do mais conhecido conquistador da Europa, o jovem e rico duque Alstone. Sir Hugo apostou que Lorena, em uma semana, poderia conquistar todos os homens que conhecesse! Mas Lorena não queria todos os homens do mundo... Seu coração ansiava apenas pelo amor de Alstone, justamente o homem que achava que as mulheres eram só fonte de prazer, nunca de amor verdadeiro!

NOTA DA AUTORA

George Bernard Shaw publicou sua peça *Pigmalião*, em 1913. É a história de uma jovem florista, pobre e ignorante, que depois de educada por um professor especialista em fonética, transformou-se numa perfeita dama. Esta peça de teatro, notável sátira sobre a sociedade inglesa, é um dos mais conhecidos trabalhos de Bernard Shaw.

Seu rico teor humano, seu texto alegre e mordaz fez esta peça se tornar a favorita do público, tanto como comédia musical nos teatros de todo o mundo, quanto no cinema no filme *My Fair Lady*, tendo como protagonistas Rex Harrison no papel do professor Higgins e Audrey Hepburn no da florista Eliza Doolittle.

CAPÍTULO I

1913

O honorável Peregrine Gillingham saltou do cabriolé, pagou o cocheiro e subiu os degraus da mansão Windlemere. A porta da entrada já estava aberta, ele entregou a cartola a um criado de libre com uma cabeleira empoadada, e falou com o mordomo.

- Boa noite, Dawkins!
- Boa noite, sir.
- Sua Excelência está na biblioteca?
- Sim, senhor, e há uma hora que o espera.

Peregrine sorriu, ao notar um toque de censura na voz bem modulada do mordomo. Seguiu-o com seu modo de andar afetado, ao atravessar o vestíbulo de mármore.

A mansão Windlemere, entre todas as outras igualmente suntuosas de Park Lane, era a mais imponente. Fora construída pelo avô do duque. Segundo o conceito do início da era vitoriana, era exatamente o que deveria parecer uma casa ducal.

Felizmente, ela conservava os remanescentes da época georgiana e, portanto, fora planejada com mais elegância do que muitas de suas vizinhas.

Entretanto, naquele momento Peregrine não estava interessado na casa, por conhecê-la suficientemente. Esperava apenas que o duque Alstone não estivesse mal-humorado por ele ter se atrasado.

O duque inspirava respeito aos amigos e adversários. Até mesmo Peregrine, considerado íntimo, achava que quando Alstone se retraía, manifestando uma circunspeção glacial, para evidenciar sua desaprovação, era realmente desagradável.

— Sr. Peregrine Gillingham, Sua Excelência! — anunciou Dawkins à porta da biblioteca. O duque, que estava lendo o Times, ergueu os olhos e exclamou:

- Perry! Que diabo! Por que se atrasou tanto?
- Desculpe, Alstone — respondeu seu amigo, dirigindo-se a ele. — Meu pai mandou-me chamar inesperadamente, e você sabe como é loquaz.

Largando o jornal, o duque observou:

— Suponho que posso aceitar essa desculpa. Sei o quanto seu pai é capaz de falar sem parar, quando o assunto o interessa.

— Ele não estava propriamente interessado — replicou Perry num tom pesaroso —, somente, aborrecido.

- Dinheiro?
- É evidente. Do que mais poderia ele me falar?
- Você não deveria ser tão extravagante!
- Isso é muito bom para você... — começou dizendo Perry, mas, notando que o

duque o estava provocando, deu uma risada.

— Está bem. Reconheço que ultimamente andei me excedendo um pouco. Mas sabe tão bem quanto eu que Molly é incrivelmente perdulária, e muito mais agora que você lhe manifestou seu interesse.

— Não “comprometi a cotação do mercado”, como costuma dizer-me que venho fazendo há tempos.

— Há bastante tempo — replicou Perry. — Você despertou-lhe não só o gosto do caviar e champanha, mas também dos brilhantes. A mesada que recebo de meu pai não dá para tanto. — Suspirou antes de acrescentar: — É o diabo ser o filho caçula. Esta é uma situação que você jamais teve que enfrentar.

— Também tenho minhas dificuldades — observou o duque.

— Sinto-me confuso só ao pensar quais possam ser.

Ao dizer isso, aceitou uma taça de champanha que lhe foi oferecida numa bandeja de prata por um criado de libre. O duque pegou a dele, e a garrafa carregada por Dawkins foi colocada num balde de prata cheio de gelo, antes de os dois empregados saírem.

— Você estava falando de suas preocupações — disse o duque com um sorriso desanimado. — Gostaria de ouvir as minhas?

— Ficaria encantado, mas sempre imaginei que não tivesse nenhuma.

— As minhas não são de ordem financeira, porém, mental. É verdade, Perry. Estava justamente pensando, antes de você chegar, no quanto estou entediado!

Peregrine apurou o corpo, mostrando-se surpreso.

— Meu Deus! Se algum dia ouvi uma declaração tão absurda, esta é a mais incrível! Você, entediado? Você, que tem tudo? Não acredito!

— É verdade — respondeu Alstone —, e eu o culpo, porque ao atrasar-se, fez com que eu percebesse isso.

— Em nome de Deus, diga-me. Do que pode sentir-se entediado? É um dos homens mais ricos das ilhas Britânicas, e o maior proprietário rural. É dono dos mais famosos cavalos, e tem a primazia na escolha de qualquer beldade que mais lhe agradar! E todos sabemos a resposta para tudo isso. Por ser um homem tão infernalmente bonito, que se converte no herói sonhado por qualquer moça casadoura!

— Ora! Cale-se! Está me deixando enjoado! — interrompeu-o Alstone.

— É justamente isso que ocorre comigo, ao ouvi-lo dizer que está entediado! Preciso continuar a enumerar o resto de seus bens? Seu iate, o castelo na França, o seu rio de salmão...

— Basta! — ordenou o duque. — Estou falando de uma coisa diferente.

— Em que sentido?

— Creio que posso descrevê-la como um estímulo mental. O transtorno é que tudo o que faço tem um certo relacionamento que elimina completamente qualquer elemento de surpresa ou antecipação.

Para surpresa de seu amigo, o duque estava falando incrivelmente sério, o que fez com que Perry o olhasse com expressão perplexa. Perry era realmente inteligente, quando queria. Percebeu imediatamente que seu amigo não estava brincando, ou falando

superfluamente. Parecia estar seguindo, de um modo que não lhe era habitual, uma seqüência de pensamentos ponderada.

— Estive pensando na noite passada, enquanto jogávamos pôquer prosseguiu o duque —, que nós nos conhecíamos demais para que o jogo fosse realmente interessante. Por exemplo, descubro logo quando Archie recebeu uma boa mão, pelo piscar de seus olhos. Charles aperta os lábios ao ver que seu jogo está ruim, e você estala os dedos ao receber uma seqüência do mesmo naipe!

— Puxa! Isso equivale a trapaça! — protestou Perry.

— Ao contrário, é ser apenas observador e ter certeza do que vai acontecer. E devo acrescentar que também se aplica aos meus outros interesses.

— Suponho que com isso esteja se referindo a Daisy — arriscou Perry. — Já há algum tempo venho notando que ela lhe dá nos nervos.

Por um momento julgou que fora muito longe. O duque era sempre muito discreto, ao se tratar de alguém que viesse comentar seus casos amorosos. Mas naquela noite parecia disposto para confidências.

— Daisy é, sem dúvida, a mais linda mulher de Londres, contudo, até a beleza pode tornar-se monótona.

— Concordo — disse Perry, pensando que para ele não era surpresa saber que o amigo estava começando a cansar-se de Daisy, a condessa de Hellingford.

Ao vê-la pela primeira vez, sua beleza era arrebatadora. Contudo, era também inclinada a ser possessiva e, às vezes, petulante. E para ser franco, admirava-se de que o duque a tivesse tolerado tanto tempo.

— Que tal uma viagem pelo exterior, caro duque? — perguntou-lhe.

— Para onde irei? Esta é outra coisa em que pensei na noite passada. Já visitei quase todos os lugares mais atraentes do mundo. Portanto, a não ser que esteja disposto a atravessar o deserto de Gobi ou escalar o monte Everest, não me resta muito para ver.

Rindo, Perry replicou:

— É realmente um caso do “pobre rapaz rico”!

— Exatamente — concordou Alstone, indiferente à ironia. — E é por isso mesmo que estou pedindo suas sugestões.

— Pelo amor de Deus, limite-se a pedi-las só a mim. Sabe muito bem a celeuma que provocaria, contando uma coisa dessas para a “ganguê”. Todos estão satisfeitos com a situação conforme está.

O duque esboçou um sorriso cínico. Estava a par de que a “ganguê”, assim chamada por Perry, era um grupo de amigos que dele dependia para caçar, pescar, velejar e muitos outros divertimentos generosamente proporcionados em suas propriedades.

Para o duque, tornara-se quase um hábito receber essas mesmas pessoas, a fim de passarem o fim de semana em Mere, sua belíssima casa em Surrey.

Esses amigos, que formavam sua roda seleta, a consideravam como se fizesse parte de suas vidas. Os mesmos quartos lhes eram sempre reservados, e neles deixavam suas roupas e outros objetos de uso pessoal, assim evitando ter que levá-los novamente para Londres.

Se o duque pretendia mudar seu modo de vida, para Perry, isso significaria choro e lamentações por parte dos “parasitas”, assim por ele chamados. Não estava disposto a ouvi-las.

— Para onde pretende ir? — perguntou Perry ao amigo.

— No momento, não penso em ir a parte alguma. Estou apenas perguntando-lhe o que poderia fazer. No que deveria interessar-me, em vez de ficar aqui sentado, esperando, e sentindo-me quase um fóssil.

— Essa é a última coisa que poderia ser! — exclamou Perry. — Mas compreendo perfeitamente o que está dizendo, e tentarei encontrar uma solução.

— Tudo o que desejo é alguma coisa nova. Algo que seja diferente dessa rotina diária, que no momento faz com que minha vida pareça tão melancólica e serena quanto uma lagoa de patos.

— Quer trocar de lugar comigo? Posso garantir-lhe que ela seria bastante movimentada se convivesse com meu pai. Teria que ouvi-lo resmungar a respeito de responsabilidade, extravagância e de minha vida inútil, provando que não passo de um perdulário,

O duque riu, e observou:

— Seu pai sempre se aborreceu por sermos amigos. Acha que não assumo minhas responsabilidades com bastante critério. Foi o que ele sempre disse a meu pai, antes mesmo que eu tivesse idade para usar calças compridas.

— Se meu pai pudesse ouvi-lo agora — atalhou Perry —, perceberia que você está levando tudo demasiadamente a sério. Divirta-se, Alstone! Ou então, por que não tentar o casamento? Serviria como uma mudança!

Por um momento verificou-se um silêncio melancólico, que foi rompido pelo duque.

— Você sabe a resposta. Nunca mais!

— Essa é a declaração mais ridícula que já fez. É evidente que tornará a casar-se algum dia. Que tal um herdeiro?

— Meu irmão Thomas tem três filhos.

— Mas seria diferente, se você tivesse um. Acharia divertido ensiná-lo a montar, a atirar e fazê-lo entender que deveria levar avante a tradição da família.

— Esse é um quadro que não me atrai absolutamente — replicou o duque com firmeza. — Quando Elaine foi morta, não senti nenhuma tristeza. Posso garantir-lhe que tendo escapado uma vez do laço matrimonial, não tenho a mínima vontade de enforcar-me uma segunda vez.

Perry não respondeu. Estava lembrando-se de que o duque ainda era muito jovem quando seu pai tomara as providências para casá-lo com a filha de outro duque.

Do ponto de vista social, fora um enlace perfeito. Contudo, o noivo e a noiva começaram a discutir desde o momento em que saíram da igreja. Quando a esposa de Alstone morrera numa caçada, todos previram que ele tornaria a casar-se. Entretanto, a partir daquele momento, e no que se referia às mulheres, suas intenções passaram a ser totalmente superficiais.

Cercado e assediado na sociedade pelas mais adoráveis e sofisticadas mulheres,

tomara uma decisão. Divertir-se sempre com as casadas com maridos complacentes, a maioria das quais era mais velha do que ele.

Só recentemente passara a escolher por companheiras as beldades que tivessem a idade aproximada à dele, ou mais jovens. Estas, porém, eram sempre casadas, sendo duvidoso o fato de algum dia ele ter conhecido uma moça em idade de casar, ou sequer falado com alguma.

Fora esse o padrão tradicional estipulado pelo último monarca, Eduardo VII, no fim do século passado, com o “grupo da Casa de Marlborough”.

Para uma bela mulher que tivesse sido casada durante alguns anos e tivesse presenteado o marido com um herdeiro, a perspectiva era mais ou menos a seguinte: poderia ter um caso amoroso, contanto que fosse discreta, e de nenhum modo provocasse um escândalo.

Os amores ilícitos do rei Eduardo, ocorridos até o dia de sua morte, evidentemente eram conhecidos por seus amigos íntimos. Mas, fora do círculo real, a presença da bela rainha Alexandra nas cerimônias públicas servia-lhe de anteparo até para os jornais.

Perry sabia que seu amigo Alstone, embora conhecido como um conquistador, representava o modelo das virtudes para o mundo não oficial.

Após ter refletido sobre tudo isso, tornou a falar:

— Apesar de não estar disposto a casar-se, teremos que procurar alguém que possa vir a interessá-lo.

— Duvido que encontre — respondeu o duque melancolicamente. — Começo a acreditar que todas as mulheres são parecidas, seja qual for a camada social da qual se originam.

Levantou-se, indo servir-se de mais uma taça de champanha.

— Se pensa que Molly é extravagante, você não tem idéia do que me cabe proporcionar-lhe!

— Pode perfeitamente dar-se o luxo de satisfazer-lhe todos os caprichos!

— Sim, mas positivamente é exasperador saber que o verdadeiro interesse de uma mulher em você é considerá-lo uma cornucópia inesgotável.

Alstone dissera isso com amargor, e Perry achou graça. .

— Isso me lembra um velho tio, que me disse certo dia: “Na minha idade, presume-se que eu pague!” Alterando um pouco o texto, diria que você, como um duque, não pode pretender os favores de uma mulher por nada...

Vendo que o amigo não replicava, acrescentou:

— Pare de pensar como um idealista, querendo ser amado por seus belos olhos. Aceite o que os deuses lhe deram e mostre-se grato! Imagine se alguém da “ganguê” ouvisse esta conversa, não acreditaria!

O duque Alstone riu.

— Se lhe dá prazer, Perry, admito que tem razão. Estou fazendo um papel ridículo. Agora é melhor irmos nos encontrar com os outros. Já devem ter chegado. — Assim falando olhou para o relógio sobre o consolo da lareira. Faltava um quarto para as oito.

— Por que não saímos após o jantar? — sugeriu Perry. — Temos uma quantidade de

convites para festas, e espero que todos tenham recebido. Ou que tal irmos assistir ao último ato no Gaiety?

— Já o vi pelo menos três vezes.

— Existem outros teatros.

— O jantar será servido tarde demais para isso. Caso goste, podemos depois dar um pulo no Romano. Quem sabe venhamos a encontrar alguém que mereça ser admirada!

— Está bem — concordou Perry —, mas não deverá falar sobre isso em frente a Archie e o resto da turma, pois desejaram ir também.

— Ficarei calado. Iremos sozinhos — prometeu o duque.

Ele colocou a taça vazia na bandeja, e seguiram pela galeria imponente até o salão azul. Era aí que os amigos se reuniam antes do jantar.

Naquela noite a reunião era estritamente masculina. Muitos estavam voltando das corridas e queriam conversar a respeito de cavalos, o que invariavelmente era monótono para o sexo oposto.

No salão encontravam-se seis homens, com os copos nas mãos, quando Perry e o duque entraram.

— Alô, Alstone! — exclamaram quase todos erguendo os copos. — Estávamos começando a pensar que nos esqueceram.

— Não, absolutamente — replicou o duque com amabilidade. — Passaram um dia agradável?

A resposta foi dada por um coro de vozes. Ficou sabendo que as apostas tinham sido desastrosas. Os cavalos favoritos foram derrotados por azarões, nos quais ninguém tivera palpite.

— Estou disposto a afogar minhas tristezas — disse lorde Carnforth.

— Mas antes de fazê-lo, quero sua opinião, Alstone. Trata-se de uma discussão que estava tendo com Hugo, no momento em que você entrou.

O duque serviu-se de outra taça de champanha, e sentando-se, disse:

— Estou preparado para dar minha sentença. Qual foi o pomo da discórdia?

— Estávamos falando sobre a nova peça de George Bernard Shaw, — respondeu sir Hugo Benson. — Chama-se Pignfalião. Já foi vê-la?

— Não. Do que se trata?

— É a respeito de um filólogo especialista em fonética, que educa uma florista do Covent Garden com tanta perfeição que ela consegue falar e vestir-se corretamente. Acaba apresentando-a à sociedade, sem que ninguém suspeite de sua origem humilde.

— Nunca ouvi uma coisa mais ridícula! — exclamou lorde Carnforth.

— Há tempos admirei Shaw, mas isso é pura fantasia e um insulto à inteligência do público.

— Na sua opinião! — retrucou Hugo Benson. — Continuo afirmando que se um professor brilhante encontra uma moça dotada de uma inteligência maleável, consegue ludibriar pelo menos muitas pessoas.

— Teriam que ser retardadas ou débeis mentais! — exclamou Archie Carnforth. — Imaginam, por um momento, que qualquer um de nós poderia ser enganado por uma

desconhecida? Claro que não!

— Suponho que isso dependeria do quanto fosse bonita e bem vestida — arriscou-se Perry a dizer.

— Não estamos falando de prostitutas — replicou Archie. — Trata-se de uma moça vinda de um ambiente miserável que engana pessoas inteligentes, fazendo-as acreditar que é uma dama. É este o enredo da peça de Shaw, e acho-o ridículo!

— Concordo com você — observou outro convidado. — Sabe tão bem quanto eu que na sociedade é fácil cometer gafes. Podem ser incrivelmente indiscretas para os que estão a par do assunto.

— O que quer dizer com isso? — perguntou alguém.

— Muito bem, tomemos nós mesmos como exemplo — atalhou Archie Carnforth. — Suponhamos que alguém tentasse impingir-nos uma desconhecida. Saberíamos imediatamente se ela era autêntica ou não. Seria como pretender que um colar falso viesse do Cartier. Nós o reconheceríamos logo. O que acha, Alstone?

— Sinto-me inclinado a concordar com você. Contudo, e ao mesmo tempo, posso compreender que a peça de Shaw seja interessante. Terei que ir assistir a ela qualquer dia.

— Se fosse você, não gastaria meu dinheiro! — tornou a dizer Archie Carnforth. — O assunto todo é um amontoado de asneiras, do começo ao fim!

— Não concordo — disse Hugo Benson bruscamente. — À parte qualquer outra coisa, penso que as mulheres são tão adaptáveis quanto o camaleão. Podem amoldar suas opiniões às da pessoa com quem estejam conversando no momento.

— Esse é mais um absurdo inqualificável! — atalhou lorde Carnforth agressivamente. — As mulheres têm que se apegar ao seu próprio ambiente, às pessoas com as quais tenham laços de sangue e afinidade intelectual. Fora isso, elas se sentem tão deslocadas quanto um peixe fora d'água.

Hugo levantou-se, dizendo indignado:

— Essa é a afirmação mais idiota que já ouvi! Através de toda a história, as mulheres se habituaram a se adaptar à sociedade na qual foram introduzidas pelas circunstâncias!

— Nesse particular, concordo com Hugo até certo ponto — observou o duque.

— Duvido que Hugo possa concretizar o que declarou — tornou a replicar lorde Carnforth. — Nós nos conhecemos muito bem, o mesmo ocorrendo com as mulheres que Alstone recebe tão generosamente quanto a nós. Pois bem. Imaginem agora uma desconhecida de educação inteiramente diversa da nossa, que de repente fosse atirada em nosso meio. Ela só poderia sentir-se deslocada, isolada de um modo bastante constrangedor, e para nós seria a mais maçante das criaturas.

— Compreendo o que está querendo dizer — observou alguém. — Ela se sentiria completamente por fora. Não entenderia nossas piadas, ou seria incapaz de tomar parte numa conversa. Sim, de fato, acabaria tornando-se um estorvo para nós, e isso seria embaraçoso para ela.

— Exatamente! — prosseguiu Archie. — Vejamos se Hugo pode contestar isso.

— É evidente que posso — retrucou Hugo. — Nenhum grupo social é estável. Pessoas novas nele ingressam, homens e mulheres. Embora de início possam sentir-se

estranhas, são rapidamente absorvidas por esse grupo.

— Continuo afirmando que não é fácil. A não ser que tenham nascido no mesmo nível social e possuam os mesmos interesses daqueles aos quais se associaram — revidou Archie Carnforth. Olhou ao seu redor, antes de acrescentar:

— Vocês podem imaginar se esta noite tivéssemos aqui um homem que não fosse adepto do turfe, não jogasse bridge, não tivesse freqüentado uma escola pública e não conhecesse nenhum de nós? A única coisa que me ocorre dizer é que sentiríamos pena do pobre coitado.

— Mas, supondo que fosse uma mulher? — perguntou alguém rindo.

— Mesmo se fosse simpática — respondeu lorde Carnforth —, ou até bonita, se assim preferirem, ela continuaria sentindo-se constrangida. Isso porque não conheceria ninguém de nossas relações, e não freqüentaria os mesmos lugares que nós, e não admiraria Alstone, o duque mais bonito da atualidade.

— Ela seria cega se não percebesse isso! — observou Perry, e a gargalhada foi geral.

— Ao se tratar de mulheres, evidentemente isso se torna mais fácil do que no caso de um homem — disse Hugo Benson, após ter-se restabelecido o silêncio. — E por isso mesmo afirmo que o ponto sustentado por Shaw em Pigmalião é perfeitamente possível. O professor levou muito tempo e teve dificuldades para ensinar a florista Eliza Doolittle a falar corretamente, mas afinal era um foneticista. Suponhamos que devamos começar com alguém que não fosse uma dama por nascimento. Vocês não imaginam que ela pudesse sentir-se à vontade conosco? E que acabaríamos aceitando-a sem mais problemas?

— Impossível! Completa e absolutamente impossível! — contestou Archie Carnforth.

— Está dizendo tolices, Hugo! Você pode imaginar esse tipo de mulher que sugeriu, capaz de conversar com Daisy ou Kitty, sem que estas, percebendo a situação, após dez minutos a fizessem chorar?

— Sim, se ela fosse pretensiosa — respondeu Hugo Benson. — Mas se fosse muito jovem, assim como a Eliza Doolittle de Shaw, acho que elas a aceitariam.

— Muito jovem? — perguntou Archie Carnforth. — Santo Deus! Já teve ocasião de ver uma debutante, apenas recém-saída de uma escola, desajeitada, muda e desesperadoramente tímida? Sinto-me sempre surpreso de que o simples ato do casamento possa torná-las as criaturas espirituosas e encantadoras que julgamos tão sedutoras.

— Suponho que o casamento produza o mesmo efeito do foneticista de Shaw — admitiu Hugo. — Mas creio que estamos nos afastando do assunto. O que estou tentando dizer é que seria possível adestrar uma completa desconhecida como se adestrou aquele cavalo que foi o vencedor desta tarde para derrotar o favorito.

O duque ouvia com atenção, e era evidente que se mostrava interessado no que sir Hugo estava sugerindo. Após um momento, disse:

— O que está dizendo é que, supondo-se que uma moça ingresse em nosso círculo privado, ela não ficaria desajeitada e muda como Archie sugeriu? Mas que em pouco tempo se tornaria bem-educada e confiante, como nos julgamos ser?

— E somos! — declarou Perry.

— Está bem. Como somos — concordou o duque.

— É isso mesmo — respondeu Hugo. — Você entendeu muito bem. E o que Archie tem a dizer?

— Digo que você enlouqueceu e que isso é completamente impossível, a não ser no palco. Se está tão certo de si mesmo, Hugo, é melhor provar, do contrário ninguém acreditará em sua teoria.

Verificou-se um silêncio imprevisto. E, então, o duque disse num tom jocoso:

— Hugo, isso é um desafio. Por uma vez estou disposto a fazer uma aposta!

— Eu também! — exclamou um dos convidados. — Quem se encarregará de anotar às apostas?

— Farei isso — anunciou Perry. Observara que a idéia interessara ao duque. Pensou que aquilo poderia ser um excelente meio de tirá-lo daquele estado de introspecção. “Pelo menos, é uma coisa nova”, pensou. “Só Deus sabe se conseguiremos fazê-la durar.”

— Ora, Hugo — disse ao amigo —, espero que agora não vá arrepiar carreira.

— Não tenho intenção de fazer isso — replicou sir Hugo, bruscamente. — Deixem-me pensar um minuto.

— O que estamos lhe pedindo — explicou o duque, como se desejasse esclarecer o assunto — é apresentar-nos uma moça. Aliás, para não perder tempo, ela não precisa ter ascendência ilustre. Não deve ter tido nenhum contato com o mundo social e nenhuma experiência com qualquer coisa que nos seja demasiadamente familiar. Então, num curto espaço de tempo, terá que sentir-se tão à vontade em nosso meio, que a aceitaremos como uma das nossas. Está certo?

Hugo Benson inclinou a cabeça, e lorde Carnforth disse com um sorriso:

— Estou preparado para apostar mil contra um que Hugo fracassará melancolicamente em suas aspirações teóricas.

— Pois estou disposto a apoiá-lo, Archie — disse um homem sentado perto dele. — Muito bem, Hugo. Aposto quinhentas libras como essa experiência fracassará completamente.

— Aceito as apostas — declarou sir Hugo. — E você, Alstone?

— Pretendo ser o juiz. Quero deixar bem claro desde já, Perry, que a decisão do juiz é a final.

— Sim, naturalmente — concordou Perry. — Quem aposta? Hugo, pessoalmente pretendo apoiá-lo.

— Obrigado, Perry. Tenho um pressentimento de que precisarei de um amigo.

— Pode contar comigo, também — observou outro convidado, enquanto mais três apostavam quantias pequenas contra sir Hugo.

— Isso vai custar-lhe um bocado de dinheiro — disse Perry ao somar as apostas.

— Não vou perder — declarou sir Hugo. — Embora eu lhes jure que nem imaginava uma coisa dessas ao começar a discussão, acho que sei exatamente quem deve ser a moça adequada para esta experiência.

— Queremos saber tudo a respeito dela — disse o duque. — Precisamos ter certeza de que você não se prevalecerá disso para tomar a dianteira.

— Não estou fazendo nada disso — replicou Hugo —, pois há uns três anos que não a vejo.

— Quem é ela?

— Acontece que é minha sobrinha.

Reinou silêncio na sala, interrompido por lorde Garnforth:

— É melhor sabermos todos os detalhes antes de aceitarmos a entrada de Hugo nessa competição.

— Estou preparado para fornecê-los — respondeu Hugo. — Essa moça é filha de meu irmão, de quem talvez se lembrem: era um sacerdote. Foi o vigário de uma modesta paróquia em Worcestershire.

Alguém riu, dizendo em seguida:

— Desculpe, Hugo, mas não tinha idéia de que seu irmão fosse um sacerdote. É a coisa mais absurda que já ouvi. Você, um brilhante homem de sociedade, ter um irmão que faz parte da igreja!

— É verdade — replicou Hugo. — E, quando meu irmão morreu mandei sua filha estudar numa escola em Roma.

— Por que fez isso?

— Ela parecia ser uma garota tranqüila, estudiosa, com dons artísticos. Achei que lá receberia uma educação melhor. E, para ser franco poupou-me as preocupações nas férias.

— Está querendo dizer — arriscou o duque — que Kitty não aprecia muito as mocinhas, e não sabe o que fazer com elas.

— Exatamente! — concordou sir Hugo. — É isso mesmo.

Todos os que ouviam compreenderam perfeitamente. Kitty Bensom a mulher de sir Hugo, sempre comprometida com um caso amoroso, não havia de querer uma moça em sua casa. Principalmente uma sobrinha nada sofisticada, que talvez viesse a censurar o comportamento da tia E ainda mais. Sabiam que Kitty estava atingindo a idade na qual não desejava ser tia de ninguém!

— Por isso, mandou-a para Roma — voltou a dizer o duque, — O que aconteceu depois?

— Ela cresceu. E a escola, que por acaso é um convento, não pôde conservá-la mais tempo.

— Um convento! — exclamou Perry.

— É um convento-escola — explicou sir Hugo. — As freiras ensinam algumas matérias, e há também professores externos que lecionam outras disciplinas. A maioria das alunas é católica. Contudo, aceitam moças de outras religiões. Não tive dificuldade para internar Lorena.

— Ah, ela se chama Lorena? — perguntou o duque.

Sir Hugo inclinou a cabeça afirmativamente e acrescentou:

— Fui muito franco com os senhores. Não a vejo há uns três anos. Naquela época eu a achava atraente, de uma beleza um tanto incomum. Mas nesse ínterim, qualquer coisa poderá ter ocorrido.

— O que você está esperando — observou alguém — é que seu “cavalinho azarão” se

torne uma beleza.

— É evidente — concordou sir Hugo —, mas como um bom esportista, devem reconhecer que estou dando uma chance a todos, para provar que se estiver enganado, isso certamente vai me custar uma fortuna!

— Pelo menos, está certo quanto a isso! — disse Perry olhando para a lista das apostas.

— Pode falar-nos um pouco mais de sua sobrinha? — perguntou o duque.

— Para ser franco, o que sei é bem pouco. Ela me manda cartas respeitosas e muito interessantes. Evidentemente, é inteligente e, espero, bastante culta.

— Mas não demasiadamente — exclamou um dos homens. — Se há uma coisa que detesto é uma mulher culta e talentosa!

— Terá que ser inteligente — replicou Perry —, se é que deve realizar as esperanças que Hugo nela depositou.

— Sim, é claro, esqueci-me disso.

— Entretanto, ela pode ser tão bronca, calada e tímida quanto Archie previu — observou sir Hugo. — O que espero é que tenha algo do pai, e como diriam os turfistas, que possa galopar folgadoamente para alcançar a meta triunfal.

— Acho que está pedindo demais — disse o duque com um sorriso.

— Se ela for igual a você, Hugo, deixará a sociedade aparentemente desorientada, como fez a heroína de Shaw.

Seu comentário encerrava uma certa verdade, pois sir Hugo Benson era o protótipo da elegância e sutileza. Sob determinados aspectos, era considerado o equivalente atual dos dândis georgianos, que se concentravam em redor do príncipe regente.

O rei Eduardo o julgava o mais espirituoso de seus amigos. Raramente realizavam uma festa na Casa de Marlborough, e posteriormente no Palácio Buckingham, sem a presença de sir Hugo.

Com a morte do rei, ele se afeiçoara ao duque. Conseguira alegrar o que era conhecido como o “grupo Windlemere”, transmitindo sua finura, seu senso de humor e sua originalidade àqueles que tentavam manter o duque como sua propriedade individual.

Estava agora com mais de quarenta anos, mas parecia muito mais moço. Seu porte e a elegância no trajar causavam inveja a todos os rapazes ambiciosos do mundo social.

Quando foram jantar, Perry pensou que era bem típico de Hugo sugerir uma nova distração. No momento, aquela era a resposta para o duque, que desejava alguma novidade.

Não teve dúvidas de que o duque Alstone estava interessado, pois ao sentar-se à cabeceira da mesa, com sir Hugo à direita, perguntou:

— Quando iniciaremos nossa experiência?

— É o que desejo saber — foi logo dizendo lorde Carnforth. — E nada de trapanças, Hugo, caso pense em instruir a moça antecipadamente.

— É isso mesmo que quer saber? — perguntou sir Hugo. — Acho que se eu não puder falar com ela e contar-lhe o que pretendemos, terei uma grande desvantagem.

— Acredito que a desvantagem seja dela, por ser sua sobrinha — disse um deles rindo.

— Isso é evidentemente um elogio — observou o duque. — Entretanto, sendo juiz, não posso permitir que Hugo venha a arcar com toda a responsabilidade.

— Posso ver que Archie duvida realmente de mim — replicou sir Hugo. — Portanto, estou disposto a correr um risco, o que vocês certamente apreciarão.

— E qual é? — perguntou lorde Carnforth.

— Permitirei que um de vocês, aqui escolhido, vá comigo receber Lorena. Ela chegará depois de amanhã à estação Vitória. Depois lhes caberá decidir para onde devemos levá-la, e como se encontrarão com ela pela primeira vez.

Após um curto silêncio, o duque falou:

— Ia justamente sugerir que ela viesse para cá. Mas depois de amanhã é sexta-feira, e pretendia ir para Mere.

— É evidente! — exclamou Archie Carnforth. — Mere seria o lugar ideal para Lorena provar seus méritos.

— Julgo — disse sir Hugo com um sorriso — que ela achará Mere tão deprimente, tão suntuosa, que emudecerá de espanto mal a veja.

— Pode sugerir outro lugar melhor? — perguntou Archie.

— Não, e mais uma vez aceito o desafio. Alstone tem razão. Uma reunião em Mere seria um teste difícil para qualquer mulher, e muito mais para uma moça inexperiente. Assim, de uma vez por todas poderei provar meu ponto de vista.

— Pessoalmente, acho que está louco, embora eu o esteja apoiando — disse Perry. — Contudo, se pegar sua sobrinha na estação Vitória, estará em Mere no espaço de uma hora e meia, com um dos carros de Alstone.

— Concordo — disse sir Hugo. — Quanto a você, Archie, pode mandar qualquer um que quiser para acompanhar-nos. Assim saberá que não estou dopando o cavalo antes de a corrida começar.

— Pensarei em alguém — replicou Archie Carnforth.

— Não se apresse — observou sir Hugo, bem-humorado. — Deveríamos chegar a Mere mais ou menos às seis e meia, assim ela teria tempo suficiente para vestir-se antes do jantar.

Com um sorriso, lançou um olhar à sua volta, parecendo satisfeito de si mesmo.

“Está apostando com segurança”, pensou Perry, intimamente, “ou então é um jogador mais imprudente do que eu imaginava.” Não estava propriamente preocupado com sir Hugo. Em todo caso, no momento, a expressão de tédio desaparecera dos olhos de Alstone.

Quando o trem chegou aos subúrbios de Londres, Lorena começou a arrumar suas malas. As duas moças que estavam com ela fizeram a mesma coisa.

— Será que seremos apresentadas no mesmo salão? — perguntou uma delas. — E você, Lorena?

— Não sei o que acontecerá comigo — respondeu ela com uma voz suave. — Como

sabem, não tenho mãe para apresentar-me. Aliás, meus pais morreram.

— Oh, esqueci-me de que era órfã! — exclamou a moça. — Pobre Lorena! Mas talvez possamos nos encontrar, se você ficar em Londres.

— Ignoro também onde ficarei — respondeu Lorena. — De vez em quando recebo cartas de meu tio com poucas notícias. É realmente assustador iniciar uma nova vida sem ter idéia de como será, e nem mesmo de onde viverei.

— Acho isso horrível — observou uma de suas amigas. — Espero que tudo dê certo. Você é inteligente demais para evitar que isso aconteça.

— Quem me dera que fosse verdade — Lorena sorriu. — De qualquer forma, conheço minha tia. Não ficará muito impressionada com minha cultura livresca.

Ao falar, lembrou-se de sua tia Kitty, quando a vira na última vez Elegantemente vestida, mas com uma expressão dura em seu belo rosto. Ingenuamente, Lorena lhe perguntara se iria para casa nas férias.

— Para casa?! — exclamara lady Benson com aspereza. — Se está pensando em vir para cá, a resposta é não! Ficaré em Roma até completar sua educação, o que levará pelo menos três anos.

— Todo esse tempo? — perguntara Lorena, consternada.

— Você é uma moça de sorte! Seu tio gasta uma fortuna para tê-la em Roma! Receberá uma educação excelente! Pelo menos, deve sentir-se grata!

— Mas sou grata, muito grata... — respondera Lorena. — Só que a idéia de estar entre desconhecidos... saber que não conheço ninguém...

— Sendo órfã, tem que habituar-se com os desconhecidos — interrompeu-a lady Benson. — Lorena, quero deixar bem claro que não tenho nenhuma tendência para ser acompanhante de uma garota. Não gosto de crianças e graças a Deus não tenho filhos!

— Compreendo... — disse Lorena, humildemente.

No dia seguinte, quando partira para Roma com outras companheiras não se despedira de Kitty porque a tia ainda não se levantara.

Seu tio Hugo sempre fora muito bondoso com ela. Contudo, achava um tanto assustador. Sob muitos aspectos, era tão diferente de seu pai que lhe parecia esquisito pensar que fossem irmãos.

Quando ainda era menina, ficara sabendo que seu pai escolhera o caminho da Igreja, sendo pastor, e com isso contrariara o próprio pai e o irmão mais velho. Ele ouvira o chamado de Deus, para adorá-lo e servir ao próximo. Não houve argumento que o convencesse a abraçar a carreira militar, conforme a tradição da família.

O pastor casara-se com a filha de um proprietário rural, que era tão desinteressada pelo mundo quanto ele. Todavia, amavam-se tanto que em qualquer lugar em que vivessem pareciam envolvidos numa aura de felicidade que dinheiro algum poderia proporcionar.

Após terem morrido, Lorena compreendeu que aquele mundo especial, que lhe parecera sempre cheio de sol, música e alegria, ia desaparecer para sempre.

Levara algum tempo para adaptar-se à vida no colégio. Nem mesmo as freiras compreendiam o quanto sofria, ou a saudade que tinha de um lar que não mais existia, e

dos pais, agora juntos num lugar para ela inatingível.

As freiras a achavam muito sossegada. Com o passar do tempo, a sua meiguice e compreensão dos problemas alheios a tornaram diferente das outras meninas. Aos poucos, aquelas que de início mal a notavam não só perceberam a sua presença, como quão importante era para elas pessoalmente. Instintivamente, passaram a procurá-la.

Ouvia os problemas das companheiras, bem como os das outras pessoas do convento. Isto incluía as professoras visitantes, as empregadas italianas sempre dispostas a conversar, e até mesmo as freiras.

Possuía uma grande capacidade para ouvir. Embora falasse pouco, as pessoas que a ela se dirigiam tinham a impressão de que haviam encontrado a solução para seus problemas.

Isso talvez ocorresse por fazê-las encontrar em si mesmas as respostas de que precisavam. Uma qualidade ou virtude que acabou sendo elogiada pela própria madre superiora.

— Foi uma felicidade tê-la aqui conosco — disse a Lorena ao despedir-se. — Você evoluiu muito, e espero poder creditar a nosso favor uma boa parte desse desenvolvimento. Mas julgo que na realidade, minha filha, você tem algo que Deus nos dá ao nascer. Tanto podemos desenvolvê-lo como ignorar sua existência.

Lorena sorriu.

— Espero, reverenda madre, que eu o tenha desenvolvido.

— Você o desenvolveu, e é alguma coisa que lhe será proveitosa agora que vai enfrentar o mundo. Consta-me que ainda não tem certeza do lugar onde viverá, e de quem se encarregará de você.

— Eu... estou certa de que meu tio encontrará... alguém — disse ela, hesitando.

A madre sentiu que Lorena estava apreensiva.

— Deve acreditar em Deus. Lembre-se, filha, de usar sempre seu instinto. Ele lhe dirá o que está certo ou errado. Este é o modo pelo qual Deus fala conosco, principalmente se precisamos de Sua orientação.

— Lembrar-me-ei, reverenda madre.

Pensara intensamente nisso durante a longa viagem pela França.

Sabia que seu instinto teria que ajudá-la de muitos modos, os quais, talvez, a freira não tivesse considerado.

Nos livros que lera no convento não constava nada do que pudesse informá-la sobre o mundo social. Sabia que seus tios freqüentavam esse mundo, e Lorena intimamente estava convencida de que sua tia não desejaria que ela dele participasse.

Seu pai costumava caçoar do lugar importante que o irmão ocupava na sociedade. Zombava também do modo pelo qual ele se associava à realeza, como se a ela tivesse direito. Ouvira-o dizer muitas vezes: “Como eu teria detestado tudo aquilo!”

— Mas papai, deve ser muito interessante — aventurara-se ela a replicar.

— Depende do que você quer da vida. A ostentação superficial das solenidades e das circunstâncias certamente não é para mim.

Contudo, se torna meu irmão Hugo feliz, serei o último a dizer-lhe que deveria I

procurar qualquer coisa diferente.

— Deve ser fascinante conhecer o rei e a bela rainha Alexandra — argumentava Lorena.

— Sim, existe realmente muito esplendor em torno deles — admitiu o pai. — Ao mesmo tempo, são apenas pessoas, gente igual ao velho casal Briggs, que estou indo agora visitar, porque eles comemorarão as bodas de ouro na próxima semana.

Sorrira antes de acrescentar:

— Não será festejada com muito ouro, mas tenho certeza de que sua mãe já está se preparando para fazer um bolo.

— É evidente, querido — dissera a mãe. — Já o idealizei! Comprei até umas velinhas douradas para colocar por cima dele!

— Meu bem, você pensa em tudo — dissera o pai, beijando-a antes de sair.

“Como eram felizes...”, lembrou-se Lorena. Perguntou à si mesma se o tio Hugo poderia ser feliz com tia Kitty. Fora ela quem dissera: “graças a Deus não tenho filhos”.

Seus pais sempre lastimaram ter apenas uma filha. Ouvira sua mãe dizer:

— Gostaria de ter tido uma dúzia de filhos! Seu pai teria ficado tão feliz! Deus, porém, tinha outras idéias, e depois que você nasceu, os médicos disseram que eu não podia ter mais nenhum.

— De que modo, querida mamãe, posso substituir os filhos que você não teve? — perguntara-lhe Lorena.

Sua mãe abraçou-a, dizendo:

— Já fez isso, meu bem. Seu pai e eu estamos felizes por termos uma filha adorável e linda!

— Nunca serei tão bonita quanto você, mamãe!

— É agradável ser bonita — observou ela. — Porém, é maravilhoso, quando o homem que amamos nos julga uma beleza.

— É isso que papai pensa.

— Eu sei. Por isso mesmo não sou apenas a mais venturosa das mulheres, mas também a mais feliz.

“É isso o que quero em minha vida”, pensava Lorena enquanto o trem a levava para Londres. “Ser tão feliz quanto o foram papai e mamãe.”

Lorena ainda continuava imersa em seus pensamentos quando o trem estacionou na plataforma da estação Vitória. Avistou seu tio Hugo incrivelmente elegante, de cartola, com um cravo na lapela, esperando-a ao lado de outro cavalheiro.

CAPÍTULO II

Enquanto esperava na plataforma, sir Hugo teve que admitir para si mesmo que estava apreensivo. Não pretendia deixar-se envolver daquela forma, num desafio que talvez viesse a custar-lhe uma fortuna!

Bebera muito nas corridas, e embora nunca se embebedasse — era demasiadamente cuidadoso para que isso acontecesse — concluía posteriormente que seu bom senso ficara um pouco deturpado.

O único motivo que o fizera aceitar o desafio fora o fato de Archie Carnforth tê-lo aborrecido. Ele era realmente o único amigo íntimo do duque por quem sentia uma certa aversão.

Archie era sempre muito presunçoso, e sempre achava que, qual quer que fosse o assunto, seus antagonistas forçosamente tinham que estar enganados.

Começara a irritá-lo nas corridas. Sempre que um cavalo desconhecido ganhava, punha-se a fazer uma preleção sobre como prever que determinado cavalo tivesse uma chance. Embora fosse um conhecido proprietário de cavalos de raça, raramente apostava.

Por isto, sir Hugo e muitos outros o achavam irritante.

De qualquer modo, pensou sir Hugo, deixara-se levar pelo que prometia ser uma visita desagradável à mansão Mere. Em vez de esperá-la com ansiedade, como sempre acontecia, a fim de encontrar-se com o duquí e seus amigos, sentia-se positivamente apreensivo.

Pensou que agora era tarde demais para fazer o que devia ter sido feito: ficar com Lorena em Londres durante uma semana para que pelo menos, conseguisse vesti-la adequadamente antes de apresentá-la aos seus adversários naquela aposta.

Fora isso que fizera o professor Higgins em Pigmallio. Chegou à conclusão de que tinha sido negligente ao se esquecer do quanto eram importantes as roupas usadas por uma mulher. Pensou tristemente que tinha sido um idiota.

Como se adivinhasse o que ele estava sentindo, Perry disse-lhe:

— Ânimo, Hugo! A sua tradicional boa sorte resistirá a qualquer coisa.

Sir Hugo achou graça.

— É tão evidente assim que eu esteja prevendo o pior?

— Mal falou uma palavra desde que saímos de White, e isso é muito raro!

Na véspera, durante o jantar em Mere, tinham tido uma discussão acirrada sobre quem deveria acompanhar sir Hugo à estação. Lorde Carnforth sugerira ele mesmo. Contudo essa idéia foi rejeitada porque, como dissera Hugo Benson, ele estava demasiadamente comprometido, e poderia tramar alguma coisa que amedrontasse ou constrangesse Lorena ante o que a esperava.

Finalmente quem decidira fora o duque. Alegou que, como juiz, estava designando Perry, por acreditar que podia confiar nele. Sendo imparcial, era uma questão de espírito

esportivo.

— Ele pode estar de seu lado, Hugo — dissera Alstone. — Mas ao mesmo tempo, assumirá a responsabilidade de verificar se você não se prevalecerá de alguma vantagem desonesta no trajeto para Mere.

— Se quer saber — dissera-lhe Hugo —, esse páreo está pesado demais para mim. Primeiro, não tenho permissão para avisar minha sobrinha. Segundo, ela terá em Perry um desconhecido ouvindo cada palavra que disser, e terceiro, estará cansada após essa longa viagem.

— Levarei tudo isso em consideração — observara lorde Carnforth, de um jeito que o irritara ainda mais.

E agora, enquanto esperavam na estação, disse a Perry:

— Acabo de verificar que, pelo menos, podiam ter-me autorizado a vestir Lorena adequadamente para o papel que terá que representar.

— Expressou-se mal — observou Perry. — Ela deve ignorar que se trata de uma representação. Caso ela comece a dissimular, sabe tão bem quanto eu que isso será evidente para todos.

Sir Hugo inclinou a cabeça, concordando, e disse:

— Entretanto, suponho que aparecerá vestida com as roupas que usava no colégio — suspirou ao lembrar-se de como se trajavam mal as colegiais que tivera ocasião de ver, ao desfilarem pelo Hyde Park.

Decidiu então que se Lorena tivesse algo de parecido com elas, desistiria de tudo e se recusaria a levá-la para Mere. Assim pensando, disse em voz alta:

— Não estou disposto a tornar-me objeto de zombaria de todos. — Ao notar a expressão de surpresa no rosto de Perry, acrescentou: — Reconheço ter cometido um erro fundamental no que se refere à palavra “ir”. Quero deixar bem claro, Perry, que se a moça for vulgar, com o rosto todo manchado e mal vestida, você “irá” para Mere sozinho. Não “vou” deixar que Archie me humilhe, a partir do momento em que ele a conhecer.

— Não vejo motivo por que ela não deveria ser atraente, se é sua sobrinha — observou Perry num tom conciliador.

— Archie tem razão — continuou sir Hugo, melancolicamente. — As mocinhas inexperientes dessa idade são desajeitadas, broncas e tímidas. Não sei por que cargas d'água fui o primeiro a me meter nessa enrascada.

— Porque ficou irritado ao ver Archie tão dogmático.

— É verdade — admitiu sir Hugo, rindo.

— Pois estou interessado nessa competição, ou como quer que a chame. Não só por concordar com você, sobre Archie ser irritantemente prepotente, mas porque ela parece divertir Alstone.

— Imaginei logo que era esse o motivo pelo qual me apoiou — disse sir Hugo com um sorriso.

— Ele está entediado, Hugo. Parece incrível, mas está!

— A culpada disso é Daisy. Está abusando demais da amizade dele. Deveria tê-la avisado de que estava começando a saturá-lo.

— E por que não avisou?

— Em várias ocasiões, ela fez tudo para atrapalhar minha vida.

— Ah, então quis pagar na mesma moeda?...

— Isso mesmo! E só espero que uma vez livrando-se dela, Alstone encontre alguém mais cordato, e evidentemente uma mulher mais simpática para com os amigos dele.

— Já pensou em alguém? — perguntou Perry.

— Sim, e estive para sugerir que devia ser convidada para ir a Mere esta semana. Mas pensando bem, talvez cause confusão.

— De fato — concordou Perry. — Queremos que Alstone se concentre na competição. É melhor que apareça numa outra ocasião, e não, evidentemente, quando Daisy estiver lá.

— Foi o que pensei — disse sir Hugo. — E como Daisy deve estar em Mere esta semana, não haverá lugar para mais ninguém.

Os dois sorriram maliciosamente.

Daisy, a condessa de Hellingford, tinha sido arrogante e, às vezes, segundo julgavam, desleal com ambos. Por gostarem sinceramente do duque, achavam importante protegê-lo contra qualquer um que o explorasse de um modo muito evidente. Isto se referia mais às mulheres.

Por ser tão rico, aqueles por ele favorecidos costumavam aproveitar-se de sua generosidade. Até certo ponto, isso era compreensível.

Entretanto, Daisy Hellingford era gananciosa. Não se contentava com os diamantes que usava à volta do pescoço, dados pelo duque, bem como com os cavalos que montava e os carros de passeio. Pretendia também que ele lhe desse muitas outras coisas, não consideradas presentes admissíveis entre um homem e sua amante.

Daisy não podia ser considerada pobre. Seu marido, tendo por objetivo principal as caçadas na África, era um homem abastado, possuindo uma grande propriedade em Gloucestershire.

O fato de não viajar sem uma companhia feminina tornava Daisy simpática às amigas. Desempenhava assim o papel de mulher enganada. Mas sir Hugo e Perry estavam convencidos de que se havia qualquer coisa irregular naquela situação, era o procedimento de Daisy.

— Posso dizer-lhe uma coisa — observou Perry. — Quando eles se separarem de fato, precisamos ter certeza absoluta de que alguém em Mere conte os quadros de Van Dyke e a coleção das caixas de rape...

Sir Hugo riu. Ambos estavam pensando num outro caso amoroso do duque. Ao se separarem, com muitas recriminações por parte da ex-amante, o duque fizera uma descoberta: após o rompimento final, muitas miniaturas, que eram uma herança da família, haviam desaparecido misteriosamente. Entretanto, foram devolvidas em troca de uma boa quantia em dinheiro.

— O trem está chegando! — exclamou sir Hugo.

Perry, um tanto divertido, sentiu que seu amigo estava positivamente tenso, o que não era muito habitual em sir Hugo.

Ele era uma dessas criaturas que dão a impressão de serem imunes às preocupações mesquinhas e maçantes. Portanto, aquele seu estado de ansiedade era realmente excepcional.

Quando o trem apareceu resfolegando, e parou no fim da plataforma, Perry sentiu que estava profundamente curioso para ver como seria Lorena. Se fosse atraente como ele e seu tio esperavam, isso poderia vir a ser muito divertido e até um triunfo. Mas algo lhe dizia que aquilo não era muito provável.

Ela poderia não ser tão desengonçada e feia quanto Archie descrevera. Mas tinha razão ao dizer que uma colegial estaria deslocada num lugar como Mere, entre os homens e mulheres mais sofisticados da Europa.

Com a morte do rei Eduardo, desapareceram os anfitriões que com tanto esplendor presidiam às recepções nos salões suntuosos. Permanecera apenas o grupo de Windlemere, para brilhar social e intelectualmente. As mulheres eram escolhidas por sua beleza e os homens pela inteligência.

Do mesmo modo que sir Hugo, Perry se perguntava como podiam ter tido a idéia absurda de imaginar que o grupo pudesse considerar Pigmalião uma coisa verossímil. O culpado era Shaw, que de um modo ou de outro sempre fora um revoltado.

Enquanto os passageiros saíam do trem, sir Hugo os observava. Ligeiramente inclinado sobre sua bengala, a cartola elegantemente colocada, parecia muito à vontade. Somente Perry sabia o que ele devia estar sentindo.

— É ela, finalmente! — exclamou sir Hugo, emocionado. Perry virou a cabeça e viu uma moça que se aproximava.

Por um momento pensou que parecia demasiadamente jovem para ser Lorena. Mas quando chegou mais perto, teve certeza que era ela.

Ao avistar sir Hugo, saiu correndo em sua direção, exclamando:

— Tio Hugo! — Havia alegria em sua voz. — Tinha tanta esperança de que o senhor viesse receber-me! É um prazer vê-lo e uma satisfação estar aqui novamente!

Sir Hugo beijou-a na face, dizendo em seguida:

— Estou contente por ter voltado, Lorena. Deixe-me olhá-la... Não parece ter crescido muito.

Ele a afastara um pouco, e Perry sabia que tinha outro motivo para inspecioná-la, além do fato de ser sua sobrinha.

Perry suspirou fundo. Se esperara algo diferente de uma colegial comum, suas esperanças haviam-se realizado. Lorena não se parecia absolutamente com qualquer colegial que conhecera antes. Olhando para seu rosto, era difícil pensar que tivesse mais do que uns quinze ou dezesseis anos. Mas, por baixo da toalete azul de viagem, vislumbrou um corpo harmoniosamente bem-feito.

No momento, porém, Perry estava unicamente preocupado com o rosto. Não lhe foi difícil concluir que ela não era propriamente bonita, mas atraente, sendo, contudo, diferente das outras mulheres.

Desde o começo do século, ficara mais ou menos estipulado um padrão de beleza feminina. As mais admiradas eram altas, loiras, olhos azuis e formas ligeiramente

avantajadas.

Lorena não era nada disso. Era pequena, delgada, a pele de uma alvura que lembrava a de um céu ao amanhecer. Os olhos de um azul transparente. Por parecer tão jovem, seu rosto deveria ser redondo, no entanto, o queixo era oval, o narizinho muito reto e os lábios bem delineados.

Quando sir Hugo a apresentou, ela sorriu. Ele teve a impressão de que em seus olhos estranhos brilhavam a luz do sol, e em seu sorriso o encanto espontâneo que o fez lembrar de sua infância.

— Este é Peregrine Gillingham, um velho amigo que nos acompanhará na viagem que faremos para o campo.

— Para o campo, tio Hugo! — exclamou ela. — Que maravilha! Aonde iremos?

— Para a casa de outro amigo, o duque de Windlemere — respondeu seu tio. — É uma das mais lindas mansões da Inglaterra. Acho que gostará de conhecê-la.

— Parece muito emocionante! Mas ainda mais emocionante do que tudo é estar aqui com o senhor.

O carregador retirara do trem a bagagem de Lorena. Perry observou que consistia apenas em duas pequenas malas de couro. Lorena estava desculpando-se pelo atraso do trem, devido à travessia do canal ter sido muito agitada.

— Você enjoou? — perguntou sir Hugo.

— Não, mas muitas pessoas se sentiram mal. Tive pena, mas não podia fazer nada, e por isso fiquei no convés.

Ao saírem da estação, dois carros grandes já os esperavam. Um deles, com um motorista de uniforme verde-garrafa, tendo ao seu lado um criado de libre. O outro deveria levar a bagagem e também os empregados de sir Hugo e de Perry.

Lorena entrou no primeiro e, ao sentar-se atrás, exclamou:

— Tudo isso é realmente emocionante! Desde que saí da Inglaterra, só andei de carro umas três vezes.

— Está dizendo que não existem carros em Roma? — perguntou Perry.

— Não! Existe uma quantidade deles. Mas as freiras preferiam que andássemos a pé. Eu só andava de carro quando era convidada por uma das alunas. Em Roma a maior parte das pessoas prefere andar em carruagens abertas. Pode-se apreciar mais a beleza da cidade.

— Isso é verdade — atalhou Perry. — Ao se andar pela região rural a sessenta quilômetros por hora, não vemos nada a não ser a poeira do próprio carro, e ouvimos apenas o ruído do motor.

— Pois eu prefiro os cavalos — disse sir Hugo. — Mas evidentemente, é muito mais rápido viajar como estamos fazendo. Assim, apesar do atraso do trem, teremos tempo de trocar de roupa antes do jantar, sem nos afobarmos.

Ao falar no jantar, tornou a lembrar-se das toaletes que ela devia ter. Virou-se para a sobrinha e disse:

— Espero que tenha um vestido bem bonito. A reunião será muito elegante.

Como Lorena não respondesse, Perry imaginou que sir Hugo devia estar sem

respirar de tanto receio...

— Acho muito bonitos os que comprei em Roma com o dinheiro que teve a bondade de enviar-me todos esses anos. Talvez não sejam bastante elegantes para seus amigos.

Ao dizer isso, lembrou-se de que o pai sempre descrevia os amigos do irmão como ricos e elegantes. Costumava caçar daquela ostentação superficial.

De repente seus olhos azuis manifestaram preocupação. Como se não pudesse suportar vê-la aflita por algo que sentia em seu subconsciente, sir Hugo apressou-se a dizer:

— Estou certo de que tem bom gosto. Este vestido assenta-lhe muito bem.

Perry pensou que ele era realmente muito simples, mas sem poder explicar, achou que estava bem adequado para Lorena. Seu chapéu, ligeiramente para trás, dava-lhe um aspecto muito jovem. Os modernos eram excessivamente enfeitados com plumas e fitas. O dela tinha apenas algumas fitas azuis que formavam como um halo em volta de sua cabeça pequena.

Os carros logo se afastaram do perímetro urbano de Londres. Lorena inclinou-se para a frente a fim de admirar a paisagem.

— Esquecera-me de que a Inglaterra fosse tão verde — disse, como se falando consigo mesma. — As árvores são tão lindas! Só eu sei o quanto senti a falta delas, nesses três anos.

— Sentiu saudades de casa? — perguntou sir Hugo.

— Acho o termo correto, embora há muito não tenha uma casa. Talvez sintamos falta de nosso próprio ambiente, da terra em que nascemos.

Perry ficou espantado. Com palavras diferentes, ela estava dizendo o que Archie Carnforth afirmava sobre o ambiente. O dela fora um vicariato no campo, tão afastado de Windlemere quanto o pólo norte e pólo sul.

Enquanto os carros pareciam devorar os quilômetros velozmente, Perry notou que Lorena não tagarelava, como qualquer outra mulher o faria. Tinha certeza de que sir Hugo apreciava o fato de ela estar quieta. Era sempre desagradável conversar enquanto se ouvia o ruído do carro. Ficou imaginando se Lorena estava calada por não ter o que dizer, ou se possuía bastante sensibilidade para compreender que os homens não tinham vontade de falar naquelas circunstâncias.

Foi só quando já estavam chegando a Mere que sir Hugo disse:

— Devo avisá-la de que será uma grande reunião, com os amigos íntimos do duque. Sei que lastimará a ausência de sua tia, Lorena, que infelizmente não estará conosco esta semana. Foi visitar a mãe que está enferma.

— Coitada! Sinto muito por ela — disse Lorena. Ao falar isso, percebeu que estava errada por sentir-se aliviada.

Não se esquecera do que a tia lhe falara antes de ter sido mandada para Roma. Pensara e preocupara-se muito com o que ela dissera, ao chegar à Inglaterra. Todavia, sentia-se feliz por passar uma semana sozinha com o tio, onde quer que fossem ficar.

Embora muito diferentes de temperamento, ele era o irmão de seu amado pai. Talvez sir Hugo discordasse, mas ela achava-os parecidos, mesmo que ninguém tivesse essa

opinião. Talvez fosse o modo de sorrir ou o de falar, ou uma expressão nos olhos dele.

Mas seu pai não era tão vistoso e, como pastor, não se vestia com aquela elegância requintada. Sabia ser essa uma das características de seu tio. No entanto, por serem irmãos, havia uma semelhança de família que a fazia sentir como se estivesse voltando para casa. Como se uma parte de sua família, embora pequena, a estivesse esperando.

— Gostarei de conhecer seus amigos, tio Hugo. E por favor, avise-me se eu fizer algo errado. Não gostaria de envergonhá-lo.

— Tenho certeza de que isso não acontecerá. Quero, porém, sugerir-lhe que ao chegar vá logo para seu quarto e não se apresse para vestir-se. Deve usar seu melhor vestido, pois a primeira impressão é muito importante.

— Está me deixando nervosa — disse Lorena, rindo. — Não acredito que alguém vá reparar em mim. O que desejo é olhar para todas as pessoas interessantes e portanto excitantes que conhece. Às vezes mamãe costumava ler no noticiário da corte esses nomes importantes. Para mim, aquilo era como se estivesse ouvindo um conto de fadas.

Seu modo de falar era tão ingênuo e natural, que Perry disse:

— Tem razão, Lorena. E quando conhecer o duque, saberá que é o Príncipe Encantado, embora seu tio esteja bem colocado para disputar um segundo lugar nessa representação.

— Você me desvanece — disse sir Hugo, rindo.

Batendo palmas, Lorena observou satisfeita:

— O que estão querendo dizer é que, tal qual Cinderela, estou indo para o baile. Poderia haver uma carruagem melhor do que esta? Evidentemente, deveria ter seis cavalos brancos para puxá-la.

— E nesse caso — atalhou Perry —, não deveríamos faltar ao banquete do príncipe, ao qual chegaríamos só depois da meia-noite.

— Isso seria uma decepção, e eu não teria sequer um sapatinho de vidro para perder. Não que eu vá usar um, esta noite!

— Não faz mal — disse sir Hugo. — Embeleze-se tanto quanto for possível, e irei buscá-la antes do jantar.

— Obrigada, tio Hugo, é muito gentil. Prometo que não o farei esperar.

— É melhor não o fazer. O duque é muito exigente com o horário. Se há uma coisa que o irrita é alguém se atrasar para o jantar. — O modo como falou isso fez com que Lorena o olhasse pensativa.

— Tenho a impressão de que está quase com medo do duque — disse ela francamente. — Afinal, talvez ele não seja um Príncipe Encantado, mas o rei dos demônios!

Perry e sir Hugo acharam graça.

— Espere até vê-lo! — observou Perry. — Não dirá mais isso.

Desde o primeiro momento, Lorena pensou que Mere parecia realmente um palácio encantado. Vislumbrou delineada no horizonte a silhueta do telhado imenso, encimado pelo estandarte do duque. Arregalou os olhos para a maior e mais famosa mansão planejada por Robert Adam, em toda a Grã-Bretanha.

Sua cúpula imensa, as alas que se projetavam do edifício central e as centenas de janelas não eram apenas bonitas, mas tão imponentes que Lorena sentiu ser aquela a Inglaterra que sempre desejara conhecer.

Seu pai talvez menosprezasse a vida que seu irmão levava. Ela, porém, sempre a julgara como tendo um encanto e um quê de mistério que estimulavam sua imaginação e até coloriam seus sonhos.

Pela primeira vez, veria agora a Inglaterra que tornara o século XVIII uma época de progresso arquitetônico. Uma Inglaterra que, no reinado de Jorge IV, instituíra um padrão de luxo e elegância que causava inveja em toda a Europa.

Por ser um período da história que muito apreciava, ela esperava que a Inglaterra, tendo progredido ainda mais na época da rainha Vitória, não tivesse mudado drasticamente após sua morte. Na biblioteca do convento havia poucos livros que descrevessem a história da Inglaterra desde o começo do século. Receara que ao voltar para ela, viesse a descobrir que a sua magnificência e esplendor tinham desaparecido com a morte de Eduardo VII.

Até mesmo no convento ouvira falar sobre “o fim de uma era”. E também que o rei Jorge e a rainha Mary eram muito diferentes do brilhante monarca que fora chamado “Tio da Europa”.

Agora, deparava-se com o esplendor e a beleza que tanto desejava conhecer. Ao entrar no imenso vestíbulo de mármore, olhou maravilhada para as estátuas de deuses e deusas nos nichos das paredes.

Os lacaios de libre, cabeleiras empoadas e calções de seda eram exatamente o que havia esperado. Segundo as instruções do tio, subiu a escadaria de madeira entalhada, e ao chegar em cima foi recebida pela governanta. Vestia um uniforme de seda preta, e da cintura pendia uma corrente de prata.

— Quer acompanhar-me por aqui, senhorita? Eu a levarei ao seu quarto. Fica ao lado do de seu tio, pois pensei que haveria de gostar disso.

— Foi muito bondosa ao pensar nisso. — Não podendo conter-se, exclamou: — Que casa maravilhosa!

— Fico satisfeita por assim o julgar — disse a governanta.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou Lorena. — Receio não ter ouvido seu nome. Talvez possa dizer-me agora.

— Sra. Kingston. Embora sendo solteira, tratam-me por senhora.

— Acho que deve considerar esta casa como seu lar. A governanta sorriu.

— É verdade, senhorita. Todos estamos aqui há muitos anos. Consideramos Mere tão nosso quanto de Sua Excelência. Quase todos os empregados do duque Alstone nasceram na propriedade. Por assim dizer, é como se fôssemos uma só família.

— É um consolo ouvir isso. Sentiria muita falta dela, se não estivesse aqui, assim como sinto de minha casa e de minha família.

— Ouvi dizer que seus pais morreram — disse a sra. Kingston. — Deve ser muito triste, mas sir Hugo zelará pela senhorita. Aqui em Mere, gostamos muito dele.

Assim falando, chegou à porta de um quarto. Abrindo-a, convidou Lorena a entrar.

Mais uma vez encantada, ela soltou uma exclamação. A cama de quatro colunas, cortinas de cetim, uma penteadeira com babados de musselina. Enfim, todas as pequeninas superfluidades que uma de suas colegas no convento dissera que encontraria em todas as grandes casas que recebiam seus hóspedes condignamente.

Ela não se esquecera de mencionar até as flores que deviam constar do quarto. Cravos, lírios ou orquídeas, se o convidado fosse importante. Lorena achara graça, ao pensar que as flores eram escolhidas de acordo com a situação social.

Ao ver os lírios em seu quarto, perguntou a si mesma se eles significariam um ponto acima das rosas, ou um abaixo dos cravos.

Já estava quase pronta para o jantar, quando ouviu uma batida na porta. A empregada que a estava auxiliando a vestir-se foi abri-la. Voltou com uma bandeja com muitos ramalhetes de flores diferentes.

— Qual deles gostará de usar, senhorita?

— Que idéia maravilhosa! — exclamou Lorena. — Todas as convidadas do duque têm este privilégio?

— Evidentemente, senhorita. E os cavalheiros recebem cravos ou gardênias para colocar na botoeira da lapela.

Lorena ficou indecisa entre um ramalhete de gardênias e outro de delicadas orquídeas, no formato de uma estrela.

— Qual deverei usar? — perguntou à empregada.

— Acho que as orquídeas, senhorita. Se quiser, posso arranjá-las em seus cabelos.

— Ótima idéia! Obrigada por ajudar-me.

Como não tivesse jóias, pensou que as orquídeas seriam muito decorativas. Achou que seu tio talvez aprovasse aquela idéia.

Seu melhor vestido fora feito por uma costureira em Roma, que preferira àquelas escolhidas por suas colegas da mesma idade.

Seu tio sempre lhe mandara uma mesada generosa. Talvez para aplacar sua consciência, quando ela lhe escrevia queixando-se por ter que ficar no convento durante as férias.

Por admirar imensamente as estátuas que via em Roma, preferira sempre as linhas clássicas da escultura grega. Assim sendo, escolhia os feitios de acordo com esse estilo, quase sempre em branco ou cores suaves, o corpo drapeado e a saia ampla caindo feito uma túnica.

Ao olhar-se no espelho, vestida de branco, ficou sem saber se agira bem ao escolher aquele feitio, e se sir Hugo ficaria decepcionado.

— Permita-me dizer-lhe que está linda, senhorita! — exclamou a empregada.

— Obrigada. Só espero não parecer deslocada no esplendor desta casa tão grandiosa. Mas ninguém reparará em mim, ante a beleza de tantas outras coisas.

A empregada não teve tempo de responder, pois sir Hugo bateu à porta, e abrindo-a, perguntou:

— Posso entrar?

— Claro, tio Hugo. Já estou pronta.

Correu para ele, que sorriu ao ver as orquídeas brancas em seus cabelos.

— Estive me perguntando qual a flor que escolheria — disse ele.

— Foi difícil, mas Emily auxiliou-me. Tem sido muito atenciosa, cuidando de mim.

— Fico satisfeito — disse sir Hugo, inclinando a cabeça para a empregada, que lhe fez uma reverência, ao saírem do quarto.

— Há alguém que eu deva cumprimentar de um modo diferente? — perguntou Lorena enquanto desciam a escadaria.

— O que quer dizer com isso?

— Sei que se faz uma reverência para a realeza. Quando um cardeal ia ao convento, nós fazíamos uma genuflexão e beijávamos seu anel.

— Prometo-lhe que esta noite não haverá nenhum cardeal aqui — observou seu tio, sorrindo.

— Caso eu conheça um príncipe real, mais do que nunca terei a impressão de estar vivendo um conto de fadas — disse ela.

— Espere até ver o duque!

Ao entrarem no salão azul, sir Hugo sentiu uma agitação entre as pessoas que ali se encontravam. Com a maestria de um empresário teatral, esperara deliberadamente para descer com Lorena, até julgar que a maioria dos convidados já se encontrava reunida. Não sabia ao certo o que pensariam de sua aparência um tanto diferente. Seu vestido o surpreendera.

Ao mesmo tempo e com sua experiência, reconheceu nele uma linha harmoniosa, que nem o próprio Worth poderia aperfeiçoar. O corpo drapeado, a cintura marcada pela faixa larga, a saia caindo em pregas sobre seus quadris delicados formavam uma moldura perfeita para seu rosto suave e a brancura translúcida de sua pele.

Foi com um ligeiro sorriso de triunfo que sir Hugo dirigiu-se para seu anfitrião. Sentia todos os olhares fixos em Lorena. As mulheres, que ignoravam a aposta, apenas se interessavam por ela porque era sua sobrinha.

Pedira ao duque para que não desse mais atenção a Lorena do que habitualmente teria dado a uma recém-chegada.

— Se a tratar com mais atenção — dissera sir Hugo —, as mulheres passarão a hostilizá-la.

— Fique tranquilo, tentarei evitar-lhe os obstáculos desse gênero — observou o duque.

— Neste caso, não estou preocupado comigo, mas com Lorena. Kitty já insistiu para que eu descubra um parente qualquer que nos livre dela. E falando com franqueza, a permanência dela em Mere decidirá qual deles. Acontece que a escolha não é grande.

— Jamais teria imaginado que você precisasse de alguma coisa. Muito menos de parentes! — caçoou o duque.

— Tenho uma quantidade deles. Mas, ou são velhos demais, arruinados, ou demasiadamente egoístas para cuidarem de uma adolescente.

— A última objeção poderia aplicar-se a vocês — disse o duque. — Para ser franco, acho que Kitty é uma egoísta por não querer dar uma oportunidade a Lorena.

— Foi exatamente isso que eu lhe disse. Pensei que poderíamos ficar com ela durante algum tempo, e tentarmos arranjar-lhe um marido. Mas Kitty recusou-se categoricamente.

Pelo tom de voz de sir Hugo, o duque compreendeu que aquilo fora o pomo da discórdia entre eles.

“É uma pena”, pensou intimamente, “que Hugo não tenha filhos.” Era o tipo de homem que gostaria de ter um em Eton, que seguiria seus passos ingressando na Guarda Real. Lembrou-se então de que as pessoas poderiam pensar o mesmo a seu respeito, e mudou de assunto.

— Esperemos que sua sobrinha não tome gosto ao champanha e caviar... Deve se habituar mais ao chá com roscas, ou qualquer outra coisa que seus parentes possam oferecer-lhe.

— É exatamente isso que acontecerá... chá com roscas. Sem dúvida iguarias perfeitas nas reuniões de igreja.

Assim falando, lembrou-se de que a residência do pastor fora o lar de Lorena. Portanto, só poderia esperar que ela se tornasse uma jovem dedicada às “boas obras”. Lembrou-se também do irmão, que além de ser um altruísta era muito inteligente. Achou difícil recordar-se de como era sua cunhada. Ele a vira poucas vezes. Tinha um rosto meigo e bonito. No dia de seu enterro, todos lhe disseram emocionados o quanto ela lhes faria falta.

Voltando à realidade, lembrou-se de Lorena, que, pelo menos, era muito diferente do que todos tinham imaginado, até ele mesmo. Aproximando-se dela, levou-a até o duque, dizendo:

— Primeiro, devo apresentar-lhe nosso anfitrião, que teve a gentileza de convidá-la para esta reunião. Alstone, esta é minha sobrinha, Lorena... O duque de Windlemere!

Talvez porque parecesse tão imponente quanto imaginara que devia ser, ela fez uma pequena reverência. Era assim que as meninas costumavam cumprimentar a madre superiora na escola.

Ao vê-lo estender-lhe a mão, ela disse:

— Obrigada por ter-me recebido aqui. É a casa mais maravilhosa e a mais suntuosa com a qual sonhei, mas nunca esperei conhecer uma igual.

— Sinto-me satisfeito ao saber que Mere participou de seus sonhos.

— E ela dirá em seguida que você também constava deles — atalhou uma voz de mulher.

Fora Daisy Hellingford quem falara, e sir Hugo interveio:

— Daisy, esta é minha sobrinha, Lorena. Acaba de chegar de Roma, onde estive num colégio. — Virou-se para Lorena: — Não preciso dizer-lhe que a condessa Hellingford é considerada uma das mulheres mais lindas da Inglaterra.

— Isso é o que Alstone deveria ter dito... e não você! — replicou Daisy, antes que Lorena pudesse falar.

Havia algo de fantástico em seu vestido verde decotado demais, no imenso colar de esmeraldas e na tiara das mesmas pedras, que brilhava em sua cabeça.

Por ser muito alta, destacava-se ao lado de Lorena. Contudo, sir Hugo afastou-se

com a sobrinha, para apresentá-la aos outros convidados.

Lorena, sensível, tinha a impressão de que cada homem com quem falava estivesse participando de alguma brincadeira secreta com seu tio. Não podia explicar o que era. Sentia, mais do que ouvia, tratar-se de algo relacionado com o que diziam e o modo como a olhavam. Pareciam aprovar alguma coisa que ele fizera.

O jantar foi anunciado. O duque deu o braço a lady Hellingford. Um homem chamado lorde Carnforth apresentou-se para acompanhá-la. Ao passarem pelas amplas galerias que levavam à sala de jantar, Lorena perguntou:

— Conhece bem esta casa?

— Muito bem. Costumo ficar aqui tanto quanto seu tio.

— E ela ainda lhe causa a mesma emoção que sentiu na primeira vez?

— Isso foi há muito tempo. Quase já me esqueci dessas emoções.

Entretanto, ainda acho que é uma das casas mais lindas da Inglaterra. E é, realmente!

— Foi o que imaginei que diria — observou Lorena. — Quero lembrar exatamente o que sinto em cada momento que passo aqui.

— Por quê?

— Para que, se eu não voltar novamente, possa lembrar-me dela. Por isso não posso perder nada do que para mim é uma aventura maravilhosa e emocionante.

CAPÍTULO III

À mesa, o duque colocou a condessa à sua esquerda, e a marquesa de Trumpington à direita. Como desejasse observar Lorena, sentou-a logo depois da condessa, para que assim pudesse vê-la e ouvi-la.

Ficara surpreso com seu aspecto, porque apesar de sua mocidade, tinha um ar distinto. Embora tivesse reparado na simplicidade de seu vestido barato, notara que ele possuía uma característica que o tornava perfeitamente adequado para ela. Pensou que alguém deveria tê-la ajudado a escolher o feitio. Talvez em Roma, as costureiras se preocupassem em estudar a personalidade das clientes. As de Londres seguiam a moda cegamente.

Lançou um olhar pela mesa artisticamente arrumada. Louça com friso dourado, talheres de prata, copos de cristal e no centro uma profusão de orquídeas. Ele pensou que seria difícil não notar Lorena em meio a tanto luxo e ostentação.

Sua mocidade, o vestido liso e branco pareciam realçá-la ainda mais. Se fizesse parte de um cenário, seria a estrela para quem convergiria a atenção do público. Os outros ficariam num segundo plano. Ao passar-lhe isso pela mente, pensou que estava atingindo a idade na qual a mocidade exercia um grande fascínio.

Logo depois pensou irritado que ainda era bem moço para ter aquelas idéias. Passados alguns instantes, retribuiu galantemente os agrados de Daisy Hellingford.

Ao desviar novamente o olhar para Lorena, disse a si mesmo que o fazia simplesmente por ser o juiz daquela aposta. Nela estava implicada uma grande quantia em dinheiro.

Lorena parecia quase embevecida, ouvindo lorde Carnforth falar. Como Daisy baixasse a voz para cochichar-lhe algo ao ouvido, conseguiu ouvir Archie exibindo as qualidades de seus cavalos de raça. Era seu assunto predileto, e o duque pensou que a garota era bem esperta deixando-o falar.

Ignorava que Lorena se lembrara de já ter ouvido falar em lorde Carnforth. Fora um dia em que sua mãe estava lendo em voz alta para o marido os nomes dos convidados de uma grande recepção, à qual seu tio também comparecera. O pai dissera:

— Recordo-me de Carnforth ainda menino, quando ficou em nossa casa. Na época, é evidente que ignorava que obtivesse tanto sucesso após ter vencido o Derby.

— Adoraria assistir a uma dessas corridas, papai! Ele a olhara surpreso, e perguntara:

— Por quê?

— Por ter visto a reprodução de um quadro maravilhoso de Frith. Ele me fez perceber o quanto deve ser empolgante essa corrida.

— Realmente é — concordou o pai, sorrindo. — Assisti a uma delas, quando estava em Oxford. Durante muito tempo ainda me lembrava da multidão reunida no prado, dos

ciganos e das carruagens luxuosas, sem falar no próprio Derby.

— É isso que acharia fascinante. E estou convencida de que seu amigo deve ter ficado muito orgulhoso ao vencer a mais famosa corrida do mundo.

— Quem lhe contou isso? — perguntou-lhe o pai, achando graça.

— Soube pela descrição que li no Times. Espero que talvez um dia eu ainda possa assistir a um Derby. Mas atualmente parece pouco provável.

Essa fora uma conversa casual, mas ao ser acompanhada por lorde Carnforth à sala de jantar, lembrou-se dela. Perguntou-lhe se ainda se lembrava de ter ficado hospedado em casa de seu avô.

— Meu Deus! Isso ocorreu há tanto tempo! Foi logo depois que fiquei conhecendo seu tio. Ele estava no último ano em Oxford, e eu no primeiro. Lembro-me de ter ficado muito orgulhoso com o convite de seu avô.

— Desde então, ficaram muito amigos — observou Lorena.

— Suponho que assim podemos ser chamados — disse ele, lembrando-se das discussões freqüentes com sir Hugo.

— Um de seus cavalos disputou o Derby este ano?

— Sim, de fato, mas não foi classificado. Tinha grandes esperanças para ele, que resultaram em decepção.

— O que aconteceu? — perguntou Lorena, interessada.

Imediatamente, lorde Carnforth empolgou-se. Começou a falar de seus cavalos, dos métodos que empregava para adestrá-los. Gabou-se de prever exatamente como correriam e a colocação em que chegariam.

Se estivesse falando com qualquer das senhoras presentes, elas achariam o assunto maçante. Para Lorena, porém, era uma novidade, e prestava atenção, sentindo que os cavalos eram o maior interesse da vida dele, talvez até seu único amor.

Quando ele fez uma pausa, ela indagou:

— Considera o modo como alimenta seus cavalos um fator importante?

— Claro! — exclamou lorde Carnforth. — Preocupei-me muito com o estudo dos vários processos de alimentação dos cavalos de raça. Descobri um método que costuma ser muito bem-sucedido.

Fez uma pausa para observar o efeito que isso causara, mas Lorena perguntou:

— Parecer-lhe-á uma pergunta esquisita, mas é também tão exigente com a água que eles bebem?

Lorde Carnforth franziu o sobrolho, manifestando surpresa.

— Estou lhe perguntando isso devido ao que aconteceu em Roma. Quando lá chove demais, o rio Tibre enche e alaga tudo. Depois que isso ocorre, são registradas muitas doenças nas partes baixas da cidade. — Parou, para observar se ele a estava ouvindo, e prosseguiu: — Embora todos pareçam preocupar-se com o resultado da água contaminada nos seres humanos, ninguém jamais pensou nos animais.

Após ficar olhando para ela durante um momento, ele disse:

— Essa é uma teoria muito interessante, que jamais me ocorreu. Costumo levar sempre a ração de meus cavalos para onde quer que devam correr. Nunca tive a idéia de

levar a água a que estão acostumados.

O duque, que estivera escutando a última parte da conversa, inclinou-se para a frente e observou:

— Nunca me passou pela idéia o quanto a água podia ser importante no treino dos cavalos. Mas agora, pensando bem, parece-me uma questão de puro senso comum. Mais ainda: suspeito que a água em algumas das estrebarias nas quais colocamos nossos cavalos está sempre imunda.

— A água varia muito através de todo o país... — começou a dizer lorde Carnforth, parando em seguida, para exclamar: — Acho que esta moça tem razão! Lembro-me agora de que há três semanas reparei que meus cavalos demonstraram não gostar da água que lhes foi oferecida. Os baldes estavam muito sujos. Isso serve de explicação para o fato de os cavalos estarem em perfeitas condições quando em nossas cocheiras. Uma vez no prado, perdem uma corrida que para todos os efeitos deveriam ganhar facilmente.

Ao ouvi-lo falar, todos ao redor da mesa prestaram atenção. Quando se calou, alguém iniciou uma discussão que logo se tornou geral. Entre os amigos do duque não havia um que, não sendo proprietário de cavalos de corrida, não estivesse profundamente interessado no “esporte dos reis”.

Passaram-se alguns minutos durante os quais cada um dava sua opinião acerca daquela teoria inteiramente nova. De repente, Lorena ouviu o cavalheiro sentado do outro lado dizer-lhe:

— Foi a senhorita que provocou isso. Quem foi que lhe sugeriu que a água que bebem pode influir nas corridas de cavalos?

— Ao falar de água com lorde Carnforth, estava pensando realmente que se é poluída ou suja, pode afetar os animais. Em Roma as freiras sempre nos recomendavam cuidado com a que bebíamos, quando íamos à cidade.

— Então seu colégio ficava fora da cidade?

— Sim. Num local muito bonito, de onde avistávamos a catedral de São Pedro.

— Há muito tempo estive em Roma — tornou a falar seu vizinho. — Lembro-me de ter ficado muito impressionado com o Coliseu e, evidentemente, com as fontes.

— São lindas — concordou Lorena. — Sou muito feliz por ter sido educada num lugar que nos desperta a vontade de aprender, e cuja história é tão sugestiva.

— Espero que esteja interessada no presente como está no passado — tornou a falar o homem ao seu lado, e em sua voz havia algo de galanteador.

— Mas é evidente! — exclamou ela. — E também no futuro...

Ao dizer isso lembrou-se de que não tinha idéia do que lhe estava reservado.

Por um segundo olhou aflita para seu tio, que estava na outra extremidade da mesa. Esperava que julgasse seu comportamento adequado, e talvez não tivesse tanta pressa em livrar-se dela.

O homem à sua direita era um major. Fora companheiro de seu tio no Regimento da Guarda Real. Chamava-se Kelvin Fane. Embora Lorena ignorasse, era candidato ao ducado e também um dos homens mais requestados em Londres. Sendo inteligente e com muito tino para a política, preferia ficar em seu regimento.

Como estivesse sempre sediado em Londres, passava seu tempo namorando belas mulheres e perambulando incansavelmente de “boudoir em boudoir”! Jamais olhara para uma moça casadoura e seu único interesse em Lorena era o que apostara na derrota de Hugo Benson para lorde Carnforth.

Mas agora, observando a moça, já não estava tão certo disso. Admirava seu modo de falar, sua voz musical, a displicência com que olhava para uma pessoa diretamente nos olhos. E, ao vê-la sorrir para ele, pensou que dentro de alguns anos ela seria o tipo de beleza que faria os homens perderem a cabeça. Então, estaria demasiadamente velho para conquistá-la.

Enquanto todos continuavam discutindo sobre cavalos e água, o major Fane achou-se na obrigação de baixar a voz e perguntar-lhe:

— O que espera encontrar no futuro... amor ou casamento?

— Não são sinônimos?... Suponho que é isso o que desejo encontrar... eventualmente.

— Por que não imediatamente?

— Talvez isso lhe pareça uma tolice. Mas é porque gostaria antes de visitar muitos lugares, há tanta coisa que quero aprender! — Ao notar sua surpresa, explicou: — Estive numa escola nesses últimos três anos. Roma é linda, mas o mundo é imenso.

O major Fane achou graça do modo como falara.

— Sim, imenso! — concordou —, mas não pode pretender explorá-lo sozinha. Se fosse casada, seu marido haveria de levá-la a Paris. Todas as mulheres bonitas sonham com Paris.

— Por quê? — perguntou ela.

— Por ser a cidade da alegria e do amor. Os franceses sabem melhor do que ninguém como conciliar os amantes.

— Quer dizer... são especialistas nisso?... Que esquisito!

— Por que esquisito?

— Porque todos, onde quer que tenham nascido, certamente querem amar e ser amados. Não posso compreender por que os franceses considerariam isso um direito exclusivo de seu país.

— Essa é uma pergunta a que talvez possa responder, quando ficar mais velha — disse ele sorrindo.

— Talvez então ninguém queira levar-me a Paris.

— Posso garantir que muitos homens acabarão por sugerir-lhe isso. Evidentemente, depois de colocar uma aliança em seu dedo.

Em sua voz havia um certo cinismo. Lorena olhou-o intrigada, dizendo em seguida:

— Antes de ir a Paris, há muita coisa que quero conhecer na Inglaterra, além de outros lugares no mundo. — Suspirando, acrescentou: — Mas penso que tudo isso permanecerá onde já está... num livro ou em minha imaginação. Não tenho dinheiro para viajar.

— Isso também pode ser remediado, se escolher um marido rico.

— Estou voltando hoje para a Inglaterra. Acho que terei de esperar muito tempo

antes que alguém me peça em casamento. Além disso, desejaria estar muito apaixonada antes de aceitar.

O major Fane ergueu as sobrancelhas, perguntando:

— Kitty já a ouviu falar assim?

— Não. Eu não vejo minha tia há três anos.

— Então devo avisá-la de que, se ela arranjar seu casamento, não levará em consideração seus sentimentos, mas apenas a conta bancária do candidato!

O que ele havia dito faria com que as mulheres com as quais convivia dessem boas risadas, declarando-o um espirituoso perverso. Lorena, contudo, olhou-o preocupada.

— Está... assustando-me — disse ela após um momento. — Embora isso não seja necessário. Há muito que decidi não me casar, a não ser estando apaixonada pelo meu prometido.

O major Fane esteve prestes a dizer-lhe que suas idéias não só estavam obsoletas, como também eram impraticáveis na vida social que era a de seus tios. Por qualquer motivo mudou de idéia. Num tom de voz diferente do que estivera usando, disse-lhe calmamente:

— Então, espero, srta. Benson, que se apaixone por alguém que a ame, e que possam viver felizes para sempre.

Não estava sendo cínico, e a sua sinceridade surpreendeu a ele próprio. No mesmo instante o sorriso voltou aos lábios de Lorena.

— Obrigada. Era isso que queria ouvir, principalmente esta noite, enquanto estou aqui.

O major Fane ficou imaginando o que ela quisera dizer com aquilo. Antes que pudesse perguntar, uma senhora do outro lado da mesa atraiu sua atenção. Lorena voltou-se para lorde Carnforth.

— Veja só o que arranjou com suas idéias revolucionárias! — exclamou ele. — Consegui uma discussão e tanto! Faço questão de dizer-lhe que o duque ou eu apresentaremos esse assunto na próxima reunião do Jóquei Clube.

— Espero ficar sabendo o resultado dessa reunião — disse Lorena.

— Prometo-lhe contar o que disserem.

— Obrigada. Ficarei satisfeita ao saber que seus cavalos vencerão todas as vezes que participarem de um páreo. Isso por estarem bebendo o tipo de água apropriado.

Quando as senhoras se retiraram para outra sala, lorde Carnforth foi sentar-se perto do duque. Sir Hugo saiu de seu lugar e acomodou-se ao lado deles.

— Quem teve a idéia de iniciar aquela discussão sobre água? — perguntou. — Não costumo associar esse líquido a um jantar em Mere!

O duque riu, e respondeu:

— Assim o espero. De fato, a idéia foi de sua sobrinha.

— De Lorena?! — perguntou, espantado. — Não acredito!

— É verdade — replicou lorde Carnforth. — Primeiramente devo declarar que ela possui uma mentalidade original.

— Não me lembro da última vez em que tivemos uma discussão à mesa da qual

participassem todos os que estavam presentes — observou o duque.

Franziu os lábios, acrescentando:

— Daisy me comunicou que foi o jantar mais enfadonho que já passou em minha companhia.

Sir Hugo olhou para ele apreensivamente.

— Pelo amor de Deus! — disse em voz baixa. — Não permita que Daisy hostilize Lorena. Seja como for, ela antipatiza com todas as mulheres e, para uma mocinha recém-saída do colégio, seria uma parada dura.

— Não permitirei — concordou o duque. — Fique sossegado.

— Todavia, a idéia é extraordinariamente interessante — tornou lorde Carnforth a dizer. — Agora tenho certeza de que estava errado com meu cavalo.

Reiniciou o assunto sobre cavalos, e os outros, que pretendiam dizer alguma coisa sobre Lorena, deixaram-se empolgar numa discussão. Por fim, o duque anunciou que estava na hora de se juntarem às senhoras.

Ele e sir Hugo entraram na sala de visitas, imaginando o que encontrariam. Sabiam que era bem mais difícil para Lorena enfrentar as mulheres. O tio dela supôs que a encontraria sentada fora do grupo, envergonhada e muda.

Para sua surpresa e a do duque, ela estava numa conversa animada, justamente com a marquesa de Trumpington.

Enid Trumpington fora uma beleza e casara-se com um rico marquês, homem mais velho. Ele lhe dera uma posição social à qual não teria direito sendo a moça simples que era.

Muito bonita, de cabelos vermelhos, uma pele que fazia inveja a suas contemporâneas e temperamento muito ardente, seus casos amorosos, que se sucediam rapidamente, deram o que falar ao mundo social, nos últimos dez anos. No momento, mostrava-se incrivelmente indiscreta em suas relações com lorde Gilmour, também convidado em Mere.

Lorde Gilmour tivera a infelicidade de casar-se com uma criatura que estava sempre doente, queixando-se, e que preferia morar no campo. Todos tiveram muita pena dele. Era um homem que gostava de divertir-se, da boa vida e da companhia de belas mulheres. Ao iniciar seu namoro com Enid Trumpington, foi unanimemente aprovado.

Agora, porém, como dizia Daisy venenosamente, “estavam fazendo um papel ridículo”. De fato, todos achavam que era uma questão de tempo, antes que o marquês e lady Gilmour ficassem sabendo o que estava acontecendo. Embora o marquês de Trumpington estivesse envelhecendo, ainda era importante nos círculos da corte, e muito solicitado pelo novo rei, devido à sua longa experiência.

Por ser obrigado a ir freqüentemente ao Palácio de Buckingham ou ao Castelo de Windsor, isto dava plena liberdade à marquesa. Ela e lorde Gilmour sabiam aproveitar ao máximo essa liberdade.

Todavia, estavam ultrapassando os limites do comportamento que foi estipulado no último reinado, e resumido numa ordem muito pertinente: “Não deveis causar escândalo!”.

Comentava-se que os dois tinham sido vistos juntos em Paris. Era também dolorosamente notório, ao se encontrarem nas festas, que só tinham olhos um para o outro.

O duque, que há alguns anos tivera um caso com Enid, sabia que com a sua natureza ardente e insaciável, era-lhe difícil mostrar-se comedida ou discreta. Assim mesmo, achava que Gilmour precisava ser mais sensato, e como seu amigo, resolvera falar com ele durante sua estada em Mere.

As coisas haviam mudado muito nos últimos três anos. Com os novos soberanos, tudo se tornara mais convencional. O rei Jorge e a rainha Mary eram sinônimo de decência. Assim sendo, estavam instituindo novos padrões, que deveriam ser seguidos escrupulosamente por todos aqueles que desejassem ser recebidos na melhor sociedade.

Ao atravessarem a sala, dirigindo-se para a outra extremidade onde duas se encontravam, o duque se perguntava o que teria Enid Trufflpington para dizer a uma moça tão jovem quanto Lorena. Esperava tanto quanto Hugo que ela não tivesse sido desagradável com a mocinha.

Gostaria de ir até elas com o amigo para descobrir o que elas estariam conversando. Mas, como se obedecesse a um impulso do dever, dirigiu-se para o lado de Daisy Hellingford.

— Alstone, vamos jogar bridge? — perguntou ela. — Talvez seja mais divertido. Estou farta de ouvir falar de cavalos!

— Faremos o que quiser — disse ele bem-humorado. — Será bacará se preferir.

Assim falando, sabia que teria que pagar o prejuízo, e ela embolsaria os lucros. Contanto que ela se divertisse, estava disposto a concorrer para isso.

— Então, jogaremos bacará — decidiu Daisy. Batendo palmas, perguntou em voz alta: — Quem está preparado para perder muito dinheiro? Esta noite sinto que a sorte está comigo!

Ao ouvi-la, ocorreram algumas risadas e comentários ligeiramente sarcásticos. Todavia, aqueles que desejavam jogar dirigiram-se para a ante-sala, onde as mesas já estavam arrumadas para qualquer espécie de jogo.

Sir Hugo, aproximando-se da marquesa de Trumpington, disse-lhe:

— Vejo que está sendo muito gentil com minha sobrinha. Agradeço-lhe muito, pois deve reconhecer o quanto parecerá difícil para ela chegar aqui e não conhecer ninguém, a não ser seu tio.

— Aliás, muito simpático — replicou a marquesa, que não perdia a oportunidade de elogiar um homem, estivesse ou não interessada nele.

— Obrigado, Enid. Permita-me dizer-lhe que está encantadora, embora isto não seja uma surpresa.

Sorrindo, ela se ergueu.

— Preciso ir jogar com Jack, senão perderá tudo o que tem para Daisy, o que não estou disposta a permitir.

Deteve-se um momento, e antes de afastar-se disse a Lorena:

— Querida, brevemente teremos outra conversa.

Lorena levantara-se delicadamente para despedir-se. Sir Hugo, sentando-se na cadeira que ela desocupara, perguntou-lhe:

— O que estiveram falando?

— Ela esteve me contando o que sentia e o que pensava quando era da minha idade.

O tio olhou-a surpreso, mas antes que pudesse perguntar mais, o major Fane dirigiu-se a eles:

— Devo dizer-lhe que não acho certo um tio e uma sobrinha afastados de todos. É quase tão errado quanto um marido obrigado a sentar-se sempre junto da esposa naqueles banquetes oficiais.

— Se com isso está insinuando que deseja conversar com Lorena — replicou sir Hugo —, tem esse direito, por ter sido seu vizinho durante o jantar.

— Estava para sugerir-lhe que devia observar os jogos — disse major para Lorena. — Tudo o que acontece em Mere é sempre instrutivo!

— É muita gentileza sua... e acho que gostaria de fazer isso — replicou Lorena. — Antes, porém... não seria indelicado ficar aqui para admirar os quadros?

Parecia um pouco hesitante, e olhou para o tio como se temendo que ele julgasse aquilo incorreto. Mas sir Hugo limitou-se a sorrir.

— Diria que está sendo muito inteligente — observou ele. — Acontece que o major Fane herdará uma das mais preciosas coleções de quadros do país. Não existe ninguém que os conheça melhor que ele.

Ao ver Lorena erguer-se animadamente da cadeira, acrescentou:

— Ele é quase um guia ambulante. Aproveite o máximo desta oportunidade.

— É o que farei! — a moça disse isso com tanto entusiasmo, que ambos riram.

Lorena acordou e, encantada, constatou que era uma linda manhã.

Ao se deitar muito tarde na noite anterior, dissera a si mesma que lastimava cada minuto desperdiçado com o sono. Em Mere havia muitas coisas fascinantes e emocionantes para ver e fazer.

— Não há planos para amanhã — dissera o duque, antes que dirigissem para seus quartos. — A maioria de vocês já esteve aqui com certa frequência, para saber que tudo o que tenho está à disposição de todos. Só lhes resta pedir o que desejarem.

Ao notar uma expressão de surpresa em alguns, explicou:

— Estou dizendo isso porque existe alguém que nunca esteve em Mere. Todavia, estou certo de que seu tio já lhe falou sobre esse assunto.

— Mal tive tempo — replicou sir Hugo. — É melhor você mesmo fazê-lo, Alstone. Acho que é muito mais adequado.

— Muito bem — disse o duque, dirigindo-se a Lorena. — Como todos os outros sabem, temos tênis, criqué, golfe, e se gostar, pode montar a cavalo. Ah, temos também barquinhos no lago. Não a aconselho a arriscar-se num deles com Fane. Ficou atolado na lama, a última vez que tentou acompanhar uma dama encantadora!...

— Isso foi o que ele contou! — gracejou alguém. — Além do mais a srta. Benson é muito jovem para que a deixem ir sozinha num barco com Kelvin!

Ao ouvirem isso, a gargalhada foi geral. O duque, notando que Lorena ficara um pouco encabulada, continuou:

— Os cavalos nas cavaliças não são apenas para montaria. Se quiser, temos também os que podem ser atrelados a uma charrete, para levá-la a qualquer lugar. Mas se preferir, nossos carros com motor estão à sua disposição. Existem ainda outras coisas, das quais não me lembro no momento.

— Kelvin preencherá as lacunas muito eficientemente... — insinuou um dos convidados.

Lorena perguntou a si mesma por que diziam tantas piadas sobre o major Fane. Ele fora muito gentil mostrando-lhe os quadros, não só os da sala de visitas, como também os de outras salas.

De fato, ouvira algumas observações jocosas, que não entendera, ao voltarem para o salão azul. Observara também que a viscondessa Stort dirigira-se a ele de um modo ríspido.

Lorena não tinha ainda reparado nela. Era alta, morena, e sua voz um tanto rouca lhe pareceu a de um gato ronronando, ao dizer ao major:

— Jamais imaginei que a adolescência fosse propriamente o seu gênero, Kelvin!

— Mas os quadros o são, Sarah — replicou ele. — Além do que, sir Hugo pediu-me que os mostrasse à sua sobrinha.

A viscondessa dera de ombros e afastara-se de um modo que fez com que Lorena percebesse que estava irritada. Estava prestes a desculpar-se com ela por ter detido o major durante tanto tempo, quando o duque se aproximou e perguntou:

— Gostou dos meus quadros?

— Tem uma bela coleção — observou Lorena. — Muito melhor do que todos os que vi em Roma. Aliás, sempre preferi os artistas ingleses, e os seus Constable são magníficos!

O duque olhou-a, surpreso, e o major Fane, piscando o olho, disse-lhe:

— Ficaré sabendo que a srta. Benson é uma grande conhecedora de quadros. — Dizendo isso, ele afastou-se.

— Agora conte-me — disse o duque. — De todos os quadros que já viu, qual é o seu predileto?

Ele achava que tal qual a maioria das pessoas que visitara Mere, seria impossível citar um especialmente. Entretanto, Lorena respondeu se hesitar:

— Os de Romney, não só pelo artista, mas também pelo tema.

— Está se referindo aos que pintou inspirado em Emma Hamilton.

— Sim, justamente esses.

— Admira a temível Hamilton?

— Admiro-a não só pela educação e o requinte com que recebia personagens mais importantes de Nápoles, incluindo o rei e a rainha, mas também por ter sido o estímulo do almirante Nelson, o mais notável marujo que a Inglaterra conheceu. — Falou com tal entusiasmo, que o duque achou graça.

— Está realmente fechando os olhos a um caso de amor ilícito? — perguntou o duque. — Deve lembrar-se, certamente, de que lady Hamilton tinha um marido, e Nelson

uma esposa.

Verificou-se uma pausa, e ele percebeu que o rosto de Lorena corara ligeiramente.

— Na realidade... não pensei nisso... desse jeito. Estava lembrando-me apenas de como lady Hamilton convenceu o rei de Nápoles abastecer de água a esquadra inglesa em seus portos, quando de início os napolitanos haviam se recusado por temerem a Napoleão.

Parou um instante, antes de acrescentar:

— Se não tivessem feito isso, jamais teria ocorrido uma batalha no Nilo, quando a esquadra de Napoleão foi completamente aniquilada pelo almirante Nelson.

— Estou relembando minhas aulas de história — observou o duque. — Entretanto, continuo interessado em saber como uma mulher amando um homem que não era seu marido pôde inspirar-lhe essa admiração, Lorena.

— Bem... é que... talvez essa parte da história não tenha sido bem esclarecida nos livros que estudei — disse Lorena, um tanto hesitante. — Mas acho que o fato de inspirar e auxiliar lorde Nelson não pode ser condenado. E se foi estimulado pelo amor devemos perdoá-la, considerando o quanto fez pela Inglaterra.

O duque parecia muito intrigado. De certa forma julgara que moça educada num convento, sendo tão jovem, deveria escandalizar e até mesmo horrorizar-se com o que era considerado uma ligação ilícita. Mas, pelo que dissera, Lorena não devia ter certeza, ou nem mesmo compreendera o verdadeiro sentido daquela paixão desenfreada que dominara os dois.

Evidentemente não condenava, como o duque julgara que ela o fizesse, uma mulher casada que amasse outro homem. Ficou imaginando o que Lorena diria se soubesse das intrigas e casos amorosos que estavam ocorrendo no momento em Mere. Com exceção de sir Hugo, não havia um só homem do grupo que não estivesse envolvido com uma mulher.

Ao que sabia, Hugo Benson encantara-se por uma senhora extraordinariamente atraente, mas deliberadamente não a convidara, a fim de ser ele o par de Lorena. Além disso, e pelo que sabia a respeito de adolescentes, e que era muito pouco, a mocinha teria se escandalizado ao descobrir que havia algo de anormal no relacionamento de seus tios.

Todos os do grupo de Windlemere sabiam que as coisas entre os dois não andavam muito bem, cada um tendo seus próprios interesses. Entretanto, como isso fosse comum, o assunto já não despertava mais nenhuma curiosidade.

— Espero que amanhã, ou enquanto aqui estiver, tornará a admirar meus quadros, porém, em minha companhia. Estou interessado em ouvir seus comentários a respeito da bela Emma.

Lorena pareceu pensar por um momento, dizendo em seguida:

— Existe muita coisa que quero ver. Contudo, gostaria de conhecer e ficar sabendo a respeito dos tesouros que tem aqui. Evidentemente, entre todos os seus criados, deve haver um administrador que não se importe em responder a minhas perguntas.

— Tenho um, mas estou perfeitamente preparado para responder a elas pessoalmente.

— Tenho certeza de que o senhor achará enfadonho tudo quanto quero saber, mesmo

que tenha tempo.

Não falara aquilo para lisonjeá-lo, como qualquer mulher teria feito, esperando que o duque afirmasse que para ela disporia sempre de um momento. Estava apenas declarando um fato, o de não querer ser um estorvo.

— Estou inteiramente ao seu dispor, para ser o mais minucioso dos guias, caso, porém, eu esteja ocupado, poderá falar com meu administrador, o sr. Ashley, que é muito competente.

— Obrigada, o senhor é muito gentil.

— Pretende passar toda a manhã visitando as redondezas?

— Não propriamente. Disse que seus convidados poderiam montar a cavalo. Costumava montar em Roma, uma vez que tio Hugo teve a bondade de custear minhas aulas de equitação. Sempre achei os cavalos que eu calvagava muito mansos.

— Posso garantir-lhe que os meus são exatamente o oposto — disse o duque.

— Assim o espero — afirmou Lorena, sorrindo.

E agora, ao acordar, lembrando-se dessa conversa, decidiu que, por ser bem cedo, ninguém estaria ainda de pé. Era, portanto, o momento adequado para sair a cavalo.

Pulou da cama, dirigindo-se à janela. Como a manhã apenas tivesse nascido, o lago ainda estava envolto em névoa, bem como os troncos das árvores que ficavam do outro lado. Entretanto, o sol começara a dispersá-las, projetando no jardim um reflexo dourado.

Encantada, Lorena vestiu-se. Possuía ainda um traje de montaria muito elegante e bem cortado, por ter sido feito na Inglaterra.

Embora ura tanto usado, pois mandara fazê-lo antes de ir para a Itália, pensou que não tinha importância, uma vez que ninguém a veria. Ao olhar para o relógio em cima da lareira, viu que eram apenas cinco e meia. Presumindo que ninguém ia vê-la, decidiu não usar o chapéu.

Penteou-se, prendendo os cabelos com grampos para que não ficassem em desordem. Olhou rapidamente para o espelho e saiu do quarto, descendo a escada sem fazer nenhum ruído. A porta de entrada estava aberta e duas empregadas esfregavam os degraus. Outros criados estavam trabalhando sem às libras e as cabeleiras empoadas. Iam de um lado para outro em mangas de camisa por baixo de seus coletes abotoados.

Espantados, olharam para ela ao dizer bom dia. Lorena precipitou-se para fora, sabendo para onde deveria dirigir-se. Na véspera seu tio lhe mostrara onde estavam as estrebarias, dizendo:

— Elas são mais antigas do que a mansão construída por Adam! Consta que são as mais lindas destas redondezas, mas desconfio que você esteja mais interessada no que elas contêm.

Ao passar por baixo de um arco, foi dar diretamente nas cocheiras. Avistou logo as cabeças dos cavalos por cima das meias-portas de suas baias, e uma porção de cavaleiros carregando baldes ou fardos de feno.

Parou perto do primeiro que viu, dizendo:

— Bom dia! Sua Excelência o duque deu-me autorização para montar. Um de vocês

poderia encilhar um cavalo para mim?

— Evidentemente, madame — respondeu um menino, pondo o balde no chão e saindo por uma porta. Lorena seguiu-o.

Notou que naquela parte da cocheira, as baias não davam para o pátio. Foi passando por uma espécie de corredor, olhando para os cavalos, achando cada um mais lindo do que o outro.

— Bom dia! — ouviu uma voz ao seu lado, num tom respeitoso. Virando a cabeça, viu um palafrenero idoso. — Pelo que compreendi, a senhora quer montar, não é, madame?

— Sim, por favor.

— Talvez um cavalinho manso? — perguntou ele.

— Não manso demais!

— Tenho justamente o que lhe serve — disse sorrindo. — É aquele ali.

O velho entrou numa das baias, e ela o seguiu. Avistou, na que ficava ao lado, um garanhão imponente sendo encilhado por um palafrenero. Como se adivinhando sua curiosidade, o homem disse-lhe:

— É para Sua Excelência, o duque, madame. Acho que por ter se levantado tão cedo, pretende acompanhá-lo.

— Eu nem sabia que o duque saía a cavalo assim cedo. Mas gostaria, se ele não me julgar uma intrusa.

— Não ele, madame. O duque é tão forte e esportivo, que costuma levantar-se antes que todos os outros da casa abram os olhos. — Dando uma risadinha, acrescentou: — Será uma surpresa para ele ver que a senhora também se levanta cedo.

O homem tinha razão, pensou Lorena ao acompanhar um cavaleiro que estava levando o cavalo para o duque. Ele já estava esperando. Achou-o muito elegante de culote, botas altas e um casaco de lã que devia ter sido cortado pela mão de um mestre, um chapéu-coco colado ligeiramente de lado sobre os cabelos escuros, e um chicotinho.

— Acordou cedo, srta. Benson!

— Pensei que seria a única em Mere que saísse a cavalo antes do café da manhã. Caso prefira passear sozinho, irei para outro lado.

— Não seria tão pouco cavalheiresco a ponto de sugerir-lhe essa idéia! — replicou ele. — Iremos juntos, e só espero que ache o seu cavalo bastante fogoso.

— Creio que ficarei muito embaraçada se for fogoso demais e não conseguir controlá-lo — respondeu Lorena, sorrindo.

O duque montou o garanhão que fora encilhado para ele.

— É o que teremos que provar.

Partiram, lado a lado. Ao atravessarem a ponte que se estendia sobre o lago, ele perguntou quase que automaticamente:

— Tudo bem? Está gostando?

— Estava justamente pensando — observou Lorena — que positivamente tudo isto é um sonho. Montada num cavalo estupendo e hospedada na casa mais maravilhosa que já vi! Espero não despertar depressa demais!

— Também o espero — disse ele, rindo. — Mas certamente esqueceu-se de mencionar alguém em seu sonho.

Por um instante, Lorena não entendeu, mas depois sorriu.

— Se está se referindo a si mesmo, duque, acho que o senhor também é maravilhoso! O sr. Gillingham contou-me que é o Príncipe Encantado, e estou convencida de que sabe que é exatamente isso.

Falara tão naturalmente, sem demonstrar qualquer inibição, que o duque sentiu-se um tanto sem jeito. Não estava acostumado àquele tipo de elogio, se é que assim podia ser considerado. Logo em seguida, percebeu que Lorena só estava concentrada no passeio. Sentiu então que estava aflita por galopar, mas para isso precisavam afastar-se das árvores.

“Positivamente, essa garota é imprevisível”, disse a si mesmo, e procurou acompanhá-la quando ela lhe tomou a dianteira.

CAPÍTULO IV

Dirigindo-se para a igreja, o duque viu-se pensando em Lorena.

A distância era pequena. De acordo com a tradição, no inverno, ele devia fazer esse percurso em seu cabriolé fechado, e no verão numa carruagem aberta, conforme seus pais faziam.

Caso sugerisse ir de carro, tinha certeza de que isso originaria uma revolução entre os empregados.

Quando Robert Adam construía Mere, no lugar de uma casa mais antiga, ele não incluía uma capela, conforme um costume da época. Não a fizera porque dentro do parque já havia uma linda igreja em estilo normando. Isto fazia parte da história da família, e os túmulos trabalhados, que foram aumentando no transcorrer dos séculos, embelezavam o prédio antigo.

Obedecendo à mesma tradição, uma longa fila de empregados caminhava uns quatrocentos metros ao longo da estrada, para a igreja. Era encabeçada pelo mordomo e a sra. Kingston, seguidos pelos outros criados em ordem de prioridade, indo do mais antigo ao mais recente.

Habitualmente, o duque chegava faltando dois minutos para meio-dia e meia. Ficaria profundamente aborrecido se, devido a uma negligência de seu criado de quarto, ou pela impontualidade de seu cocheiro, se atrasasse um quarto de minuto.

Foi só quando a carruagem passou pela ponte que ele verificou estar sentindo falta do passeio que fizera com Lorena na véspera. Tinha certeza de que ela deveria ter montado novamente um de seus cavalos.

Verificara o quanto ficara entusiasmada quando dera seu primeiro galope. Seus olhos tinham o brilho das estrelas, o rosto se iluminara, tal qual o de uma criança com um passeio inesperado.

Na manhã anterior já haviam cavalgado quase três quartos de hora, quando ele dissera:

— São quase seis e meia. Não está com fome?

— Agora que falou, confesso que sim. Ontem à noite, estava emocionada demais para comer muito, embora tudo estivesse delicioso.

— Então acho que tem direito a um bom café! Vamos!

Ele saiu na frente, e antes que ela pudesse dizer alguma coisa, alguns minutos depois, encontrou-se em frente a uma casa de fazenda muito simpática. Pertencia à propriedade há muitos séculos. Era toda de tijolos vermelhos e guarneçada de madeira, com seu telhado de duas águas e as chaminés espiraladas.

Entretanto, apesar de sua aparência pitoresca, era uma casa de fazenda com galos e galinhas ciscando no pátio, muitas vacas com seus bezerros pastando num campo que ficava no fundo, e um lago onde nadavam algumas dúzias de patos brancos e gordos.

— Que beleza! — exclamou Lorena, após terem apeado dos cavalos, que foram levados por um camarada da fazenda.

Entraram em seguida numa cozinha enorme revestida de lajes, vendo-se os presuntos pendurados nas vigas baixas. A esposa do fazendeiro viera correndo e enxugando as mãos no avental.

— Bom dia, Excelência — cumprimentou ela fazendo uma reverência. — É realmente um prazer vê-lo. Quando soube que se levantara cedo lá na casa grande, fiquei esperando que viesse nos ver.

— Não só estou desejando tomar seu excelente café, sra. Swallow, — disse-lhe o duque —, mas trouxe uma convidada que saberá apreciar os ovos com presunto que a senhora sabe fazer tão bem.

— Seja bem-vinda — disse ela a Lorena.

Levou-os para uma sala, por ela chamada de “sala de visitas”. Era um tanto deselegante, com um piano empertigado, quadros bordados nas paredes e uma janela saliente, de onde se avistavam os campos verdes até as colinas distantes, que provocaram uma exclamação de Lorena.

— Eu sempre digo que a fazenda Hundle tem uma vista melhor do que a minha em Mere — observou o duque.

— É linda! — tornou a exclamar Lorena. — Mas até agora ainda não encontrei nada, entre tudo o que possuí, que não fosse lindo.

— É o que gosto de ouvir — disse o duque complacentemente.

Sentaram-se a uma mesa redonda arrumada perto da janela. Após nela estender uma toalha branca, a sra. Swallow trouxe tudo que Lorena associava a uma fazenda. Café, leite, chá e pão caseiro quentinho, torrado, que acabara de sair do forno. Um pedaço enorme de manteiga bem amarela, um favo de mel vindo diretamente da colméia, que dali ela via lá fora. Alguns minutos depois, uma travessa com ovos e fatias de presunto.

— Foi uma sorte, Excelência, termos um presunto prontinho para ser comido — disse a sra. Swallow.

— Espero ter a honra de receber um de seus presuntos lá em casa — disse o duque.

— Em toda esta região não existe ninguém, e a senhora sabe disso, que consiga curar um presunto como a sra. Swallow.

— É um segredo que me foi transmitido por minha avó — explicou ela. — Para mim é uma satisfação saber que Sua Excelência gosta dele.

— Gosto mesmo — respondeu o duque, colocando uma grossa fatia no pão.

Prevendo que ele quisesse comer um pouco mais, a sra. Swallow tornou a trazer outras fatias de presunto, recentemente cortadas. Após comer algumas delas, Lorena pensou que estavam ainda mais deliciosas do que as primeiras.

Em seguida, serviu-se de uma fatia de pão com manteiga e mel, e ao ver o duque sorrir, quando ela começou a preparar uma segunda, disse:

— Receio estar sendo muito... gulosa.

— Estou satisfeito ao ver que ainda é bastante jovem para apreciar as coisas simples, como uma refeição numa fazenda.

— É realmente deliciosa! Vem sempre aqui quando passeia a cavalo?
— Quando estou só.
— Mas hoje me trouxe.
— Como já disse, pensei que apreciaria devidamente esta refeição, enquanto que as senhoras em Mere tomam apenas uma xícara de café.

— Espero jamais ficar assim.
— Está prevendo que poderia?
— Receio que se ficar com tio Hugo e tia Kitty, possam pretender que eu me comporte mais... digamos, elegantemente. Mas acredito que eles me mandarão viver com um de meus outros parentes.

Não havia dúvida de que essa idéia a preocupava. Após um momento o duque disse-lhe:

— Sua tia gosta muito de Londres. Você ficaria satisfeita morando lá?
— Creio que seria desonesto se respondesse não, por nunca ter sido convidada para as festas. Contudo, o que realmente gostaria seria viver fora da cidade, com cavalos para montar, e talvez ter bons amigos... e não apenas uma quantidade enorme de conhecidos.

Disse isso devagar e ponderadamente, como se estivesse pensando antes de falar. Antes que o duque pudesse responder, ela olhou pela janela e continuou:

— Acho que os agricultores e os fazendeiros são pessoas muito felizes por se sentirem um pouco parecidos com Deus.

— Com Deus?! — exclamou o duque. — O que está querendo dizer com isso?

Lorena sorriu como se estivesse desculpando-se.

— Ao ver os bezerros, os cordeirinhos e os porquinhos, ocorreu-me que os fazendeiros estão sempre criando uma nova vida. A cada ano, nascem novos animais, o que não só deve ser emocionante, mas deve dar-lhes uma sensação de onipotência.

O duque riu.

— Até hoje nunca ouvi uma idéia dessas. Certamente deve ser cheia de originalidade.

Lorena lançou-lhe um olhar rápido, como se pensasse ter dito algo errado. Sem que ela lhe perguntasse, o duque acrescentou:

— Originalidade é o que falta às pessoas. Estou imaginando de onde podem ter vindo essas suas idéias.

— De minha cabeça — respondeu ela, ingenuamente.

— E com quem já as discutiu?

— Com poucas pessoas. As meninas no colégio gostavam de falar sobre o que haviam feito nas férias. Como eu nunca saía de lá durante esse período, não podia participar dessa conversa. Às vezes falavam sobre o que iam fazer ao sair da escola, e eu não tinha idéia do que acontece comigo.

— Está me dizendo que falava consigo mesma? — perguntou ele.

— Não é bem assim. — Sorriu e disse: — Penso profundamente e imagino histórias, mas jamais sonhei em ver uma casa tão fabulosa quanto a sua, e ter a oportunidade de conhecer todas as preciosidades que existem em Mere!

— Ainda não viu todas.

— Talvez não haja tempo para ver o resto... — Suspirou e acrescentou: — Espero que tio Hugo não resolva partir antes que eu tenha conhecido tudo.

— Pelo que sei, posso garantir-lhe que ele está disposto a ficar mais ou menos uma semana.

— É o que eu esperava. E mais uma vez, obrigada, muito obrigada por receber-me.

— Se eu disser que é um prazer, parecerá uma frase banal, palavras delicadas, quase obrigatórias. Desta vez, porém, é a verdade.

Ela sorriu como se tivesse recebido um presente muito especial. Serviu-se em seguida de mais uma fatia de pão.

Enquanto prosseguia seu caminho para a igreja, o duque pensava naquilo tudo. Lembrou-se também de que naquele dia, ao voltarem para Mere, ela lhe dissera:

— Já temos que voltar? Gostaria de continuar galopando... durante horas e horas!

— Terá outros dias para fazer isso.

— Eu sei... mas às vezes desejaria que o tempo pudesse parar.

Ele sentiu em sua voz algo que o fez perguntar:

— Sinto-me curioso de saber se o que está me dizendo de um modo um tanto indireto não subentende outra coisa. Sente-se um pouco apreensiva, ou talvez encabulada no meio de meus convidados?

Ao fazer-lhe essa pergunta, pensava que seria perfeitamente natural que uma moça assim se sentisse. Era o que esperavam antes de sua chegada. Entretanto, Lorena não se comportara conforme Archie Carnforth insinuara. Ela, porém, respondera-lhe:

— Mamãe costumava dizer-me que a timidez é uma forma de egoísmo. Pensamos mais em nós mesmos do que nos outros.

— Mas certamente — insistiu o duque — sentiu-se um pouco encabulada no primeiro momento?

— Confesso que senti como se muitas borboletas estivessem esvoaçando dentro de mim... Mas, quando o vi, esqueci de mim mesma.

— Por que eu? — perguntou ele intrigado.

— Por ser exatamente o que eu esperava que fosse o dono da casa de meus sonhos. Acontece que o sr. Gillingham dissera-me que Mere era igual a um palácio encantado.

— Sinto-me satisfeito por não a ter decepcionado.

— Não, ao contrário. Mostrou-se exatamente como devia ser, o mesmo ocorrendo com as outras pessoas. Aquelas senhoras tão lindas, deslumbrantes com suas jóias e vestidos luxuosos, movendo-se graciosamente como se fossem cisnes. As flores enfeitando a mesa do jantar, os quadros... Eu nunca me esquecerei de tudo isso!

Ao pensar agora no que ela falara, o duque disse a si mesmo que Lorena via tudo aquilo como se fosse um quadro. E, instintivamente, compreendeu que nem ele nem o resto do grupo eram realmente humanos para ela.

Lorena era igual a uma criança assistindo fascinada a uma peça representada no palco. Concentrava-se no que via e ouvia, porém não sentia que participava dela pessoalmente.

Ele ignorava por que compreendia aquilo. Parecia-lhe que de certo modo podia ler seus pensamentos e sentia o que ela estava tentando expressar com palavras.

Sobressaltou-se ligeiramente ao ver que a carruagem chegara à igreja. Avistou o pastor, já vestido com a sobrepeliz, que o esperava no pórtico, para acompanhá-lo à nave e levá-lo para o banco imponente de madeira entalhada. Ficava na parte reservada aos nobres e pertencia à sua família.

– Um dia reverendo.

– Bom dia, Excelência. É uma grande honra tê-lo aqui mais uma vez. Essas palavras formais eram sempre repetidas nessas ocasiões.

Sem esperar a resposta do duque, o pastor foi na frente, passando pela nave central, entre os bancos nos quais se encontravam os empregados de Mere e alguns aldeões.

Por ter estado pensando em Lorena, o duque não se surpreendeu ao vê-la no banco da família. Após o pastor o ter conduzido à sua cadeira especial, esculpida com o seu brasão, sentou-se na almofada vermelha.

Olhou para Lorena, que de cabeça erguida admirava o lindo vitral por cima do altar.

Lorena usava um vestido de musselina fina. Embora fosse muito cedo, já estava bem quente. O chapéu com a aba virada para trás era o mesmo que usara na viagem e que lhe dava uma aparência jovem.

Não olhou para ele, que ficou imaginando se ela percebera a sua presença. Era realmente imprevisível. Qualquer outra mulher teria feito tudo para chamar-lhe a atenção, atrair seu olhar sem respeitar a santidade do lugar.

O culto foi iniciado com uma música tocada surpreendentemente bem por uma moradora da vila. O órgão tinha sido dado à igreja pela mãe do duque. O coro, composto de meninos da escola da aldeia, cantava os salmos e hinos harmoniosamente. Mais uma vez tinha sido a mãe do duque que se dera ao trabalho de reunir um grupo de meninos, que tinham sido ensinados por um mestre de coro.

Como Lorena havia sido educada num convento católico, ele imaginou se teria dificuldade em seguir o culto anglicano no livro de orações inglês. Mas como parecesse estar muito à vontade, concluiu que ela deveria ter freqüentado a igreja britânica na embaixada de Roma.

Ouviu sua voz cristalina e jovem, ao cantar os salmos. Sua mãe deveria tê-la apreciado. De acordo com a tradição, o culto não devia prolongar-se muito. O sermão não podia ultrapassar dez minutos, no máximo, caso isto acontecesse, o duque, após consultar o relógio, retirar-se-ia.

Lorena ouvia com atenção as palavras do pastor, completamente imóvel. Uma coisa que irritava o duque era ver uma mulher agitando-se o tempo todo, assim como Daisy Hellingford ao mexer nas pérolas de seu colar, e brincar com os anéis em seus dedos.

Um dia, ele lhe perguntara:

– Não compreende que, ao agitar-se inutilmente, está desperdiçando energia? Ainda outro dia li um artigo de um médico a esse respeito.

– Querido, a minha energia compensa a que lhe falta, mesmo contando com o excesso que é desperdiçado.

Não podia haver engano no que ela subentendera, e o duque não a censurou mais por agitar-se daquele modo. Mas aquilo começou a irritá-lo cada vez mais.

A bandeja da coleta começou a circular, e ele reparou que Lorena nela colocara uma moeda. Ao terminar o culto, o pastor abençoou a congregação. Depois se dirigiu ao banco do duque, que sempre saía da igreja antes dos outros.

Após cumprimentar o pastor, o duque, dirigindo-se a Lorena, perguntou-lhe:

— Vai voltar comigo?

Sabia que o modo de ela lhe obedecer fazia parte de sua disciplina escolar. Assim, saíram pela nave central, caminhando lado a lado atrás do pastor.

— Adeus, Excelência — disse ele. — Foi uma honra e uma satisfação tê-lo conosco.

— Quero congratulá-lo pelo sermão interessante, reverendo — disse o duque. O velho pastor corou de felicidade.

A carruagem já o esperava, e um criado de libre mantinha a porta aberta. Lorena olhou para o duque.

— Espero que volte comigo — disse o duque.

— Posso? Gostaria muito.

Com um sinal da mão, indicou-lhe que devia subir primeiro. Ao partirem, ele perguntou:

— Deveria ter pensado que desejasse ir à igreja. Como ficou sabendo do culto?

— Perguntei a Emily, a empregada. Nenhum de seus convidados costuma acompanhá-lo à igreja no domingo?

— Suponho que quando estão em Londres, compareçam ao culto — respondeu ele, evasivamente. — Entretanto, tendo sido seu pai um pastor protestante, creio que no que lhe diz respeito, esse é um hábito que não desejará abandonar.

— De fato, nunca desejei. Quando estou na igreja, sinto-me não só perto de papai mas, como ele costumava dizer, é nela que encontro força para encarar as dificuldades e os problemas que possam surgir durante a semana seguinte.

— Força? — perguntou ele. — O que significa isso para você?

— Meu pai ensinou-me que podemos nos imbuir da força da vida, que é o próprio Deus. Quando oramos, ela flui em nosso íntimo, e se desejamos auxiliar outras pessoas, elas também podem ser impregnadas dessa força que reside em nós mesmos.

Lorena falou simplesmente e sem afetação. Após refletir no que ela dissera, o duque observou:

— Julgo ser essa uma excelente explicação do que a religião deveria fazer pelas pessoas. Mas costuma fracassar lamentavelmente.

— Sei que os católicos também acreditam nisso — dissera Lorena — Conseguem essa força não só através de seus sacerdotes, mas também das imagens de seus santos. — Como sentindo que o duque esperava uma explicação, continuou: — Quando estava em Roma, vi muitas vezes pessoas ajoelhadas ante uma estátua ou uma imagem de um santo. Sabia que não rezavam para pedir apenas um auxílio ou algo que desejassem particularmente. Elas sentiam estar recebendo algum poder especial, transmitido pelo objeto ao qual dirigiam suas preces.

— Compreendo o que está dizendo, e interessa-me incrivelmente. Muitas vezes, durante minhas viagens, tive ocasião de ver católicos acendendo velas e rezando em suas igrejas, e também me perguntava o que aquilo poderia significar. Agora, deu-me a explicação.

— Acho que uma pessoa tão importante como o senhor, com tantas outras sob sua responsabilidade, necessita de mais força do que uma outra, mais jovem e insignificante como eu.

— Está sugerindo que devo rezar mais freqüentemente do que qualquer outro? — perguntou o duque num tom ligeiramente irônico.

— Não precisa fazê-lo tanto quanto eu. Mas ao mesmo tempo, não existe ninguém que não necessite da união com a força e o poder de Deus. Até o próprio Cristo teve essa necessidade.

O duque pensou no que diriam seus amigos se pudessem ouvir a conversa dele com uma moça de dezoito anos. Talvez nem acreditassem. Não se lembrava de ter falado sobre Deus e orações com ninguém desde que se tornara um homem. Quando estivera em Oxford, ele e seus companheiros às vezes analisavam seus impulsos e atos, e discutiam de um modo abstrato a diferença entregas várias religiões.

Mas agora, ouvindo o que Lorena dissera, pensou que ela conseguira transformar a vida numa coisa muito simples. Entretanto, sabia o quanto seus amigos achariam tudo aquilo irrisório. Era tão fácil ridicularizar as crenças que ela alimentava, converter em piada a alegação de que um homem igual a ele pudesse obter de Deus a sua energia!

Ficou indeciso se deveria avisá-la para ter cuidado com quem discutisse aquelas idéias. Contudo, ela o fazia com tal pureza e sinceridade ingênua, que qualquer homem decente que a ouvisse a respeitaria. Mas sabia que isso não incluía as mulheres, principalmente uma igual a Daisy.

Ocorreu-lhe de repente que Daisy não era honesta sob nenhum aspecto. Era má, e pela primeira vez durante muitos anos, duvidou de seu próprio interesse por uma mulher que possuía tão poucas características que ele realmente admirava.

Estavam quase chegando à porta de entrada, quando Lorena lhe disse baixinho:

— Desculpe-me se o que lhe disse aborreceu-o. Mamãe sempre dizia que não devemos impor nossas opiniões aos outros.

— Você não me impôs nada que eu não estivesse muito interessado em ouvir.

Percebeu, pelo sorriso de Lorena, que a resposta encantara a garota.

Lorena passou uma manhã agradável com sir Hugo visitando as estrebarias. Ele contou-lhe que em Mere, assim como na maioria das outras mansões, era costume visitar as estrebarias na manhã do domingo. Ela reparou que os empregados tinham tido um grande trabalho para deixar tudo em ordem.

Os corredores estavam cobertos de areia limpa, havia palha nova nas baias, e os cavalos tinham sido escovados até ficarem com o pêlo brilhando como cetim. Não estavam ali há muito tempo, quando lorde Carnforth se aproximou falando de seus próprios cavalos. Perry Gillingham e três outros membros do grupo juntaram-se a eles.

— Levanta-se muito cedo, srta. Benson — disse lorde Dartford dirigindo-se a Lorena.
— O dia está demasiadamente lindo, para ficar na cama.
— Concorro, mas todos fomos deitar muito tarde, tentando perseguir “Dona Sorte”, que evidentemente nos virou as costas.

— Perdeu muito? — perguntou Lorena, amavelmente.
— Mais do que devia.

Ela o olhou intrigada, ouvindo-o dizer em seguida:

— Sei que me julgará um idiota, e é o que também penso de mim. Como todos os jogadores, estou sempre convencido de que encontrarei a fortuna ao virar a carta seguinte.

— Li certa vez como pode ser imensa a desvantagem de alguém que jogue continuamente com um vencedor contumaz nos jogos de cartas!

— Está me dizendo o que já sei! Conforme já ouviu, sou um perfeito idiota, mas talvez nesta companhia eu seja muito orgulhoso para confessar que não posso realmente dar-me ao luxo de jogar pagando apostas tão altas.

— Acho errado alguém pretender que o faça — disse Lorena. — Se eu fosse o duque, certamente...

Não pôde terminar a frase, pois uma vez atrás dela perguntou:

— Por acaso ouvi dizer “se eu fosse o duque”? Estou interessado em escutar o fim dessa frase.

— Se não tivesse interrompido, Alstone — interveio lorde Dartford, antes que Lorena pudesse responder —, você teria ouvido o que a srta. Benson tinha a dizer. E penso realmente que seria algo muito sensato.

— Estou escutando... — tornou a falar o duque.

— Não gostaria que pensasse que estou criticando — apressou-se Lorena a dizer. — Era... era apenas uma idéia.

O duque franziu os lábios.

— Outra? Qual é desta vez?

Lorena olhou para o homem com quem estivera falando, como se pedindo licença para repetir o que dissera.

— Está bem — disse ele com um sorriso. — Se quiser, pode repetir. Não lhe fará nenhum mal saber a verdade.

— Que verdade, Lionel? — perguntou o duque.

— A srta. Benson lhe dirá.

— Bem, eu estava dizendo que se fosse Sua Excelência, não permitiria que em minha casa as pessoas perdessem mais do que pudessem gastar.

Percebeu nos olhos do duque uma expressão de incredulidade.

— Não porque julgue o jogo imoral — continuou ela —, embora não compreenda a atração que exerce sobre algumas pessoas... Mas simplesmente porque gostaria que meus convidados se sentissem felizes. — Vendo que os dois homens com quem falava estavam ouvindo, continuou: — Ninguém pode ser feliz se se sentir, como este senhor se sente, um tolo por perder dinheiro num jogo no qual ele tinha pouca chance de ganhar.

Parou de falar, e viu que o duque estava atônito.

— Isso é verdade, Lionel? — perguntou ele.

— Receio que sim.

— Percebi que Arthur estava ganhando demais na noite passada. Entretanto esperava que você fosse sensato para parar antes de ficar seriamente prejudicado.

— Deve acusar seus bons vinhos por me darem um falso otimismo — acrescentou Dartford.

O duque ficou carrancudo.

— Acho que a srta. Benson tem razão. Apostas altas devem ser feitas nos clubes, e não permitidas em casas particulares. Nelas é difícil para os convidados quebrar a mesa ou ir para a cama mais cedo do que os outros. A culpa é minha, por deixar que isso aconteça.

— Não! Não faça isso. Fui o único culpado. Fiz um papel ridículo. Não imagino por que aborreci a srta. Benson com minhas preocupações. Vamos olhar os cavalos. — Virou-se abruptamente, dirigindo-se para as estrebarias.

Lorena olhou para o duque.

— Sinto pena dele... — disse a moça.

— De qualquer forma, porei as coisas em ordem. Não deve preocupar-se.

— Tentarei — disse Lorena —, mas...

— Já lhe disse para deixar tudo comigo — interrompeu-a ele. — Vamos ver os cavalos também.

Dirigiu-se para a estrebaria juntando-se aos outros que estavam admirando o garanhão que montara na véspera.

Lorena procurou ficar ao lado do tio. Ao irem olhar outra baia, fora do alcance dos que podiam ouvi-los, o tio perguntou-lhe:

— Do que estava falando com lorde Dartford?

— Ele está transtornado porque perdeu muito dinheiro no jogo.

— O mesmo aconteceu com muitos outros, só que são mais esportivos para se queixar.

— Ele não estava se queixando — replicou Lorena. — Apenas me confessou que tinha sido um idiota.

— Pelo que vejo, você está sempre preparada para agüentar as vítimas da injustiça social.

— Mas é claro! Aqueles que estão por cima não precisam de auxílio, e menos ainda de mim!

Seu tio achou graça, e passaram a conversar sobre cavalos.

Já estava quase na hora do almoço quando voltaram para casa. Lorena, após arrumar-se um pouco, desceu e dirigiu-se para o salão azul, sabendo que era ali o ponto de reunião. Quase todos encontravam-se presentes e já tinham nas mãos uma taça de champanha quando ela entrou.

Ao avistar seu tio no fundo da sala, ia se dirigir para ele, quando a condessa de Hellingford afastou-se das pessoas com as quais conversava, e interceptou-lhe o caminho.

Lorena achou-a muito bonita, num vestido de gaze e renda, o colar de pérolas e brincos de brilhantes, que cintilavam a cada movimento que fazia.

— Soube, srta. Benson — disse a condessa num tom de voz bastante alto para ser ouvido por todos, parecendo destilar veneno —, que acompanhou o duque à igreja esta manhã. Por mais ignorante que seja, deve saber que não é correto para uma moça solteira andar de carruagem com um homem.

Lorena teve a impressão de que a sala toda ficara em silêncio, quando a voz da condessa ergueu-se acusadoramente, como se ela estivesse no banco dos réus. Por um momento a surpresa impediu-a de falar, mas em seguida respondeu:

— Lastimo muito... mas não imagino Sua Excelência como um homem.

Foi o seu modo de falar infantil e inocente que impediu os que a ouviram de achar qualquer coisa engraçada no que dissera. Mas, antes que a condessa pudesse replicar, sir Hugo veio em seu auxílio.

— Daisy, se eu tivesse percebido o quanto você tem consciência das conveniências, é evidente que teria acompanhado Lorena à igreja. Assim poderia ver que ela não cometeu nenhum ato escandaloso, a não ser partilhar com Alstone o livro dos hinos e piscar o olho para um dos meninos do coro.

O modo irônico como sir Hugo falou, e acentuou as palavras *você* e *conveniências*, fez com que todos rissem e ficassem satisfeitos em aliviar a tensão que dominara o ambiente.

Entretanto a condessa não se dera por vencida.

— Se não pode cuidar de sua sobrinha adequadamente, Hugo, estou certa de que Kitty o fará de boa vontade quando voltar de sua viagemzinha a Suffolk. Ou terá preferido Dorset?

Os presentes sabiam que aquilo era uma indireta malévola ao último admirador de Kitty, cujo nome era lorde Dorset.

Lorena não entendeu, mas todos compreenderam que Daisy estava procurando ofendê-lo. Não só pelo que dissera, mas por ter uma sobrinha que atraía a atenção do duque, se bem que apenas enquanto estavam na igreja.

— Você tem sorte — replicou sir Hugo —, pois ao contrário de Kitty, sua viagem não precisou levá-la mais longe do que Mere!

Novas risadas. Um duelo de palavras entre dois membros do grupo de Windlemere era sempre divertido. Talvez muito mais espirituoso do que qualquer representação num teatro.

— Depois disso, Daisy estará disposta a tudo! — observou alguém em voz baixa.

— A sobrinha de sir Hugo que se cuide... — disse um outro.

Passando o braço em torno dos ombros de Lorena, sir Hugo disse-lhe:

— Não lhe ofereço uma taça de champanha por achar que não desejaria bebê-la a esta hora da manhã. Contudo, sei que apreciará uma bebida não alcoólica. Um suco de maçã, por exemplo.

— Sim... seria ótimo.

Lorena ficara abalada com o modo de falar da condessa e a hostilidade em seus olhos. “Por que me detesta?”, perguntou a si mesma, sem obter uma explicação.

Foi somente quando se dirigiram à sala de almoço, e viu a condessa conversando de modo íntimo com o duque, que ela compreendeu.

Pensou que devia ter estado cega para não perceber antes. Sentiu que dissera a verdade ao afirmar que não imaginava o duque como um homem.

Era um homem, evidentemente. Na realidade, o mais atraente e lindo que jamais havia imaginado. Mas supunha que, por ser tão imponente, tão exatamente o que ela esperara que fosse, imaginara-o igual a um rei ou um deus da antiga Grécia, onipotente, mas não humano.

Fora tão gentil convidando-a para um passeio a cavalo, para voltarem juntos da igreja. Entretanto, durante todo o tempo que estiveram juntos, não lhe passara pela cabeça que estava com o que sua mãe teria chamado “um rapaz”. Podia ouvi-la quando um dia dissera:

— Querida, você ficará uma moça e então terá uma quantidade de admiradores que desejarão dançar com você. Espero que encontre um bom rapaz por quem se apaixonará, assim como me apaixonei por seu pai.

“Sim, mamãe estava apaixonada por papai.” Ao pensar isto, compreendeu de repente o que a condessa sentia pelo duque. Amor.

Estava “apaixonada” por ele, e sentia ciúmes porque estivera na igreja com outra.

Evidentemente, era ridículo. Contudo, Lorena aprendera nos livros que o ciúme fazia com que as pessoas agissem violentamente, assim como Otelo no drama de Shakespeare.

Achou-se culpada por ter passeado sozinha com ele. Mas como explicar isto à condessa? Lembrou-se então que Daisy tinha um marido. Ouvira seu tio mencionar o conde de Hellingford numa conversa, referindo-se aos leões que matara na África. Ao que a marquesa de Trumpington replicara:

— Existe uma leoa que ele devia ter levado, ou matado antes de partir!

Todos riram, ela porém não compreendera. Agora percebia que a marquesa devia estar se referindo à condessa de Hellingford. Pensando naquilo tudo, concluiu que não tivera a intenção de passear com o duque, e que não o considerava “um rapaz”... Ao mesmo tempo, sentia que era o tipo de homem cuja companhia agradava-lhe muito. Ficaria decepcionada se nunca mais pudesse sair com ele. Fora tão emocionante o passeio a cavalo sozinhos, e mais ainda aquela refeição matinal na casa da fazenda!

Parecera entender tudo quanto lhe dissera. Ocorreu-lhe então que, de todos os homens ali presentes, incluindo seu tio, ele era o único que não caçoaria de suas “idéias”, como as chamava.

“Gosto dele! Gosto muito mesmo!”, disse a si mesma. Pareceu-lhe injusto que a condessa quisesse tê-lo só para ela. Ficou imaginando, se amasse um homem, principalmente tão lindo quanto o duque, se teria ciúmes dele a ponto de ser tão grosseira com as outras mulheres.

— Está muito silenciosa — disse Kelvin Fane, que mais uma vez era Seu vizinho à mesa. — No que está pensando?

Talvez porque já o conhecesse melhor, sem refletir no que ia dizer, foi sincera:

— Estava pensando no duque.

— Sugiro-lhe que pense em outra pessoa. A não ser que queira ver Daisy arrancando-lhe os olhos!

Por um momento ela ficou quieta, perguntando em seguida:

— Ela está muito apaixonada por ele?

— Ela pensa que está.

— E... o duque?

— Esta é uma pergunta cuja resposta cabe a ele mesmo. De qualquer modo, é melhor você não se preocupar com seus casos.

— Sim... é evidente. — Sentiu humildemente que fora imprudente por ter feito aquelas perguntas.

— É demasiadamente jovem para estar numa reunião como esta — disse ele bruscamente.

— Sei que todos são mais velhos do que eu... Mas estou tentando não ser importuna, uma vez que tio Hugo foi tão gentil em trazer-me.

— Não o é em absoluto. O único inconveniente é você estar “perdendo o pé” e poder se magoar ao tentar nadar para a superfície.

— Por que haveria de me magoar? — Pensou que ele lhe daria uma explicação, mas ele mudou de idéia.

— Eu lhe direi uma outra vez, mas se aceitar meu conselho deixará o duque sozinho.

— Fez uma pausa, e perguntou: — Fará isso?

— Tentarei — disse Lorena, obediente.

Embora dissesse isso, sentiu ser aquela uma coisa que não queria fazer. Gostava do duque e desejava a sua companhia.

CAPÍTULO V

Terminado o almoço, e como se quisesse desfazer a má impressão causada pela condessa, sir Hugo sugeriu a Lorena um passeio a cavalo.

Tendo aceito, ela se divertiu muito, embora se sentisse um pouco culpada ao ouvi-lo falar, como se esta fosse a primeira vez que ela montava um dos cavalos do duque. Mas agora era tarde demais. Sabia que deveria ter-lhe contado que estivera cavalgando com o duque, no dia anterior pela manhã.

Entretanto, como já tivesse tomado café na casa da fazenda, e portanto não poderia tomar outro, só se encontrou com o tio muito depois. Além do mais, ele estava conversando com outras pessoas e não havia razão para atrair a atenção delas, contando que fizera um passeio a cavalo com o duque.

— Deveria ter-me lembrado ontem do quanto gosta de montar — disse-lhe o tio, após terem galopado pelo parque. — Você precisa aproveitar enquanto estiver aqui, pois os cavalos do duque são famosos.

Que coisa estranha, pensou Lorena, sentindo-se deprimida ao pensar que não passearia mais com ele. Lembrou-se do passeio bem cedinho, quando o lago ainda estava envolto na neblina, e o duque galopara muito tempo antes de conversarem. Tinha sido maravilhoso.

Quando conversaram na casa da fazenda e ele se mostrara tão compreensivo, ela devia ter percebido que era bom demais para que se repetisse.

Sir Hugo interrompeu seus pensamentos, perguntando-lhe enquanto os cavalos andavam lado a lado:

— Está gostando, Lorena?

— Muito, tio Hugo!

— Lastimo o que ocorreu hoje, mas Daisy é uma mulher difícil.

Como Lorena não dissesse nada, ele continuou:

— Como deve saber, uma senhora não tem o direito de fazer cenas desse estilo. Ela não deveria censurar você unicamente pelo fato de ter ido à igreja. Contudo, quando tiver vivido neste mundo tanto quanto eu, descobrirá que temos que aceitar as coisas como elas se apresentam.

Rindo, Lorena observou:

— Quando eu era criança, minha babá costumava dizer isso.

— É uma boa máxima para nós todos. A minha também costumava dizer: “Não espere demais para não ficar decepcionado!”

— Tenho certeza de que a minha diria o mesmo, tio Hugo. Sabia uma porção de frases sábias. Às vezes, quando me lembro delas, julgo-as muito úteis.

— O que quero dizer-lhe — continuou sir Hugo, como que seguindo seus próprios pensamentos — é que me sinto orgulhoso de seu comportamento. Sei o quanto deve ter

sido difícil, para uma moça recém-saída do colégio, vir diretamente para Mere e enfrentar um grupo no qual todos se conhecem. Entretanto, foi muito bem-sucedida.

— Obrigada, tio Hugo. Está sendo muito bondoso

— Algum dia desses, conversaremos sobre seu futuro. Mas não antes do fim da semana, quando partiremos. Quero que se divirta.

Lorena não pôde evitar uma sensação de medo. Pelo seu modo de falar, teve certeza de que no fim da semana as notícias não seriam boas. “O que acontecerá comigo? Para onde irei?”, perguntou a si mesma.

Pensou quase desesperadamente que não tornaria a ver o duque. Prometera ao major Fane que tentaria deixar o duque sozinho, mas não conseguia evitar pensar nele.

Ao voltarem do passeio, seu tio dissera-lhe que iria jogar bridge. Resolveu então ir procurar o sr. Ashley. Surpreendeu-se ao vê-lo em seu escritório num domingo.

— Talvez não devesse escolher justamente hoje para pedir-lhe que me mostre mais algumas coisas desta casa.

— Ficarei encantado, srta. Benson. Quando o duque está presente, o domingo para mim é igual a qualquer outro dia útil.

Levou-a à galeria dos quadros, à biblioteca e a muitas outras salas de recepção. Nestas, não só as paredes e tetos tinham sido projetados por Robert Adam, mas também os belos móveis dourados que as decoravam. Mais uma vez, Lorena pensou que Mere era realmente um palácio encantado.

Ao entrarem no que o sr. Ashley disse ser a sala de estar prateada, ela viu que ali se encontravam alguns quadros mais modernos do que nas outras salas. Entre eles um retrato do duque, bem recente. Estava realmente maravilhoso com os trajes que usara na coroação do rei Jorge V.

Ao olhá-lo, e por estar tão bem pintado, Lorena sentiu como se pudesse falar com ele, como o fizera ainda naquela manhã ao voltarem da igreja.

— O desenho sobre o consolo da lareira — informou o sr. Ashley — foi feito por Sargent. É um esboço da duquesa, no dia de seu casamento.

Espantada, Lorena olhou para ele.

— A duquesa?

— O duque foi casado. Não sabia?

— Não tinha idéia.

— Foi há muito tempo. Sua Excelência tinha apenas vinte e um anos. Ela morreu de uma queda numa caçada. Estavam casados apenas há um ano.

— Que horror! — exclamou Lorena. Não podendo conter-se, perguntou: — O duque ficou... muito transtornado?

— Foi uma tragédia para todos. Mas agora quero mostrar-lhe estes quadros de crianças feitos por Hopner. São considerados uma bela ilustração de seu trabalho.

Lorena sentiu que o sr. Ashley não desejava continuar falando da duquesa. Não conseguiu mais interessar-se no que ele dizia. Então o duque fora casado! Não sabia por quê, mas aquilo fora um choque para ela. Jamais lhe ocorrera que ele fosse viúvo. Talvez por isso, sentindo-se tão desesperado ao perder a mulher, passara a encher sua vida com

amigos que fossem alegres, e o divertissem. Agora ela tinha consciência de que sabia tão pouco a seu respeito...

Antes de saírem daquela sala, seus olhos voltaram-se novamente para o retrato do duque. O artista captara seu olhar de alheamento, bem como a impressão que causava, de um domínio irresistível. Era difícil avaliar como teria sido a duquesa. Ela a achava bonita, de cabelos escuros e olhos grandes e pretos. Pensou que talvez ele só gostasse de mulheres morenas. Mas, então, lembrou-se que a condessa Hellingford era loura...

Após vestir-se para o jantar, desejou não parecer muito sem graça, em comparação com aquelas mulheres lindas. Dissera ao duque que elas lhe lembravam “cisnes brancos deslizando sobre o lago”.

Ao olhar-se no espelho, pensou que o major Fane tinha razão. Era demasiadamente jovem, e seu sucesso só existia na imaginação generosa de tio Hugo.

Por ter apenas duas toaletes, resolveu vestir a mesma que usara na noite de sua chegada. Achava-a tão bonita, ao escolhê-la em Roma! Agora parecia-lhe comum. Preferia que tivesse babados de gaze ou de filo, e jóias para brilhar como as outras mulheres, que refulgiam tal qual estrelas.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos. Emily foi abri-la, e ela pensou que nem mesmo as flores poderiam fazer com que se parecesse a não ser com uma colegial.

Emily voltou, dizendo-lhe:

— Senhorita, hoje não precisa escolher. Sua Excelência o fez pessoalmente.

— Mandou-as para mim? — perguntou Lorena.

Seu coração pulou de alegria. Ele fora bondoso ao lembrar-se que ela não tinha brilhantes nem esmeraldas ou rubis para abrilhantar sua aparência. Em vez das jóias, enviara-lhe dois arranjos de orquídeas: um para ser colocado no vestido, e o outro na cabeça. Eram de um rosa muito pálido e diferentes das que Lorena já tinha visto.

— São lindas, senhorita. Devem ser de uma espécie muito rara, e cultivadas no orquidário. Meu pai é o jardineiro que trata delas. Contou-me que Sua Excelência mandou buscar orquídeas em todas as partes do mundo.

— Estas são belíssimas! — exclamou Lorena. — Um dos arranjos é para meus cabelos.

— Se quiser, senhorita, posso prendê-lo na parte de trás de sua cabeça, igual a uma tiara, assim como usam na Rússia.

— Você já conheceu alguma russa?

— Sim, senhorita. No ano passado, quando o rei veio jantar, havia uma princesa russa aqui hospedada. Ela usou uma tiara de flores formando uma espécie de arco no alto da cabeça. É assim que estas orquídeas deverão ser colocadas.

Lorena concordou. Emily arrumou-as artisticamente em sua cabeça. O outro ramo foi preso no vestido, um pouco abaixo do busto. Ao olhar-se no espelho, achou que o rosa das flores parecia atenuar a severidade de seu vestido. Reparou que seus olhos brilhavam e sentiu que não mais receava parecer pequena e insignificante.

O duque pensara nela! Mandara-lhe flores! Mas devia ter cuidado: não poderia

agradecer-lhe em público, pois a condessa talvez se aborresse ...

Tornaram a bater na porta. Desta vez era sir Hugo.

— Está pronta, meu bem? Não devemos nos atrasar.

— Já estou pronta, titio.

— Que belas flores tem na cabeça... — fez uma pausa, e exclamou: — São naturais!

Ao entrar, quando olhei para elas, pensei que fossem artificiais. São muito mais bonitas do que as que eu tenho visto. Agora vamos embora, senão perderemos o drinque antes do jantar.

Ao descerem, Lorena esperava que ninguém reparasse nas lindas flores que estava usando. Não só receava que a condessa se zangasse, mas achava que qualquer comentário desagradável poderia perturbar sua felicidade, pelo fato de o duque ter pensado nela.

Felizmente todos já se encontravam no salão azul, e animados demais nas conversas, para repararem nela. Todavia, notou, embora pudesse estar enganada, que o duque lançara um olhar em sua direção, desviando-o em seguida.

Sentiu alguém pegando sua mão. A marquesa de Trumpington puxou-a para um lado.

— Lastimo, querida — disse ela —, que tenha ficado abalada com as palavras tão desagradáveis de Daisy antes do almoço. Se eu soubesse que desejava ir à igreja, teria ido com você.

— Seria uma grande gentileza, mas não queria ser um estorvo para ninguém.

— É claro que não. Esta é a última coisa que você seria — disse a marquesa carinhosamente. — Daisy é ridiculamente ciumenta de qualquer pessoa que fale com o duque. Bonita como você é, está sujeita a essas inconveniências.

— Não me julgo nada bonita quando olho para a senhora — disse Lorena com toda a sua sinceridade.

A marquesa estava realmente bonita, com um vestido azul-turquesa que realçava seus cabelos vermelhos. Usava um colar e uma pequena tiara de águas-marinhas e um bracelete das mesmas pedras.

Sorriu ao ouvir o elogio, mas antes que pudesse responder, lorde Gilmour aproximou-se, dizendo:

— Daisy está se exibindo tal qual um pavão com duas caudas! Mas em minha opinião, nesta sala só existe uma mulher bonita: você, Enid!

No tom de sua voz havia algo que surpreendeu Lorena. Ao ver a expressão dos olhos dele, compreendeu. Lorde Gilmour estava apaixonado pela marquesa! E ambos eram casados com outras pessoas!

Sentiu-se confusa, e ao sentar-se à mesa, olhou à sua volta, perguntando a si mesma quantos daqueles homens estariam enamorados das mulheres que não eram suas esposas. Mais uma vez, viu que a condessa de Hellingford se esforçava por atrair a atenção do duque, e a marquesa, com uma expressão muito suave nos olhos, ouvia o que lorde Gilmour estava lhe dizendo.

De frente para ela, a viscondessa Stort estava evidentemente tendo uma discussão muito íntima com o major Fane. Olhou para seu tio. Pelo menos não parecia

comprometido com nenhuma das senhoras presentes.

Lembrou-se então do tom irônico da condessa de Hellingford, referir-se naquela manhã à sua tia Kitty: "...ou terá preferido Dorset?" Fora só após o almoço que ela compreendera. A condessa estava se referindo ao condado com aquele nome, mas a um homem. Ignorava que houvesse uma pessoa chamada lorde Dorset, até o momento em que já iam saindo para o passeio a cavalo, e ouviu seu tio dizer ao criado:

— Este não é meu chicote. O meu tem um punho dourado.

Ao olhar para ele, o homem respondeu:

— Desculpe, senhor. Na pressa, quando já estávamos vindo para cá, devo ter trazido o de lorde Dorset em vez do seu.

— Pois trate de devolvê-lo logo que chegarmos a Londres — dissera str Hugo bruscamente. — E para outra vez, não seja tão descuidado!

Lorena julgara que seu tio irritara-se inutilmente. Agora, porém, aquele nome, surgindo em sua lembrança, foi como um estalo. E como se arrumasse as peças de um quebra-cabeça, começou a compreender algumas coisas que a tinham preocupado.

Tia Kitty e lorde Dorset! Não era de admirar que não houvesse lugar para ela na casa de seu tio em Belgrave Square ou, pelo mesmo motivo, na sua casa de campo.

Agora, sentada àquela mesa, veio-lhe à memória o que seu pai costumava dizer sobre o casamento. Julgava-o uma bênção divina e, como tal, os vínculos que uniam o casal não deveriam ser rompidos.

Um dia, ao ver o marido preocupado, sua mãe perguntara-lhe:

— O que há, querido? Alguma preocupação?

— Foi o casamento que acabei de realizar — respondera o pai. — Senti um ambiente falso, em toda a igreja percebi que não havia nenhuma oração sincera ou um ato de fé.

— Talvez tenha se enganado.

— Não. Percebi claramente que a noiva estava se casando pelo dinheiro do noivo, que por sua vez via naquele casamento uma chance para ingressar num círculo social mais elevado do que aquele em que nascera.

— Não deve levar essas coisas muito a sério, querido — dissera sua mãe, levantando-se da mesa para ir beijá-lo.

— O casamento deve representar dedicação e uma união de amor — insistira seu pai.

— Como o nosso — dissera sua mãe, meigamente. — Assim será o que vai realizar amanhã, o de Wilcox. Ambos estão apaixonados. Sempre julguei aquela moça um tipo comum, mas agora está quase linda.

Houve muitas ocasiões em que seu pai acreditava ter casado duas pessoas que encontrariam a felicidade, por terem sido feitas uma para a outra. Dinheiro e posição social nada significavam para ele. O que contava era o amor.

Agora, pensando bem, Lorena sentia que isso costumava acontecer mais habitualmente com pessoas humildes. Rapazes e moças que viviam em aldeias, ou outros, que embora ricos não aspiravam a posições sociais mais elevadas.

"Talvez o dinheiro corrompa", pensou ela. Todavia, se a pessoa que o tivesse também possuísse um caráter honesto e ideais sublimes, então nada poderia atingi-los,

mudá-los ou destruí-los.

Censurou-se então por estar sendo egoísta, pensando somente em si mesma, em vez de conversar com os dois cavalheiros entre os quais estava sentada. Virou-se para o da direita, procurando saber em que estaria interessado. Antes de terminar o jantar, constituído de sete pratos diferentes, ela havia conversado bastante e fora bem-sucedida em seu intento.

Ao se dirigirem para a sala de visitas, Lorena procurou aproximar-se da marquesa de Trumpington. Sorrindo, perguntou-lhe:

— Acha que eu poderia tocar piano? Se o fizer bem baixinho, não atrapalharei as conversas.

Pensando que Lorena quisesse evitar novo atrito com a condessa, a marquesa respondeu imediatamente:

— Seria uma ótima idéia, e gostaria de ouvi-la tocar. Deve ter tido um bom professor em Roma.

— Sim, um italiano para quem a música era toda a sua vida. — Assim falando, dirigindo-se para uma salinha onde estava o piano.

Era um Broadway magnífico. Ao sentar-se, e mal suas mãos tocaram as teclas, percebeu que jamais tivera a oportunidade de tocar num instrumento como aquele.

Iniciou com uma música suave de Chopin. Evitava assim que a condessa pudesse achar que ela estava interrompendo as conversas.

Lorena achou que naquela noite Daisy estava ainda mais linda, realçando-se sobre todas as outras. Pensou que aquilo ocorria porque amava o duque e era correspondida. Isso lhe deu uma sensação estranha, embora não soubesse a causa. Era a mesma sensação dolorosa que sentira ao saber que o duque fora casado. Procurou então concentrar-se no que estava tocando.

De Chopin, passou para uma melodia romântica de Offenbach, e quando os homens entraram na sala, achou que devia parar de tocar. Agora, certamente, estaria livre da condessa. Ao ver o duque entrar na sala e dirigir-se para o grupo de senhoras, ergueu-se do piano e caminhou rapidamente, a fim de esgueirar-se por uma porta envidraçada que dava para o terraço.

A noite estava quente, sem uma brisa sequer. O céu estava recamado de estrelas, e o luar banhava o jardim, prateando a água do lago. Sem ter idéia de para onde deveria dirigir-se, foi até o fim do terraço, desceu alguns degraus que davam no gramado, e afastou-se da casa.

Ao sentir-se isolada de todos, achou que fora ridículo ter-se atemorizado com as pessoas. Sabia, porém, não desejar que a condessa de Hellingford destruísse o enlevo do qual estava possuída, desde que chegara a Mere. Já bastava que uma parte de seu sonho tivesse sido atingida ao ver e ouvir certas coisas que antes não percebera. E o que ficara sabendo estava maculando a beleza que a fascinara.

“É como se eu despertasse”, pensou ela, “quando quero continuar sonhando.” Sentia como se aquele conto de fadas estivesse se apagando, e ela seria deixada com a realidade, que poderia parecer-lhe feia e desagradável.

O encanto que havia naquele jardim afigurava-se-lhe igual à frescura da mão sobre uma testa febril. Qualquer coisa que estivesse acontecendo na sala de visitas brilhantemente iluminada ficara para

trás. Aqui havia paz e a magia serena da noite.

Havia também a fragrância de flores noturnas, o guincho estridente de algum morcego ocasional. Mais do que tudo, havia a lua, as estrelas e a sensação de estar cercada por seres de outro mundo, embora não os visse. Pensou que talvez fossem os antigos moradores de Mere. Como ela, poderiam ter um dia caminhado pelo jardim, para escapar de suas dificuldades e preocupações.

Talvez fossem também seres celestiais, que pudessem movimentar-se entre os mortais. Exerciam sua influência, para que buscassem algo mais elevado do que eles mesmos. Alguma coisa que ali estivesse, porém, fora de seu alcance.

Ao se aproximar de um tanque de nenúfares, cercado por uma sebe artisticamente podada, estava perdida em seus devaneios. Não poderia descrever a felicidade que sentia. Cada passo que dava afastava-a de tudo que a perturbava. Sentiu-se como se estivesse enfeitiçada, porque todo o seu ser elevava-se espiritualmente.

No centro do tanque de nenúfares havia uma estátua de Eros. Carregava um grande peixe nos braços, de cuja boca saía um filete de água que caía no tanque. O luar dava-lhe reflexos prateados, tornando-o sedutor, e ouvia-se apenas o murmúrio da água.

Ao olhar para cima, Lorena sentiu a impressão de que alguma coisa dentro dela, talvez seu coração, afluísse para o céu, impregnando-lhe aquela força da qual falara ao duque, o poder que sabia originar-se de Deus e só a Ele pertencia.

Logo em seguida, ouviu passos no caminho que a trouxera até o tanque de nenúfares. Reteve a respiração por alguns segundos, com a esperança, que não conseguia reprimir, de que fosse o duque que a estivesse procurando. Em vez dele, porém, viu o major Fane.

Alstone percebera quando Lorena se esgueirara pela porta envidraçada da sala de visitas. Podia entender que ela desejasse escapar.

Aliás, sentira-se aliviado ao entrar na sala, vendo que ela não estava perto de Daisy. Teve curiosidade de saber quem poderia ter-lhe sugerido que tocasse piano. Mas não achava conveniente perguntar.

— Vai jogar, Alstone? — perguntara-lhe Daisy, que naquela noite estava bem-humorada,

— É evidente, pensei que você também quisesse.

— Ganhei um pouco na noite passada — disse Daisy —, mas não o suficiente. Deve sentar-se perto de mim e dar-me sorte, Alstone.

— Primeiro tenho que ver o que meus outros convidados querem fazer. Você deve dirigir-se para a mesa maior e organizar tudo, como sempre sabe fazer tão bem.

Daisy sorriu. Ficava encantada quando o duque a tratava como se fosse a anfitriã de Mere, que era o que mais desejava ser.

Intimamente, ela pensava que brevemente poderia impedir a vinda de toda aquela gente para a mansão. Na realidade, era uma pretensão destituída de fundamento.

Entretanto, sempre imaginava que tudo o que queria tornava-se uma verdade.

Acomodou a todos, que queriam jogar bacará, e o fez de tal forma que deu a entender ser ela quem comandava o espetáculo, sendo a única cuja opinião era acatada.

Três dos convidados queriam jogar bridge, e o duque conseguiu um quarto parceiro. Reparou então que Kelvin Fane não se sentara à mesa de bacará, conforme era esperado. Viu-o dirigir-se para a porta envidraçada que dava para o terraço. Compreendeu imediatamente que ele estava à procura de Lorena.

Irritado, pensou que após o que acontecera antes do almoço, Fane estava agindo mal, arriscando-se a uma cena com Sarah Stort por causa da moça. Disse com seus botões: “Esta é a última vez que convido uma moça solteira para minhas reuniões”.

Contudo, ocorreu-lhe que não era por Lorena ser jovem e solteira que estava provocando toda aquela celeuma entre os convidados. Mas apenas porque possuía uma atração fora do comum. Fosse o que fosse, era responsável por ela. Assim, Fane não tinha o direito de segui-la ao jardim, o que certamente deixaria Sarah furiosa e suscitaria comentários, mesmo que fossem sem maldade.

Ao ver que Daisy estava ocupada bancando o jogo, dirigiu-se para o terraço, sem saber qual a direção que Lorena tomara. Tinha certeza — embora sem saber por quê —, que deveria ter ido para o tanque dos nenúfares. Ele ficava num jardim planejado por sua mãe. Apesar de pequeno, achava-o muito atraente.

Além desse, havia outro com várias plantas, cercado por muros de tijolos vermelhos, no estilo elisabetano, e ainda um terceiro cheio de roseiras, com um quadrante solar no centro. Um pouco mais afastado, o jardim japonês com árvores e arbustos, que eram miniaturas de espécimes maiores.

Entretanto, o que ficava mais perto, sendo também o mais bonito, era o que tinha o tanque dos nenúfares.

Começou a andar depressa sobre o gramado macio, e ao aproximar-se do jardim, ouviu vozes. Seu primeiro impulso foi dirigir-se diretamente para onde Lorena e Kelvin Fane estavam. Mas, ao chegar à sebe, percebeu que dali podia escutar o que diziam.

— Isto aqui é muito agradável — disse Lorena —, mas acho que deveríamos voltar.

— Não há pressa — respondeu Kelvin. — Todos estão jogando e quero falar com você.

— Sobre o quê?

— A seu respeito.

— Só posso pensar no quanto este jardim é lindo.

— Assim como você!

— Já disse... acho que devemos voltar.

Não havia dúvida de que Lorena estava nervosa. O duque ergueu as mãos afastando os ramos à sua frente. Pela abertura, vislumbrou-a claramente, de pé ao lado do tanque, com o luar iluminando seu rosto, enquanto Kelvin estava de costas para ele.

— Eu a levarei de volta, mas primeiro quero beijá-la. Jamais foi beijada, e por isso quero iniciá-la em tão doce prazer.

— Não! — ela não se mexera, mas falara com firmeza.

— Não? Por quê?

— Porque, quando for beijada... talvez seja realmente maravilhoso. Contudo... gostaria que o homem que me beijasse fosse aquele com quem eu me casasse.

Verificou-se um silêncio, e o duque sabia que Kelvin ficara surpreso.

Após um momento, ele tornou a dizer:

— Julgo que achará difícil saber se deseja mesmo casar-se com um homem, a não ser que o beije primeiro.

Lorena sacudiu a cabeça antes de falar:

— Pode achar que seja uma tolice, mas tenho certeza de que se eu me apaixonar por alguém, a ponto de querer casar-me, meu coração me dirá se eu amo essa pessoa ou não.

— Talvez tenha razão — disse Kelvin —, mas ainda quero beijá-la, Lorena. Há muito que não desejava uma mulher tão intensamente.

O duque sentiu que ele ia continuar insistindo, e aquilo era algo que não podia permitir. Estava prestes a passar pela sebe e interferir, antes que Kelvin assustasse Lorena, quando a ouviu dizer:

— Acho que se a senhora que o ama o ouvisse dizer essas coisas, ficaria muito zangada. Eu não a condenaria, pois é desleal amar uma mulher e desejar outra.

Se Lorena, anteriormente, já deixara Kelvin surpreso, agora conseguira espantá-lo, pensou o duque.

— Sou um homem livre — disse o major, como se quisesse desculpar-se. — Não pertenço a ninguém, Lorena, e ninguém pode impedir-me de querer beijá-la. Não acho isso desleal.

— Se não é desleal, então é cruel. Não desejo ser cruel com ninguém... Por favor, entenda... não quero ser beijada.

Seu modo de falar, com a voz ligeiramente trêmula, banhada pelo luar, tudo contribuía para que parecesse ainda mais bela e jovem.

Então, Kelvin Fane capitulou, como se ela tivesse usado uma arma mais eficaz do que as flechas que o pequeno deus do amor carregava nos ombros.

— Não farei nada que você não queira, Lorena. Mas prometa-me uma coisa.

— O quê?

O duque notou que ainda estava um pouco nervosa, talvez com medo, porque agora compreendia o que não percebera antes, que Kelvin Fane era um homem, que desejava algo mais do que um simples beijo.

— Quero pedir-lhe para vê-la quando for embora de Mere. Como deve ter percebido, as coisas aqui são diferentes, e num outro lugar as coisas pareceriam diversas. Quero vê-la, Lorena, muito mais do que eu possa dizer-lhe.

— Também gostaria de revê-lo — respondeu ela. — Contudo, não sei onde estarei nem onde viverei.

— Isso não tem importância. Eu a descobrirei, e então poderemos realmente nos conhecer, o que gostaria de fazer — sua voz era tão ardente que fez com que Lorena tornasse a pedir:

— Vamos voltar. — Ela não podia afastar-se dali, a não ser que ele saísse de sua

frente.

Hesitante, deu um passo e os olhos dos dois se encontraram. O duque ficou observando, compreendendo que aquilo era uma luta de vontades. Parecia-lhe estranho que uma criatura tão jovem e inexperiente quanto Lorena pudesse enfrentar o mais versado e certamente o amante mais ardente do mundo social. Todavia, enquanto esperava quase sem respirar, Lorena venceu. Kelvin Fane afastou-se para um lado e ela passou, dirigindo-se para o caminho estreito que ia dar no gramado.

Com a agilidade de um atleta, o duque abandonou seu posto, e quando Lorena e Kelvin chegaram ao gramado, ele caminhou na direção dos dois, como se estivesse vindo da casa.

— Finalmente! Vinha dizer-lhe, Kelvin, que está sendo esperado na mesa de bridge. Acho que estão querendo seu dinheiro!

— Pois não o terão. Não pretendo jogar esta noite e, para ser sincero, já estou farto do bacará. Também não jogarei bridge, ou se preferir, podemos fazer uma partida de piquê.

— Apesar de surpreso ao ver o duque tão perto do local onde tinham estado, Kelvin falou com naturalidade.

O coração de Lorena pulara de alegria, ao ver o duque vindo na direção deles. Temia que o major insistisse em beijá-la, e pensara que seria embaraçoso e indecoroso ter que lutar com ele. Jamais estivera numa situação semelhante. Quando o major dissera que queria beijá-la sem seu consentimento, as palavras que ela dissera surgiram em sua mente como se fossem uma inspiração ocorrendo fora dela mesma.

Tivera medo, mas agora, ao ver o duque tão alto, de ombros tão largos, sentiu um impulso de correr para ele, dizendo-lhe o quanto se sentira assustada, e como estava feliz por vê-lo ali como seu salvador.

Os três voltaram pelo gramado e dirigiram-se para o terraço que parecia iluminado pelo reflexo dourado das luzes da sala. Lorena sentiu que tudo voltara ao normal, que seu sonho continuava unicamente devido à presença do duque.

Ao chegarem, ele disse a Kelvin:

— Acho melhor entrar. Irei ter com você dentro de alguns minutos.

Ao dizer aquilo, sabia que Kelvin era um homem inteligente, e compreenderia que aparecendo com Lorena, Sarah e Daisy poderiam fazer algo de desagradável. Concordando, o major passou pela porta envidraçada que dava na sala de visitas, e Lorena ouviu a marquesa dirigir-se a ele da mesa de bacará.

— Acho Mere muito mais bela numa noite de luar — disse o duque a Lorena, querendo iniciar uma conversa.

— Suponho que... fiz mal em ir sozinha ao jardim — disse ela.

— Não propriamente mal, mas talvez tenha sido imprudente.

— Desculpe... estou sempre cometendo erros.

— Não são bem erros — replicou o duque. — Não quero que se preocupe com eles. O que desejo realmente é que agora vá tocar piano bem baixinho, como fez logo depois do jantar.

— Gostaria de fazê-lo, mas não acha que poderei atrapalhar?

— Não atrapalhará aos que estão jogando, e como ficarão sabendo onde você está, não haverá motivo para mexericos.

— Compreendo... e é muito prudente de sua parte. Peço-lhe novamente que me desculpe por ter agido tão levianamente.

— Quando julgar que já tocou suficientemente, poderá juntar-se a nós na salinha de jogo, ou se preferir, ir para a cama.

— Não será indelicado?

— Ninguém pensará que é indelicada, por não arriscar seu dinheiro numa coisa que, segundo você diz, tem mais probabilidade de não ganhar.

— Não o arriscaria em qualquer jogo — disse Lorena, rindo —, mesmo que o tivesse. Irei para a cama ler. Esta tarde, encontrei uns livros muito interessantes na biblioteca.

— Pensei que os descobriria mais cedo ou mais tarde.

— Descobri também outras coisas, e o sr. Ashley me disse que ainda há muitas outras, que me mostrará amanhã.

— Quando já tiver visto tudo, então se sentirá entediada? — perguntou o duque.

— Nunca! Isso jamais acontecerá aqui! Acho que ninguém pode sentir-se entediado com coisas tão bonitas. Talvez, algumas vezes, possamos sentir isso com relação às pessoas.

Mais uma vez ele achou que as coisas que Lorena falava eram completamente imprevisíveis. Ouviu-a dizer sorrindo:

— Boa noite, Excelência, e mais uma vez muito obrigada por tudo!

Ao vê-la desaparecer passando pela porta envidraçada, esperou ainda um pouco, e ouviu uma melodia interpretada por alguém que devia amar a música e fora bem ensinado. Prestou atenção ao que ela estava tocando, e sentiu que a música revelava um sentimento de gratidão pelo que ela vira e descobrira em Mere. Pela sua interpretação ao piano, podia ouvi-la falar e quase ver o que estava pensando.

Após escutá-la durante alguns minutos, dirigiu-se lentamente para a salinha de jogos.

Ao vê-lo, Daisy disse em voz alta:

— Onde estava, Alstone? Seu lugar está reservado.

Ele sentou-se ao seu lado.

— Onde esteve? — tornou ela a perguntar.

— Respirando um pouco de ar fresco. A noite está quente — sabia que com essa explicação afastava qualquer suspeita que ela pudesse estar sentindo.

— Deveria ter-me avisado — falou automaticamente. Em seguida, ao dar cartas a ele, disse baixinho, para que só ele ouvisse: — Querido, senti sua falta. Sabe o quanto detesto ficar longe de você, mesmo por alguns minutos.

O modo como Daisy falara isso deu-lhe a impressão de que ela estava estendendo as mãos para segurá-lo, prendê-lo, esforçando-se por mantê-lo seu prisioneiro.

Sentiu, então, despertar dentro dele uma raiva fora do comum. Não queria ser amarrado, não tinha nenhum desejo de pertencer a nenhuma mulher, quem quer que fosse ela.

Lembrou-se que ouvira Kelvin Fane dizer que estava livre, e sabia que isso era uma mentira, Nenhum deles era livre. Aquelas mulheres estavam decididas a mantê-los fascinados, subjugados, assim como ele, se deixara envolver por Daisy, e Lorena descobrira que o mesmo ocorria com Kelvin e Sarah.

“Que diabo!”, disse para si mesmo, “afinal sou um rato ou um homem, para deixar que isso aconteça comigo?”

Olhou para as cartas que recebera, e atirou-as na mesa.

— Estou sem vontade de jogar. O calor está demais.

Empurrou a cadeira e levantou-se.

— Mas, Alstone! Isto é... — protestou Daisy.

Alstone sabia o que ela ia dizer, mas não se sentia disposto a escutar. Atravessou a sala, dirigindo-se para onde Kelvin Fane estava. Com uma expressão obstinada, e de pé, ele ouvia o que Sarah Stort, que se levantara da mesa, lhe dizia.

— Não sei o que fazer, Fane — disse-lhe o duque. — Quanto a mim, gostaria de jogar bilhar. Que tal uma partida?

— Ótimo! — exclamou o major. — Isto é o que eu chamo uma sugestão sensata.

— Quero que jogue bridge comigo — protestou Sarah.

— Sua mesa está completa — replicou Kelvin.

O duque dirigiu-se para a porta seguido por ele, quando Sarah agarrou o braço de Kelvin, dizendo-lhe num sussurro:

— Não se atrase. Estarei esperando-o, amor. Kelvin Fane não respondeu.

Ao se dirigirem para a sala de bilhar, o duque compreendeu que seu amigo não tornaria a ver Sarah naquela noite.

CAPÍTULO VI

O duque dormia profundamente, quando acordou com o rosnado de Rufus, seu cão, que sempre ficava em seu quarto. Não era comum Rufus o acordar durante a noite. Ao abrir os olhos, pensou que já devia ser de manhã.

Percebeu então que o quarto estava completamente escuro, exceto pela claridade que provinha da janela. Como a noite estivesse muito quente, deixara a cortina aberta, para refrescar um pouco e poder ver as estrelas no céu.

Rufus tornou a rosnar. O duque se perguntou o que poderia estar preocupando-o. Viu-o dirigir-se para a porta, farejando por baixo dela. Teve então certeza de que alguém deveria estar no corredor. Mas quem poderia ser?

Era pouco provável que alguém estivesse passando por aquele corredor. Seus aposentos, embora ficassem no primeiro andar do edifício principal, não tinham vizinhos, a não ser a suíte da condessa.

Contudo, achou quase impossível que Daisy tivesse se levantado àquela hora, para vir ao seu quarto.

De fato, ao se despedir dela antes de ir deitar-se, já à porta, recusara-se a entrar. Sabia que ela estava esperando que o fizesse, como esperara na noite anterior. Entretanto, não se sentia disposto a procurá-la, e ela era bastante experiente para saber quando não devia pressionar um homem.

Apesar disso, ao terminarem o jogo de bacará e todos os convidados se despedirem e subirem para seus quartos, Daisy deu um jeito de ficar com ele. Ao acompanhá-la até o quarto dela, pararam à porta.

- Até amanhã, Daisy — dissera ele. — Estou satisfeito por você ter ganho esta noite.
- Tem que ser “até amanhã”? — perguntara.

Embora estivesse muito bonita, sob o reflexo dourado da luz dos candelabros de parede do corredor, ele não conseguia compreender por que não sentia nem mesmo desejo de tocá-la. Relutava até para levar a mão dela aos seus lábios, embora se sentisse obrigado a fazê-lo.

— Estou cansado. — Ao dizer isto, sentiu-se envergonhado da desculpa tão banal, sabendo que Daisy não acreditaria nela.

Beijou sua mão e, ao sentir que ela o puxava, virou-se.

- Boa noite, Daisy. Já é muito tarde, por isso tenho certeza de que dormirá bem.

Percebeu que ela fizera um movimento para detê-lo, mas ele afastou-se, e dirigiu-se para seu quarto sem olhar para trás.

Agora, vendo Rufus farejar por baixo da porta, o duque ficou escutando e, tenso, esperou. Pensava que seria inconveniente e embaraçosa uma cena com Daisy àquela hora. Contudo a porta não se abriu. Então, ele se convenceu de que alguém deveria ter passado pelo corredor. Mas quem poderia ser?

De repente, ocorreu-lhe que talvez fosse um ladrão. Estava pensando em instalar um sistema elétrico de alarme, tendo ouvido dizer que era muito eficaz.

Até então não julgara necessário proteger-se contra os assaltantes, que já haviam entrado em várias casas ricas. Sabendo, porém, dos tesouros que possuía, presumiu que seriam realmente uma tentação para aqueles “colecionadores”, que às vezes empregavam “métodos suspeitos” para aumentar suas coleções.

Finalmente, saltou da cama, pôs os chinelos, vestiu seu robe de veludo, e dirigiu-se para a porta.

Rufus continuava rosnando, como se ainda sentisse a presença de um intruso, cuja passagem começava a desvanecer-se em sua memória.

Como não quisesse acender a luz, foi Tateando até encontrar o trinco da porta, abrindo-o bem devagar. O corredor estava apenas iluminado por algumas lâmpadas, que o criado deixara acesas após todos terem ido deitar-se.

Saiu do quarto, e embora não tivesse certeza, sentiu algo mover-se nas sombras no fim do corredor. Ficou intrigado e decidiu verificar. Dirigiu-se rapidamente para o lugar no qual pensara ter percebido um movimento. Ao chegar lá, viu a escada em caracol, que subia para o telhado. Fazia tanto tempo que utilizava o corredor só para ir até seu quarto, que se esquecera da existência daquela escada.

Agora estava convencido de que, quem quer que fosse que despertara a atenção de Rufus, deveria ter subido por ela, para esconder-se.

De repente, ocorreu-lhe que os ladrões deveriam achar os imensos telhados de Mere um lugar apropriado para ocultar-se. Por eles também poderiam descer sem ser vistos, indo dar num ponto diferente daquele pelo qual tinham entrado.

Ao subir rapidamente, pensou que fora muito imprudente, não tendo trazido uma arma. Guardava sempre um revólver em uma das gavetas do quarto. Entretanto, uma boa bengala ou o atizador da lareira também seriam eficazes quando usados por alguém tão forte e atlético quanto ele.

Satisfeito, pensou que também poderia enfrentar qualquer intruso comum, com seus próprios punhos, e teria adorado fazê-lo.

Quando estudava em Oxford, fora campeão de pugilismo na categoria de seu peso, e quando no Exército saíra-se bem no ringue. Agora, há muito que não lutava, e até que se divertiria com uma boa luta, contanto que não tivesse que enfrentar muitos de uma só vez.

Ao chegar ao topo da escada, deparou-se com a porta que dava para o telhado. Estava aberta.

Prudentemente, deu alguns passos, avistando logo a seguir, bem à sua frente, um vulto fino e todo de branco. Imediatamente, soube de quem se tratava. Lembrando-se então do que ela lhe dissera antes, compreendeu o motivo pelo qual ali se encontrava.

Há muitos anos que não ia ao telhado para ver o sol raiar. Deduziu então que aquela seria uma aventura emocionante para Lorena, enquanto ainda em Mere. Alguém devia ter-lhe contado quão lindo era o alvorecer visto daquele ponto. Só podia ter sido o sr. Ashley.

Embora continuasse olhando para ela, sentiu que o céu estava clareando, e o brilho

das estrelas se apagando.

Vislumbrou então, nitidamente, a silhueta de seus traços, o narizinho reto e o queixo pontudo. Imóvel, com a cabeça levantada e a linha do pescoço alongada, podia ser comparada a uma estátua igual às que, em seus nichos, ornamentavam a entrada da casa.

Caminhou para a frente, indo postar-se ao lado dela. Lorena não se virou, mas ele sabia que estava consciente de sua presença. Por compreender o que esperava que ele fizesse, permaneceu ao seu lado, olhando para o nascente sem falar nada.

Ao longe, o céu se iluminou. A palidez do horizonte tingiu-se de dourado, e os raios de ouro, elevando-se, iam varrendo as trevas da noite. As estrelas, agora no poente, desapareciam aos poucos por trás deles. Então, um pouco antes de o sol aparecer no horizonte, o duque sentiu a mão de Lorena na dele. Apertou seus dedos, percebendo que ela estremecia, talvez emocionada pelo que estava vendo, ou porque ele a tocara. Ficou sem saber.

De repente, eis o sol, que surgia de um modo quase patético, dourado e radiante! De início apenas uma lista ardente, cor de fogo, e logo em seguida, ofuscando os olhos com a sua intensidade e seu brilho.

O duque percebeu que Lorena sustinha a respiração, ao mesmo tempo que apertava sua mão com tanta força, que o fez sentir que estavam unidos, ao admirar um espetáculo tão grandioso, tão esmagadoramente belo.

O esplendor do nascente intensificou-se. Era dia. Nenhum dos dois se moveu. Ele sentiu os dedos de Lorena afrouxando-se. Compreendeu que ela estava fascinada, e soltou sua mão. Lorena deu um suspiro tão fundo que pareceu vir das profundezas de seu ser.

Virou-se para olhar para ele. Os raios de sol se refletiam em seus olhos, e seu rosto se transfigurava por uma beleza que jamais vira. Sorriu para ele, e sem falar, dirigiu-se para a escada pela qual viera, e desapareceu.

O duque ainda continuou olhando para aquele ponto, como se não pudesse acreditar que ela o abandonara.

Por qualquer razão, parecia incrível que juntos tivessem assistido àquele espetáculo tão maravilhoso, e no entanto, Lorena nada dissera a respeito dele.

Ela, porém, sabia que, afastando-se, fizera o que julgara certo. Não havia palavras que descrevessem o que tinham visto. Comentários sobre aquilo seriam supérfluos e talvez estragassem o que era demasiadamente perfeito para ser interpretado por palavras.

Ele sabia, sem ter sido informado, o que Lorena sentira, e embora se surpreendesse, reconhecia que ela agira direito ao fazer o que fizera. Pensou que fora exatamente o que dela esperara.

Olhou na direção do sol. Brilhava agora sobre os vastos acres de sua propriedade, e ele avistava os bosques, as campinas, os regatos, as granjas com seus animais, tudo estendendo-se à sua frente. Era quase como um mapa que se movia e vivia.

“Meu, tudo meu”, pensou. Compreendeu então que era muito mais do que aquilo.

Era um legado sagrado que lhe fora transmitido por seu pai, que o herdara de seus ancestrais. Caberia a ele, por sua vez, entregá-lo a seu filho e àqueles que seguiriam suas pegadas.

Lorena dormiu até mais tarde do que costumava. Ao despertar sentiu-se como se tivesse passado por alguma coisa tão sensacional e perfeita, que haveria de permanecer em seu coração para sempre.

Sabia que o que a tornava ainda mais maravilhosa era o fato de o duque ter compartilhado da magia daquele momento.

Ignorava se ele sabia de sua presença no telhado. Aceitara como um milagre o seu súbito aparecimento ao seu lado, o que a levou instintivamente a segurar a mão dele.

Quando o sr. Ashley lhe contou que a vista do telhado era fantástica, considerada uma das mais lindas de todo o condado, ela sentiu que era chegado o momento de vê-la.

Quando em Roma, muitas vezes levantara-se muito cedo, para, da janela, apreciar o nascer do sol sobre a cidade. Ele brilhava como se fosse um ato de fé, principalmente por cima da cúpula da igreja de São Pedro.

Sabia que a vista que desfrutara do convento não seria nada comparada àquela que lhe seria proporcionada em Mere. Dada a sua situação num terreno elevado, e sendo ela tão alta, ofereceria uma visão que se estenderia a uma grande distância.

Reconhecia ter sido aquele um momento inesquecível. Jamais se esqueceria da sensação que sentira, quando o duque apertara sua mão na dele. Ao voltar para o quarto e tornando a deitar-se, reconheceu também que era amor o que sentia. Na realidade, era isso que por ele sentia há muito tempo, sem ousar pronunciar a palavra nem para si mesma.

“Eu o amo!”, sussurrou. “É exatamente o que eu esperava que fosse o amor, espiritual e perfeito, e tal qual o sol, proveniente de Deus.”

Quis fazer uma prece de gratidão, mas ocorriam-lhe apenas palavras de alegria e exaltação, porquanto as emoções que a agitavam não podiam ser manifestadas de outro modo.

No momento, o fato de saber que o duque jamais a amaria não toldava sua felicidade. Que ele não seria para ela qualquer coisa mais íntima e pessoal do que fora desde que o conhecera: um príncipe em seu palácio encantado.

“Não importa para onde eu vá ou o que possa acontecer-me”, pensava, “ele estará sempre presente em meu espírito. Nada poderá eliminar a sensação de encantamento que há pouco senti, ao admirarmos juntos o alvorecer.”

Vagamente, como se numa sombra, algo em sua mente disse-lhe que ele pertencia à condessa. No momento, isso não tinha importância comparado ao que lhe fora dado: o amor é uma bênção que só podia vir de Deus.

“Amar alguém tão maravilhoso é um privilégio e uma honra!”, disse a si mesma. “Posso rezar por ele, e talvez minhas orações o protejam.” Não podia evitar a idéia de que a condessa era a pessoa errada para alguém tão compreensivo e generoso quanto o duque. Depois, reconheceu humildemente que não era um juiz, e admitiu que Daisy lutaria por conservá-lo.

Ao adormecer, sonhou com o duque. Ao despertar, muito mais tarde, sentiu que de certo modo ela ainda estava com ele, e sua mão continuava presa na dele.

Ao descer, tendo tomado o café que Emily levava por ser tão tarde, encontrou seu tio

e Perry esperando-a para um passeio a cavalo. Teve vontade de perguntar pelo duque, mas sir Hugo antecipou-se, dizendo:

— A maior parte do grupo já foi embora, e Alstone está com o seu procurador. Portanto, não precisamos esperá-lo.

Embora fosse essa a sua única vontade, tentou convencer-se de que devia sentir-se feliz com o passeio, e seria uma vergonha desejar mais do que isso. Contudo, desejava vê-lo ali, montado em seu garanhão preto, olhar para seu rosto e ouvir sua voz.

Passearam quase duas horas, e ao voltarem para casa, Lorena sentiu-se emocionada porque dentro em pouco iria vê-lo. Sabia, porém, que devia ter cuidado para não manifestar seus sentimentos. Ninguém deveria ter a mínima suspeita, e muito menos a condessa Hellingford.

Ao pensar na bela Daisy Hellingford, teve a impressão de que uma nuvem toldara o brilho do sol.

O duque encontrava-se na biblioteca assinando alguns papéis, quando a condessa entrou. Estava muito bonita, com um vestido de gaze lilás e um chapéu de aba larga enfeitado com glicínias.

— Daisy, lastimo, mas estou ocupado — falou Alstone automaticamente, mas sua secretária apressou-se a dizer:

— Excelência, este é o último. Devo desculpar-me por ter ocupado seu tempo.

Como não lhe coubesse fazer nada naquela situação, quando a secretária saiu, ele se ergueu e dirigiu-se à lareira, aproximando-se de Daisy, que o esperara.

— Não pensei em vê-la tão cedo. De fato, pretendia montar a cavalo logo que terminasse de assinar esses papéis. Por que não vem comigo?

Sabia que o convite era inútil, pois ela detestava montar.

— Quero falar com você, Alstone.

O duque resignou-se a saber o que mais cedo ou mais tarde teria que ouvir.

— Conversaremos aqui, ou prefere ir ao jardim?

— O que tenho a dizer deve ser feito imediatamente. Não importa que seja aqui ou lá.

— Muito bem — replicou o duque.

— Você está se comportando de um modo muito estranho, Alstone, e quero uma explicação. Primeiro: desde que cheguei, senti que havia alguma coisa acontecendo entre seus amigos, sobre a qual não fui informada. Segundo: você esteve evitando-me.

Ele abriu a boca para responder, mas antes que o fizesse, Daisy levantou a mão impedindo-o.

— Não terminei. Na semana passada, em Londres, você se mostrou evasivo. Pensei que fosse por causa das festas às quais devia comparecer, ou por excesso de companhia. Contudo, julguei que aqui em Mere seria diferente. — Como fizesse uma pausa para respirar, o duque arriscou-se a dizer:

— Ouça-me, Daisy...

— Você é quem vai ouvir! Eu o amo, Alstone! Acreditava que também me amasse, mas procurou afastar-se de mim desde o momento em que aqui cheguei. Quero saber o

motivo.

O duque sentiu que era chegado o momento crucial. Já se convencera de que teria que aceitá-lo mais cedo ou mais tarde. Já que Daisy queria pôr as cartas na mesa, seria melhor fazê-lo agora.

Dirigiui-se para a janela, pensando por que as mulheres deviam sempre apregoar o que era evidente, sem precisar de palavras.

Ficou alguns instantes olhando para o jardim banhado de sol, dizendo em seguida:

— Daisy, acho que somos suficientemente adultos para aceitar as coisas como elas se apresentam em nossas vidas. Sem recriminações ou palavras inúteis para expressá-las.

Por um momento Daisy não disse nada. Intrigado, ele virou-se para ver em seu rosto a expressão que já esperava: a de espanto.

— Está dizendo que se cansou de mim? — perguntou ela com a voz sufocada.

Ao falar aquilo, notou algo em sua voz que revelou ao duque o fato de aquele desenlace ser para ela totalmente inconcebível.

— Não estou propriamente cansado — disse ele evasivamente —, mas julgo que nosso caso amoroso perdeu toda a espontaneidade e talvez a emoção dos primeiros dias.

— Quanto a mim, isso é uma mentira! Eu o amo, Alstone, e meus sentimentos não mudaram.

— Não acredito que isso seja completamente verdade. Ao mesmo tempo, não estou disposto a discutir o assunto. Quando voltarmos a Londres, eu lhe mandarei um presente, que espero represente sempre uma recordação da grande felicidade de que juntos participamos. Espero também que possamos continuar amigos.

Ao falar, pensou que estava sendo pedante, mas não conseguia imaginar qualquer outra coisa que facilitasse aquele rompimento. No que lhe dizia respeito, sabia que tudo acabara e ela teria que aceitar, quisesse ou não.

— Está realmente afastando-me de sua vida desse modo? Nunca fui tão insultada! Posso garantir-lhe, Alstone, que está cometendo um grande erro, pelo qual se arrependerá amargamente! Você vai me pagar, Alstone!

O duque não teve dúvidas de que ela pretendia fazê-lo arrepender-se. No momento, porém, só lhe restava resignar-se ante a tempestade que adviria, nada mais tendo a dizer.

Já ouvira falar no mau gênio de Daisy Hellingford. Enquanto ela se sentia sempre feliz por poder dominá-lo, porque sob vários aspectos ele a julgava fascinante, jamais a vira tão encolerizada.

Ao observá-la assim transtornada por aquele sentimento de ódio, e escutando suas censuras sarcásticas, teve certeza de uma coisa: detestava ver uma mulher descontrolar-se. Deduziu então que isso deveria ser esperado de alguém igual a Daisy. Podia ser ardente sob certos aspectos, em outros era inflamável.

Entretanto, sentiu que ao perder a calma daquela maneira, ela não estava apenas rebaixando a si mesma, mas também a ele. Quis evitar uma cena, que a cada minuto parecia tornar-se mais degradante. Contudo, teria sido mais fácil deter um ciclone ou acalmar uma tempestade em alto-mar.

Daisy continuou esbravejando, e o duque, a cada segundo que passava, detestava-a

ainda mais.

Lorena entrou em casa, sempre seguida por seu tio e Perry.

— Temos bastante tempo para trocar de roupa antes do almoço — disse sir Hugo, ao consultar a hora num relógio grande, todo de cristal e enfeites dourados, que ficava a um canto do vestíbulo.

— Ainda bem! — disse Perry, antes que Lorena pudesse falar. — Quero tomar um banho. Nunca senti tanto calor como hoje!

— A temperatura deve ser aproximadamente de uns trinta e muitos graus — observou sir Hugo.

Os três se dirigiram para a escadaria, encontrando-se com lorde Carnforth, que vinha saindo da sala.

— Fizeram um passeio agradável? — perguntou.

— Magnífico! — exclamou sir Hugo. — Por que ficou aqui? Pensei que iria conosco.

— Estive esperando Alstone. Entretanto, esperei em vão — baixou a voz para que os criados não o ouvissem, e acrescentou: — Daisy está fazendo uma cena e tanto na biblioteca. Imagino que a temperatura à hora do almoço cairá abaixo de zero!...

— O que a terá transtornado? — perguntou Perry.

— Não tenho a mínima idéia — respondeu lorde Carnforth. — O que sei. é que perdi meu passeio a cavalo.

Lorena subiu a escada em silêncio. Perguntava-se qual teria sido o motivo da cena da condessa. Teria descoberto que ela e o duque tinham se encontrado? Por estar com medo, não desejava descer para almoçar. Mas mesmo que não o fizesse, teria que enfrentá-la de um momento para outro. Se estivesse irritada, ninguém poderia impedi-la de demonstrá-lo.

Pensou se poderia confiar em seu tio e contar-lhe que embora não pretendesse tornar a ficar a sós com o duque, isto só acontecera por acaso. Sentiu, porém, que não suportaria falar daquele momento de felicidade com ninguém. Estaria estragando-o.

Estragaria um momento perfeito que guardara num relicário dentro de si mesma, para conservá-lo como uma coisa sagrada aos olhos do mundo. Principalmente daquele que incluía o duque e seus amigos.

“Por favor, meu Deus... não a deixe descobrir onde estivemos.” Repetiu esse pedido durante todo o tempo em que se vestiu.

Ao descer, ainda apreensiva, entrou na sala azul e viu que todo o grupo estava reunido. Falavam em voz baixa, comentando a respeito do duque e a condessa.

A marquesa de Trumpington estendeu-lhe a mão e, puxando-a, dirigiu-se à janela.

— Venha conversar comigo, Lorena. Quero que me conte a respeito de sua vida em casa, com seus pais, enquanto estavam vivos.

— Gostaria muito, mas receio que a ache monótona. Vivíamos numa casa modesta situada numa região tranqüila. Contudo, éramos muito felizes.

— Não importa que a casa seja grande ou pequena, se somos felizes — observou a marquesa, e sorriu.

— Foi o que compreendi quando estava em Roma. As meninas falavam de suas mansões imponentes, seus castelos, e havia umas duas que moravam em palácios. Entretanto, ao ouvir aquilo, sentia que daria tudo no mundo para poder voltar para minha casa, e ficar novamente com meus pais, para ser feliz outra vez.

— Era assim tão importante?

— Sim, muito, porque éramos uma família. Papai sempre costumava dizer que as famílias eram abençoadas, especialmente porque Jesus tivera um pai, uma mãe e um lar modesto antes que Ele começasse a pregar.

— Mas, supondo que não tivesse havido amor em seu lar? — tornou a perguntar a marquesa.

— É impossível imaginar isso, porque meus pais se amavam tão profundamente, e também me amavam. — Fez uma pausa, dizendo em seguida: — Certa vez mamãe me disse que era a mulher que fazia um lar, e nele difundia o amor que origina a felicidade.

— Sua mãe amava seu pai, e portanto foi fácil para ela.

— Mamãe dava amor para todos — observou Lorena. — As pessoas da aldeia a adoravam, seus amigos a procuravam quando em dificuldade, pois sabiam que ela os auxiliaria. Ela me disse um dia: “Lorena, podemos ser pobres, mas o amor não tem preço. É mais valioso do que qualquer coisa no mundo”.

A marquesa sorriu, dizendo:

— Obrigada, minha filha. — Assim falando, afastou-se.

Lorena estivera tão atenta àquela conversa, que nem reparara que o duque se juntara ao grupo e que o mordomo anunciara o almoço. Ao se dirigirem para a sala, sentiu-se aliviada ao ver que a condessa não estava presente. À mesa, outra senhora sentara-se ao lado do duque. Sentia vergonha de olhar para ele, porque a sua presença a emocionava.

Foi só na metade do almoço que não pôde evitar lançar-lhe um olhar. Por um segundo, os olhos dele fixaram-se nos dela. Lorena sentiu que, embora não falassem, ambos pensavam no que ocorrera ao alvorecer.

Ela teve a impressão de estar voltando de uma longa viagem, e percebeu que seu vizinho esperava uma resposta para algo que perguntara.

Após o que pareceu ser uma refeição arrastada, o grupo dirigiu-se para a sala azul.

— Como não fizemos planos para esta tarde — disse Alstone —, imaginei se não achariam divertido ir de carro ou a cavalo até Folly. Fica a uns cinco quilômetros e foi construída por um de meus ancestrais, que tinha muito dinheiro e pouco juízo. Faremos lá uma espécie de um chá-piquenique.

— Para mim é uma idéia muito agradável — disse a marquesa.

— Estou disposto a ver essa e outras construções, contanto que possa disputar uma corrida com você em um de seus cavalos! — exclamou lorde Carnforth.

— É o que também gostaria de fazer — disse o major Fane.

— Por que não uma corrida com obstáculos? — perguntou alguém.

— A idéia é boa — disse o duque. — O que acha, Perry?

— Estou preparado para disputar qualquer coisa com qualquer um, contanto que possa escolher meu próprio cavalo.

— Poderá montar em qualquer um, desde que não escolha o meu — replicou Alstone.

— Isso é ter uma vantagem desleal! — observou um deles.

— Não propriamente, porque se eu ganhar, prometo não receber o primeiro prêmio, mas dá-lo ao segundo colocado.

— Acha que devemos estipular algumas regras para esta corrida, Alstone? — perguntou Archie Carnforth. — Suponho que a maioria conhece bem a região. Pessoalmente, acharia mais divertido se partindo daqui fôssemos diretamente até Folly.

— Precisamos sair primeiro — observou a marquesa. — Do contrário não chegaremos lá a tempo de cumprimentar o vencedor.

— Muito sensato — disse o duque. — Quem quer ir de carruagem, e quem prefere ir a cavalo? — Ao perguntar isso olhou para Lorena. Viu pelo brilho de seus olhos que queria ir a cavalo. Acrescentou então: — Se as senhoras quiserem, podem ir a cavalo, mas sem participar da competição.

— Está sugerindo que não somos capazes de montar tão bem quanto os homens? — perguntou a viscondessa.

— Certamente parecerão muito atraentes na partida — replicou o duque. — Todavia, sendo esse um tipo de corrida acidentada, fico horrorizado só ao pensar no estado em que se encontrarão ao chegar!...

— Pretendo montar — exclamou a marquesa. — E sairei meia hora antes do que aqueles que entrarão na competição. Chegarei lá perfeitamente à vontade. Está quente demais para gastar energia.

Outra senhora disse que preferia ir de carro, e mais duas concordaram com ela.

— Muito bem, devemos nos aprontar — disse a marquesa. — Venha, Lorena. Esperemos que não escolham os melhores cavalos, antes de tornarmos a descer.

Já estava se dirigindo para a porta, quando a condessa de Hellingford apareceu. Trocara de roupa e, para surpresa de Lorena, estava com um chapéu próprio para o automobilismo, do qual saía um véu de gaze muito comprido. Num dos braços, carregava um guarda-pó, usado pelas senhoras quando saíam num carro aberto. Suas duas mãos encontravam-se por baixo dele, como se fosse um regalo de peles.

Atravessou a sala majestosamente, parando antes de alcançar Lorena e a marquesa. De pé, ficou olhando para o duque, que se afastou um pouco do homem com quem estava conversando.

— Vim despedir-me, Alstone — disse ela em voz alta —, de você e de seus amigos.

Todos deixaram de conversar, fazendo-se silêncio.

— Você deixou bem claro que não desejava mais a minha presença. É evidente que não quero ficar onde não sou desejada.

Tendo feito uma pausa, o duque pediu:

— Por favor, Daisy...

A condessa continuou como se ele não tivesse falado.

— Vou voltar para Londres e nunca mais farei o erro de pisar novamente neste maldito lugar! Detesto Mere, e detesto você, pelo que me fez! — Tornou a fazer uma pausa,

dizendo em seguida num tom maldoso bastante claro: — Mas não se engane. Nenhuma outra mulher terá aquilo que me pertence!

Antes de dizer as últimas quatro palavras, tirou a mão direita de dentro do guardapó, e Lorena horrorizada viu que estava segurando um revólver. Ela dissera as palavras *aquilo que me pertence* bem lentamente, como se com elas quisesse parecer dramática.

Em seguida, apontou a arma para ele, visando a um ponto abaixo da cintura. Antes, porém, que puxasse o gatilho, Lorena, levada pelo instinto, mais rápido do que o pensamento, agarrou o braço de Daisy, forçando-o para cima.

Verificou-se uma explosão estrondosa, quando a bala passou logo acima do ombro do duque, roçando de leve o tecido de seu casaco, indo enterrar-se no espelho que ficava por cima da lareira, despedaçando-o numa infinidade de pedaços.

Alguém gritou, no meio de um silêncio de espanto.

Logo depois, como Lorena soltasse a mão dela, a condessa virou o revólver para baixo, e com toda a força desferiu-lhe um golpe, por ter ela evitado a consumação de sua vingança.

A, coroa do revólver atingiu a parte lateral da têmpora de Lorena, e ela caiu ao solo como que abatida por uma martelada.

Enquanto Perry arrancava a arma da mão de Daisy, Alstone ajoelhou-se ao lado de Lorena. Desmaiada, ela não podia perceber o pandemônio que se seguiu.

Todos falavam ao mesmo tempo, e a condessa, com o rosto vermelho, dardejava olhares fulminantes para o duque, que nem mesmo erguia a cabeça.

— Como pôde fazer uma coisa tão terrível? — perguntou sir Hugo, indignado. — Poderia ter assassinado Alstone, e seria enforcada.

— Não o teria matado, mas simplesmente acabaria com seus instintos de galanteador, se a sua sobrinha não tivesse interferido!

— Devia sentir-se grata por isso. Pense no escândalo se o tivesse matado ou ferido. Se alguém comentasse o que se passou aqui, os jornais explorariam o caso, o que seria desastroso.

O resto dos componentes do grupo continuava de pé, olhando para Daisy como se não acreditasse no que tinha visto. Alstone ergueu-se com Lorena nos braços.

— Mande chamar o médico imediatamente — disse a Perry. Sem proferir qualquer outra palavra, dirigiu-se para a porta.

Mal saiu, formou-se uma algazarra, e sir Hugo, erguendo a mão, disse:

— Agora, ouçam-me! Quero que jurem por tudo quanto tenham de mais sagrado que não dirão uma só palavra sobre o que acaba de ocorrer aqui.

A condessa deu uma risada irônica e fez um movimento para sair, mas sir Hugo interceptou seu caminho.

— Você também terá que jurar, Daisy. Não queira enganar-se, pois não estou tentando salvar a sua reputação, mas a de minha sobrinha.

— Ela não está comprometida, a não ser por ter evitado que eu desse a Alstone o que ele merecia!

— Sabe tão bem quanto eu que se algo transparecer sobre ter ela salvado a vida de

Alstone, e ter sido o motivo da discussão entre vocês, seria mal recebida pela sociedade. Isto seria injusto e poderia prejudicá-la muito.

Ao ver que a condessa hesitava, acrescentou:

— Se não concordar com o que estou sugerindo, então não terei nenhum remorso em contar ao seu marido tudo a respeito deste seu caso vergonhoso. Encarregar-me-ei também de fazê-lo chegar aos ouvidos de Suas Majestades!

A condessa olhou para ele, surpresa. Então, como se compreendendo que fora derrotada, sacudiu os ombros.

— Muito bem. Prometo-lhe, mas não percebo por que Alstone vai sair disso tudo inteiramente livre.

Sir Hugo não se dignou responder. Limitou-se a olhar para os outros, e mais uma vez perguntou:

— Estão dispostos a cumprir esse juramento sem nenhuma restrição? Nada falarão a respeito do comportamento de Daisy, ou sobre a sorte de Lorena, ao evitar que nosso amigo fosse morto ou ferido?

— Juro! — disse alguém.

Todos repetiram a mesma palavra, e sir Hugo agradeceu-lhes. Virando-se em seguida para Daisy, disse-lhe:

— E agora, sugiro que se retire. Quanto mais cedo, melhor!

— Não pretendo ficar — respondeu ela com a dignidade que conseguiu encontrar. — Antes, porém, gostaria de falar com Alstone.

— Isso é uma coisa que não permitirei — replicou sir Hugo. — Já fez bastante estrago num só dia. Volte para Londres, Daisy, e agradeça à sua boa estrela por não ter sido pior. Você é uma mulher perversa, e espero não tornar a encontrá-la por muito tempo.

Atirando a cabeça para trás com impaciência, a condessa retirou-se da sala. Sir Hugo esperou que ela saísse, e então, tirando o lenço do bolso, enxugou a testa.

— Tudo o que posso dizer é graças a Deus por Lorena! — observou Perry. — Precisamos chamar o médico, conforme Alstone pediu.

— Subirei para ver como está — disse sir Hugo.

Saíram juntos, e os outros puseram-se a falar imediatamente. Sir Hugo podia ouvir suas vozes ao subir a escadaria.

Ao entrar no quarto, viu que o duque já deitara Lorena em sua cama. Ela estava com o rosto pálido e com uma mancha vermelha a um lado da têmpora.

O duque estava de pé ao lado da cama, olhando para ela, quando sir Hugo entrou.

— Ainda não chamei a empregada — disse ele. — Julguei que deveríamos combinar o que diremos aos criados e, evidentemente, ao médico.

— Já fiz todos jurarem que não dirão nada sobre o que aconteceu aqui — replicou sir Hugo em voz baixa.

— Pensei que faria isso. Obrigado, Hugo.

— Pensei em Lorena, e ameacei Daisy de contar não só a Edward, mas também ao rei e à rainha, se ela disser uma só palavra do que ocorreu.

— Ela deve ter enlouquecido! — atalhou o duque em voz baixa.

— Há muito tempo avisei você de que ela era descontrolada e de sentimentos perversos.

— Tinha razão.

Sir Hugo olhou para a sobrinha, e deu sua opinião:

— Creio que poderíamos dizer que Lorena escorregou no soalho encerado e caiu sobre uma das mesas. Uma coisa perfeitamente viável.

— Acho que sim — concordou o duque. — Eu me encarregarei de fazer com que essa história chegue aos ouvidos dos empregados. Você a contará ao médico.

Ao dirigir-se para a porta, ouviu Hugo dizer-lhe:

— Se fosse você, Alstone, daria um jeito para que o grupo se refaça do choque. Estava tagarelando quando subi, e tive a impressão de que na sala havia um viveiro de papagaios.

— Pretendo ir para algum lugar sozinho — replicou o duque, acentuando a palavra.

— Talvez seja mais sensato, Alstone — concordou sir Hugo, puxando o cordão da campainha.

CAPÍTULO VII

Kelvin Fane entrou na biblioteca, onde o duque estava escrevendo sentado à sua secretária.

— Estou partindo agora, Alstone.

— Tão cedo, Kelvin? Pensei que fosse mais tarde.

— Quero chegar a Londres ainda antes de anoitecer. Tomei uma decisão, e acho que você a aprovará.

— Qual? — perguntou o duque, levantando-se da cadeira. Atravessou a sala, indo colocar-se de costas para a lareira.

— Estive pensando — disse Kelvin, como se escolhendo as palavras — que tudo indica que teremos uma guerra com a Alemanha, antes de envelhecermos.

— Acredita realmente nessa possibilidade?

Kelvin Fane sacudiu a cabeça afirmativamente.

— No mês passado, conversei com o comandante-em-chefe, e ele está convencido de que deveríamos nos preparar. Evidentemente, não o estamos no momento.

— Nesse caso, o que pretende fazer? — perguntou o duque.

— Mal chegue a Londres, irei ao Ministério da Guerra, a fim de ser designado pelo Estado Maior para fazer um curso. — Vendo que Alstone o olhava surpreso, continuou: — Foi o que o comandante-em-chefe sugeriu-me. Eu me senti muito lisonjeado ao ouvi-lo dizer que se houver uma guerra, gostaria de ter-me no seu quadro de auxiliares.

Parou de falar um instante, prosseguindo em seguida:

— Na ocasião achei graça, mas agora concluí que é chegada a hora de ser um pouco mais sério. Não devo desperdiçar minha inteligência com mulheres como Sarah, por exemplo.

Disse aquilo com tal simplicidade, que o duque ficou perplexo. Nunca o ouvira falar tão francamente sobre assuntos íntimos e particulares. Ficou em silêncio por um momento, perguntando a seguir:

— Por acaso isso tem algo a ver com o que aconteceu na segunda-feira?

— É claro que tem! — respondeu Kelvin. — Mas antes de Daisy ter agido daquele modo infame, quem me fez compreender realmente que estava desperdiçando minha vida foi Lorena.

O duque franziu o sobrolho, tornando a perguntar:

— Seu interesse em Lorena é coisa séria?

— Devo dizer-lhe que penso nela seriamente. Pretendo vê-la tão logo ela chegue a Londres. Depois disso, talvez possa responder-lhe mais positivamente.

Ao terminar de dizer isso, estendeu-lhe a mão.

— Adeus, Alstone, e obrigado pela visita a Mere, que foi tão fora do comum! Não posso pensar em outro modo de defini-la.

O duque retribuiu seu cumprimento, dizendo:

— Irei assistir à sua partida.

— Não, fique onde está. Vejo que tem coisas por fazer.

— Estou escrevendo um discurso que quero apresentar na Câmara dos Lordes. Há algum tempo que venho idealizando-o, mas tive preguiça de sentar-me para escrevê-lo.

— Pelo que vejo, nestes últimos dias, todos nós encontramos novas energias para sair de nossa indolência — observou Kelvin.

Caminhou até a porta, e antes de sair virou-se, dizendo:

— Paguei minha dívida a Hugo. Reconheço que venceu a aposta com uma perna atrás das costas! E por falar nisto, Lionel Dartford está esperando aí fora. Deseja falar com você. Posso mandá-lo entrar?

— É claro — respondeu o duque.

Ao ficar sozinho, não voltou para sua escrivaninha. Continuou de pé, relanceando um olhar pela biblioteca, com uma expressão pensativa em seus olhos.

Mal se passaram alguns minutos, lorde Dartford abriu a porta e entrou.

— Assim como Fane, quero apenas despedir-me, e evidentemente agradecer-lhe pela sua hospitalidade.

— Seja como for, também queria vê-lo — disse o duque. — Parece que todos estão partindo mais cedo do que eu esperava.

Lorde Dartford sorriu.

— A verdade é que estão se sentindo um pouco constrangidos.

— O que não é de surpreender — replicou o duque, secamente. O outro estendeu-lhe a mão.

— Bem, então adeus, Alstone.

— Não, espere um minuto. Tenho algo a sugerir-lhe que achará interessante — disse-lhe o duque.

— O quê?

— Há uma semana, recebi uma carta do marajá de Cochapoür. Ele me perguntava se podia recomendar alguém aqui em nosso país, que fosse honesto e digno de confiança. Essa pessoa deverá comprar uma grande quantidade de pôneis para seu time de pólo.

— Um dos melhores da Índia — murmurou o lorde.

— Essa pessoa deveria também comprar em nome dele muitos artigos de decoração de que está precisando para um novo palácio em construção.

Sorriu ao acrescentar:

— Você pode imaginar o que serão: lustres de cristal, espelhos com molduras de ouro, e evidentemente, tapetes magníficos e caríssimos.

Lorde Dartford escutava-o absorto. Como não dissesse nada, o duque prosseguiu:

— O marajá, que como você deve saber é um dos homens mais ricos da Índia, foi mais explícito. Sugeriu que seja quem for a pessoa que aceite essa incumbência, terá direito não só a um salário e ajuda de custo, mas a uma comissão sobre tudo que comprar.

Fez uma pausa, para dizer em seguida:

— Julgo que não há pessoa mais qualificada para essa missão do que você, Lionel.

Seu amigo deu um suspiro profundo.

— É o que acha realmente, Alstone? Essa é uma coisa que me agradaria muito fazer. Além disso, fiz um papel ridículo não só por ter perdido muito dinheiro aqui, mas por ter comprado uma quantidade de ações sem nenhum valor. Minha situação financeira é realmente péssima.

— Esta oportunidade poderá tirá-lo do buraco — observou o duque. — Acontece que, prevendo que aceitaria minha sugestão, já escrevi ao marajá indicando seu nome. Disse-lhe que confiava em seu critério no que se refere a cavalos, e quanto ao seu gosto em matéria de decoração, era tão bom quanto o meu!

Lorde Dartford emitiu um som inarticulado, e Alstone apressou-se a acrescentar:

— Antes de sair, peça à minha secretária para mostrar-lhe essa carta. Se quiser, pode fazer algumas alterações.

— Não sei como agradecer-lhe... — começou a dizer lorde Dartford numa voz rouca.

— Ficarei constrangido se o fizer — Alstone interrompeu-o. — Julgo que, na realidade, devemos agradecer a Lorena. Foi ela quem me chamou a atenção sobre as apostas muito altas feitas aqui. Isto é uma coisa que não acontecerá no futuro.

— Lorena é a garota mais corajosa que já conheci em toda a minha vida! — exclamou lorde Dartford. — Poderá dizer-lhe isso quando melhorar? Diga também a Hugo, caso eu não o veja, que indiscutivelmente, foi o vencedor na discussão a respeito de Pigmalião. Archie terá que pagar-lhe e dar-se por satisfeito!

— Certamente o fará — concordou o duque.

Lorde Dartford tornou a agradecer-lhe antes de retirar-se.

O duque voltou para sua secretária. Estava escrevendo há alguns minutos, quando a marquesa de Trumpington, entreabrindo a porta, perguntou:

— Está sozinho, Alstone?

— Enid! — exclamou ele, vendo-a de chapéu, aliás muito elegante, próprio para o automobilismo. — Não pensei que fosse tão tarde! Sabia que você e Jack partiriam às três, e pretendia acompanhá-los.

— Ainda não são três horas, e Jack está mexendo no carro. Mas queria falar com você.

— Às ordens — disse o duque. — Sente-se, por favor.

A marquesa acomodou-se no sofá, e sorriu para ele.

— Vejo que está apreensivo, contudo ficará satisfeito com o que vou dizer-lhe.

— Assim o espero.

— Acho que previa ouvir-me dizer que Jack e eu estávamos prestes a cometer a loucura de fugirmos juntos.

— De fato isso me passou pela mente — admitiu o duque. — Na primeira noite após sua chegada, Jack disse algo que me deixou apreensivo. Fiquei imaginando o que poderia fazer para impedi-los.

— Não precisa fazer mais nada, Alstone. Vim contar-lhe que pretendíamos sair da Inglaterra juntos. Na verdade, viemos para Mere julgando que esta fosse uma boa oportunidade de estarmos juntos e finalizarmos nossos planos.

- Agora mudaram de idéia? — perguntou Alstone, aliviado.
- Foi Lorena quem conseguiu isso — respondeu ela calmamente.
- Lorena?... — exclamou Alstone sem acreditar.
- Ela é tão jovem e tão inocente, mas ao seu redor parece haver uma espécie de aura!

Só posso descrevê-la como sendo de bondade. — Suspirou ligeiramente. — Isso contribuiu para lembrar-me de como era quando tinha a idade dela. Idealista, romântica, acreditando que o mundo era um lugar maravilhoso, e que se eu fosse feliz, daria felicidade aos outros.

A marquesa fez uma pausa. O duque respeitou-a, e logo após ela continuou:

— Ao observar Lorena e ouvi-la, compreendi que aquilo que Jack e eu tencionávamos fazer estava errado. Não só magoaria meu marido, que a seu modo só tem me demonstrado bondade, mas também prejudicaria muitas pessoas, simplesmente por serem nossas amigas.

Antes de continuar, olhou à sua volta como se estivesse vendo a biblioteca pela primeira vez.

— Mere e outras mansões como esta, pessoas iguais a você, Alstone, e naturalmente a família Trumpington, permanecem no espírito do público, não só pela grandeza deste país, mas por sua estabilidade.

Sua voz tornou-se mais grave ao continuar:

— Comecei a perceber que os deveres que me competiam, devido à minha posição no mundo social, de certa forma são mais importantes do que os ditamos de meu coração. Isto também se aplica a Jack.

Ela fez um gesto rápido com as mãos, porém muito expressivo, antes de dizer:

— Eu amo Jack! Amo-o desesperadamente, e ele também me ama. Entretanto, ele tem uma situação importante em seu próprio condado. É respeitado pelas pessoas que emprega em sua propriedade, seus filhos o amam, e ele os ama — sua voz tremeu ligeiramente, e ela acrescentou: — Continuaremos a nos ver discretamente e, talvez um dia... quem sabe, o destino seja bondoso conosco. Até lá, desempenharemos os papéis que nos competem e espero que com dignidade.

O duque sentou-se ao lado dela, pegando suas mãos.

— Obrigado, Enid, por dizer-me isso. Admiro-a, bem como a Jack, por terem tomado essa decisão, que julgo ser a correta.

— Estou convencida de que é — replicou a marquesa. — Peço-lhe dizer a Lorena que quero ficar com ela assim que se recuperar. Se Kitty não deseja acompanhá-la em público, eu o farei. Isso será uma coisa que me distrairá muito.

— Direi a ela.

— E obrigada, querido Alstone, por ser o amigo mais formidável que Jack e eu já tivemos. Sei que se alguém nos ajudar nos anos vindouros, será você.

— Pode estar certa disso — respondeu o duque. Ele beijou a mão da marquesa, e ao se levantarem ela se inclinou para a frente, e beijou-o na face.

— Obrigada, Alstone — tornou a repetir com lágrimas nos olhos.

O duque acompanhou-a até o vestíbulo. Viu que lorde Gilmour estava esperando ao lado do carro, em frente à porta de entrada. Ficou com eles um pouco mais, até partirem

para Londres.

Ao voltar para dentro, pensou que estaria se sentindo muito diferente se eles tivessem tomado a direção contrária, partindo para o outro continente. A marquesa tinha razão: suas posições impunham responsabilidades que nenhum deles podia ignorar.

La atravessando o vestíbulo, enquanto sir Hugo descia a escada.

— Enid partiu? — perguntou. — Queria despedir-me dela.

— Acabou de sair, Hugo.

— Não faz mal, eu a verei em Londres.

— Sim, em Londres.

Descendo o último degrau, sir Hugo chegou ao vestíbulo, e o duque perguntou-lhe:

— Como está Lorena? O médico já a viu?

— Sim, passou por aqui há uma hora. Poderá levantar-se amanhã. Ele não quer que ela viaje até quinta-feira. Faz alguma diferença para você?

— Claro que não! Se possível, gostaria de falar com ela agora.

— Acabei de levá-la para a saleta ao lado do quarto. Lá é mais agradável para Lorena tomar o seu chá.

— Então irei falar com ela. Tenho vários recados para dar-lhe dos convidados que já partiram. Enid sugeriu que gostaria e quer que Lorena more com ela, se Kitty não se importar.

Ao falar isso, olhou para o amigo e notou que ele apertara os lábios, com uma expressão dura. Perguntou-lhe em seguida:

— Hugo, você já tomou alguma decisão a respeito do futuro dela?

— Neste caso, a questão se resume no que eu queira fazer!

Parecendo ansioso por mudar de assunto, sir Hugo disse:

— A propósito, você ficará satisfeito ao ouvir que Archie, como um bom perdedor que é, pagou-me antes de partir esta manhã. Disse-me que dificilmente poderia discutir com alguém que recebera “de mão um jogo feito”! — Deu uma risada, e continuou: — Acho que não teve vontade de discutir, porque tinha muita pressa de chegar a Londres. Poderia apostar que o verdadeiro motivo disso é que ele quer chegar ao clube antes de Kelvin ou Jack, para expor a sua asserção no sentido de que as várias qualidades da água podem influir num cavalo de corrida.

O duque riu.

— Tenho certeza de que Archie colherá os louros dessa descoberta, embora sabendo que a idéia foi de Lorena.

— Quero dizer-lhe, Alstone, que me sinto muito orgulhoso da minha sobrinha. Não me importo em confessar-lhe que enquanto a esperava na estação Vitória, sentia-me muito nervoso ao imaginar como seria. Mas, como diria Archie, ela não só recebeu a “carta de trunfo”, como se saiu vitoriosa de toda essa questão!

— Acha conveniente eu ir vê-la agora? — perguntou Alstone.

Sir Hugo teve a impressão de que ele não ouvira o que dissera, e assim respondeu simplesmente:

— Sim, é claro. Ela está apenas com um hematoma feio na têmpora. Acredito, porém,

que não tenha nada de mais grave.

Percebeu então que estivera falando para o ar, pois Alstone afastara-se e já estava subindo a escada.

Sentada numa espreguiçadeira, Lorena estava se perguntando qual dos livros que a sra. Kingston colocara à sua frente seria o mais interessante.

Seu tio já a avisara de que partiriam na quinta-feira. Achava-se um tanto infantil, ao pensar que sentia deixar Mere, com todas as suas belezas. Ficaria ainda mais triste se deixasse também um romance inacabado.

Reclinada nas almofadas, com as pernas resguardadas por uma coberta de cetim e rendas, olhou à volta do quarto como se quisesse guardá-lo na memória.

Os cupidos nos quadros de Boucher, pendurados nas paredes, reproduziam os pintados no teto, os belos móveis em estilo francês, o azul-turquesa das cortinas e o tecido das cadeiras Luís XIV estavam fotografados em sua mente.

Entretanto, a dor que sentia em seu peito era mais pungente do que a da têmpora, por ter que deixar tudo aquilo. Contudo, se fosse honesta, reconheceria que era a lembrança do dono de Mere que a perseguiria pelo resto de sua vida, não só em seu espírito mas em seu coração.

Ao recobrar os sentidos, não conseguira reprimir um sentimento de exultação, ao pensar que salvara sua vida. Embora sua cabeça doesse insuportavelmente, e se sentisse enjoada e traumatizada pelo que ocorrera, nada daquilo importava, ante sua felicidade por ter Alstone escapado ileso. Tinha sido capaz de evitar que a condessa o ferisse, conforme tentara.

Lorena se perguntava como uma mulher podia ser tão cruel, tão perversa! Por amar o duque, ela sabia que queria protegê-lo não só de qualquer coisa que o magoasse espiritualmente, mas também da infelicidade e desilusão.

Caso o duque amasse Daisy Hellingford, deveria ter ficado horrorizado ao vê-la comportar-se daquela maneira. Contudo, pelo que ela dissera, Alstone já não mais a amava, e certamente sentir-se-ia humilhado ao descobrir que desperdiçara seu amor com alguém que era incapaz de controlar-se.

Sentia-se feliz por tê-lo salvo, mas temia não poder tornar a fazê-lo, caso ela tentasse novamente. Pensou então que estava sendo ridícula. Jamais poderia significar alguma coisa na vida do duque. Devia considerar-se feliz por ter-lhe provado seu amor, de um modo que nunca sonhara. Fora uma sorte ter estado no momento exato e no lugar certo, quando aquilo ocorrera. Se estivesse um pouco mais longe, e por mais que pudesse ter pressentido o perigo, o que quer que fizesse para desviar a bala seria tarde demais.

Quando o médico saíra na noite anterior, seu tio dissera-lhe o quanto estava orgulhoso dela. Teve vontade de perguntar-lhe se o duque falara alguma coisa. Porém achara difícil fazer essa pergunta. Tendo ele se retirado, ficara sozinha com seus pensamentos.

Agora, se abrisse um daqueles livros, sabia que não conseguiria concentrar-se em suas páginas. Nelas veria apenas o rosto do duque.

Porque aquilo a fizesse feliz, e por ser muito mais emocionante do que qualquer coisa que lesse, inclinou-se ainda mais para trás e começou a pensar no que ocorrera desde o primeiro momento em que o conheceu.

As lembranças iam se sucedendo em sua mente... o passeio a cavalo, o desjejum a sós na casa da fazenda... Pensou que era isso que gostaria de tornar a fazer. Contudo, estava querendo o impossível, pois ao sair de Mere, o duque se tornaria tão inacessível quanto a lua. Cerrou os olhos, como se com isso minimizasse a dor que sentiria ao despedir-se dele.

Ouviu então uma batida na porta. Antes que pudesse dizer alguma coisa, ela se abriu e Alstone entrou no quarto.

Porque estivera pensando nele tão intensamente, por um momento foi difícil compreender que ele era real e não fruto de sua imaginação. Mas ao vê-lo dirigir-se para ela, sentiu-se corar, por causa da expressão de seu olhar, porque seus cabelos estavam soltos sobre os ombros, e por estar só de penhoar por baixo da coberta de cetim e rendas...

Ao vê-la assim, e principalmente por causa dos cabelos soltos, o duque achou-a muito jovem e ao mesmo tempo, quase etérea. Não lhe parecia humana, mas sim uma daquelas estátuas clássicas que imaginara ver quando a encontrara de pé na escuridão do telhado. Aproximou-se ainda mais, e estendeu-lhe a mão.

— Como está, Lorena? Seu tio me disse que se sentia bastante disposta para ver-me.

— Estou... estou muito bem — respondeu Lorena numa voz que não parecia a sua.
— Amanhã já poderei levantar-me.

Lorena estendeu-lhe a mão, que ele pegou entre as suas. Surpreendeu-se ao vê-lo sentar na beirada da espreguiçadeira, e não numa cadeira como teria esperado.

— Você está realmente encantadora. Sempre imaginei que seus cabelos fossem exatamente como estou vendo agora.

O rosto de Lorena tornou a enrubescer. Como não pudesse manter os olhos abertos, baixou-os, e suas pestanas pretas contrastavam com a tonalidade de sua tez.

Ele continuou segurando sua mão, e disse após um momento:

— Antes de falarmos tudo quanto temos a nos dizer, quero agradecer-lhe por ter salvo minha vida. — Sentiu os dedos dela estremecerem e compreendeu que só ao pensar, sentira medo do que poderia ter-lhe acontecido.

E então, continuou:

— Quero que tente esquecer-se de tudo. Foi revoltante e desagradável. Não é o tipo de coisa que desejo ver você relembrar.

— Tive medo... por sua causa.

— Eu sei, e provou ser muito esperta, ou talvez uma sensitiva, para prever o que ia acontecer. Contudo, estou salvo, portanto não pense mais nisso — seu tom de voz era autoritário.

— Tentarei... — disse Lorena.

— Existem muitas outras coisas para pensar — disse ele, sorrindo. — Mas primeiro quero transmitir-lhe um recado da marquesa. Enid gostaria que você permanecesse com ela, não como uma visita, mas por um tempo indeterminado.

Surpresa, Lorena olhou para ele.

— Está dizendo... que poderia morar com a marquesa?

— É o que ela gostaria, mas creio que seu tio tem outros planos para você.

— Sim, tio Hugo falou-me acerca de alguma coisa que me fez pensar... bem, talvez ele me queira... Mas tenho um pressentimento de que tia Kitty não me aceitará.

— Pelo menos tem duas propostas para considerar. Eu tenho uma terceira.

Lorena limitou-se a olhar para ele, sem falar. Ele, porém, pensou que seria impossível um olhar de mulher ser mais revelador. Olhando para baixo, viu a mão que continuava a segurar. E como se escolhendo as palavras, disse:

— Espero que ainda se lembre, pois sei que é uma boa leitora do que os gregos costumavam dizer. Quando alguém salvava a vida de um homem, ficaria para sempre responsável por ele.

Verificou-se um silêncio, e os dedos de Lorena ficaram tensos ao ouvir o duque falar calmamente:

— Portanto, fico imaginando o que você pretende fazer a meu respeito... O que pretende fazer com a minha vida.

— Eu... eu não... compreendo! — disse ela, atônita.

— Acho que você deveria cuidar de mim. Preciso de você, como nunca precisei de qualquer outra pessoa.

Pelo modo como os dedos dela se agitavam, compreendeu que Lorena vislumbrara vagamente o que ele estava dizendo. Ao mesmo tempo, não ousava admitir a idéia.

— O que... está me pedindo para fazer? — perguntou, numa voz quase inaudível.

— Estou pedindo para que se case comigo, querida. Compreendi que a amava quando assistimos juntos ao alvorecer. Mas não tive chance de dizer-lhe, até agora.

— V... você me ama?! — essas palavras continham uma alegria quase intraduzível.

— Eu a amo! — exclamou ele. — Acho também que, talvez por nossos espíritos terem tanta afinidade, você me ama um pouco.

— É evidente que o amo! Eu o amo tanto, que meu amor daria para encher o céu. Mas não posso casar com você.

Suas palavras tornaram-se quase inaudíveis, mas ele as escutou.

— Disse que não se casará comigo?... — perguntou incredulamente.

Nunca lhe ocorrera que uma mulher, qualquer mulher, recusasse casar-se com ele, muito menos Lorena.

— Não posso... não posso casar-me com você. — Sua voz agora era mais firme. — Entretanto, sentir-me-ei sempre imensamente orgulhosa por ter-me pedido em casamento.

Os dedos do duque apertaram os dela.

— Por que não quer casar-se comigo? Disse que me amava.

— E o amo! E a coisa mais maravilhosa que eu poderia imaginar é que você também me amasse. Mas não sou a esposa que lhe convém... pois não conseguiria fazê-lo feliz.

— Está pensando em mim? — perguntou ele.

— Mas é claro que estou pensando em você!

O duque sorriu ligeiramente, e ela prosseguiu:

— Quando compreendi que o amava... não sonhei... jamais imaginei sequer por um

segundo que você pudesse me amar algum dia. Embora seja um tormento pensar em deixá-lo... — Sua voz ficou embargada, contudo ela continuou: — Sei que sua lembrança permanecerá para sempre em meu coração e me ajudará muito quando não mais puder vê-lo...

— Sente tudo isso, e assim mesmo não quer casar-se comigo?

— É... por amá-lo tanto. Estava justamente pensando, antes de você entrar, que por amá-lo, quero protegê-lo, cuidar de você... Evitar que alguém possa prejudicá-lo não só fisicamente, mas também ferir seus sentimentos ou sua mente — respirou fundo e acrescentou: — É isso que eu desejaria fazer se me casasse com você.

— Mas está me recusando?

— Porquê não poderia tomar parte em sua vida ou ser aceita por seus amigos. — Olhou para ele, como esperando que compreendesse. — Não sou apenas ignorante, mas uma tola, no que se refere a eles e... — Deteve-se, e ele a atalhou:

— E? ... continue. — Ao ver que ela não falava, insistiu: — Conte-me o que sente.

Lorena então olhou para ele, e as palavras saíram atropeladamente.

— Sinto-me escandalizada com o modo como procedem.

Ao dizer isso, já não conseguia mais olhar para Alstone. Julgou que pudesse ter-se irritado. Apertou com força a sua mão, tal qual o fizera quando havia assistido ao raiar do dia.

O duque compreendeu tudo o que ela estava tentando dizer. Seu rosto adquiriu uma expressão feliz, jamais vista por qualquer mulher.

— Assim, para-evitar que eu seja infeliz, está disposta a ir embora e deixar-me. Mesmo sabendo que nosso amor é uma coisa rara, para mim tão extraordinária quanto o sol que vimos surgir no céu com sua beleza resplendente.

— É realmente isso... para você? — perguntou Lorena num sussurro.

— Tudo isso e muito mais. E, como você, vi o sol varrendo as trevas da noite. Assim também, nosso amor varrerá de nossas vidas tudo o que é sombrio e torpe. Tudo quanto possa escandalizá-la, meu amor.

— Supondo... suponhamos que se sinta infeliz... por ter-se casado comigo.

— Se não quiser ser minha mulher eu me sentirei tão miseravelmente infeliz que a vida não terá mais nenhum valor para mim.

Ela deu um sorriso de satisfação e o duque continuou:

— Caso esteja preocupada por não ser aceita pelos meus amigos, tenho algo a dizer-lhe, meu tesouro.

— O que é?

— O motivo pelo qual seu tio a trouxe para cá. Acontece que ele e lorde Carnforth tiveram uma discussão a respeito de uma peça chamada Pigmalião. Já teve ocasião de lê-la?

— Sim, li há alguns dias. Descobri o livro em sua biblioteca.

— Quero ler também, mas ainda não tive tempo. Mas, já que a conhece, compreenderá qual foi o motivo da discussão. Lorde Carnforth julgava completamente impossível que o professor tivesse transformado a moça, se não me engano chamava-se

Eliza Doolittle, de tal forma que ela fosse aceita pela sociedade.

Vendo que Lorena o ouvia com atenção, prosseguiu:

— Por outro lado, seu tio achava isso perfeitamente possível. A discussão entre os dois transformou-se num verdadeiro duelo de palavras. Finalmente, lorde Carnforth exigiu que seu tio provasse seu ponto de vista, trazendo uma moça para Mere. Após alguns dias ela deveria demonstrar se fora ou não aceita pelo grupo de Windlemere.

— E... fui eu a escolhida? — perguntou Lorena, maravilhada.

— Hugo não tinha idéia de como você seria. Entretanto, como ele e Archie Carnforth andam sempre às turras, ele resolveu concordar, e fizeram uma aposta.

— Engraçado... na primeira noite, quando todos me olhavam de um modo estranho... senti que havia alguma coisa que não conseguia compreender.

— Você encantou a todos — disse o duque. — Quando na manhã seguinte tomamos juntos aquela refeição na casa da fazenda, percebi que você não era absolutamente aquilo que eu esperara. Para ser sincero, eu me senti nervoso, porque você me intrigava.

— Nervoso?...

— Preciso dizer-lhe que você me enfeitiçou? Foi então que soube que me apaixonara. Eu me senti como jamais havia me sentido. Meu único desejo era tocá-la, beijá-la, porque a achava tão encantadora. Mas também queria protegê-la, cuidar de você e evitar que qualquer coisa pudesse magoá-la.

— É isso o que sinto por você — disse Lorena, baixinho.

— Acho que o amor, o verdadeiro amor, estimula a todos da mesma forma. — Inclinou-se ainda mais para dizer-lhe carinhosamente: — Como posso negar a coisa mais maravilhosa do mundo, um amor que me diz ser você a mulher pela qual esperei toda a minha vida?

— E você, Alstone, é o Príncipe Encantado com o qual sempre sonhei!

Não pôde terminar a frase, porque os lábios dele calaram os seus, enquanto a cingia nos braços. Então, Alstone sentiu despertar dentro dele uma sensação de enlevo diferente de tudo quanto sentira antes. E, assim como Lorena, compreendeu ser aquilo o êxtase originado de Deus.

O que ela sentia pelo duque assemelhava-se ao sol deslizando sobre o horizonte, deslumbrante e glorioso, desferindo seus raios para o céu, enquanto as estrelas brilhavam ante a sua glória.

Sentia como se ele captasse seu coração e sua alma por entre seus lábios. Seus braços fortes proporcionavam-lhe a segurança que não sentia desde a morte dos pais. Nunca mais se sentiria só e com medo.

O duque ergueu a cabeça para olhá-la. Tal qual os raios de sol, a felicidade refletia-se em seus olhos. Sussurrava baixinho seu amor por ele. Repetia as palavras que dissera mil vezes durante a noite, sem acreditar que poderia dizê-las a ele um dia.

— Eu também a amo, minha adorada, minha querida. O que teria sido de mim, se nunca a tivesse conhecido? Se Shaw nunca tivesse escrito Pigmalião, e se seu tio e Archie nunca tivessem discutido?

— Talvez fosse meu destino vir a Mere — disse Lorena. — Mas penso que foi ele

quem nos reuniu.

Sorrindo-lhe sedutoramente, ela disse:

— Talvez eu pudesse vir a salvá-lo de ser atropelado por um carro ou esmagado por um trem!

Ele riu e observou:

— Terá a vida inteira para fazer isso. Quanto a mim, prometo que a protegerei contra tudo que possa escandalizá-la e magoá-la.

— Mas... não posso pedir-lhe que mude toda a sua vida.

— Você não só a mudará, mas também transformará as vidas daqueles que nos interessam como amigos. Os outros, não importa.

Ao dizer isso, lembrou-se de como Lorena já alterara a vida da marquesa de Stort e a de Jack Gilmour. A de Kelvin Fane, que agora teria alguma coisa com que se preocupar, além de correr atrás de mulheres. Quanto a sir Hugo, tomara inesperadamente uma decisão que poderia evitar no futuro o mau procedimento da esposa.

Era incrível o que uma pessoa tão pequena podia fazer, só porque suas idéias eram honestas e, talvez, conforme ela mesma acreditava, por ser auxiliada por um poder dado por Deus.

— Tem mesmo certeza de que... seria certo casar-se comigo? — insistiu Lorena.

— O errado seria não me casar com você! Mas, certo ou errado, tenho intenção de torná-la minha esposa, e nada e ninguém me impedirá!

Falou isso com tal decisão que fez Lorena olhar para ele com admiração, dizendo-lhe:

— Alstone, eu o amo... quando você está assim.

— Assim, como?

— Forte e autoritário. De início eu o julgava um dominador. Mas é como deveria ser. Um líder para o qual todos olham e admiram.

— Vai tornar-me um presunçoso — disse ele, sorrindo. — Mas sei que não poderei ser nada disso se você não estiver comigo.

— É o que mais quero... porém...

— Nada de “poréns”! — interrompeu-a o duque. — Você quer que eu seja autoritário e é isto que sou! Pretendo torná-la minha esposa o mais depressa possível, a fim de ficarmos juntos para sempre! Aí então ensinaremos um ao outro tudo sobre nosso amor. No que me toca, tenho muito a aprender.

Sem deixá-la responder, seus lábios sequiosos procuraram os dela. Beijou-a intensamente, com mais impetuosidade que antes, como se quisesse afastar qualquer temor que ainda sobrevivesse em seu íntimo, e que no último momento pudesse escapar-lhe.

Lorena sentiu que aquele sol que vira nascer ardente e rubro no horizonte estava agora nos lábios dele e refletido em seus olhos. Percebendo o quanto ele se mostrava carente de amor, aproximou-se cada vez mais, até ter a sensação de que se tornara parte integrante de seu corpo, sua mente e sua alma.

Compreendeu então que aquele era o verdadeiro amor, descrito por seu pai, e que tantas vezes rezara para encontrar. Sabia não ter importância, se o homem amado fosse

um duque ou um mendigo. E, embora achasse Mere maravilhosa com todos os seus tesouros, era o duque que enchia toda a sua existência.

Ele a beijou, até fazê-la sentir que se afastara do mundo. Era como se ele a tivesse levado do telhado de Mere para o céu, e estivessem juntos no coração do sol.

— Meu Deus, como posso amá-la tanto! — exclamou ele finalmente, com voz trêmula de paixão. — Diga-me quando quer casar-se comigo, querida, pois não posso esperar sua decisão para tê-la junto a mim dia e noite.

— Estou pronta para casar-me... imediatamente! Ele achou graça.

— Era isso exatamente o que desejava ouvir. Preciso, entretanto, de algum tempo para tratar do casamento, e suponho que devo pedir a autorização de seu tio.

Notando uma expressão diferente em Lorena, perguntou:

— Querida, o que está preocupando-a?

— Pode pensar que é tolice... mas assusta-me uma cerimônia com todos os seus amigos. Estragariam o que sinto por você... e você por mim.

Ele pensou que um pouco antes talvez não entendesse o que Lorena estava dizendo. Agora, porém, o amor que sentia por ela era tão precioso, tão sagrado, e sua beleza tão delicada quanto a pétala de uma flor, que nada, material ou mundano, deveria deturpá-lo. Ouviu-a então dizer em voz baixa:

— Quando nos casarmos, quero que a igreja esteja repleta, mas da presença de Deus, e de Seu amor. Não de pessoas.

— E assim será, minha adorada. Nós nos casaremos depois de amanhã, na igreja onde fomos rezar no domingo. Está feliz?

— Será maravilhoso! — exclamou Lorena. — Mas... suponhamos que tio Hugo não concorde?

— Concordará, sim. E você não precisará voltar para Londres na quinta-feira. Providenciarei uma licença especial e não precisaremos contar a ninguém o que estamos fazendo, até tudo terminar. Então, você será minha.

Embora soubesse que era uma covardia, Lorena não conseguia suportar a idéia de que Daisy Hellingford pudesse ter a chance de fazer uma cena, ao saber que eles iam se casar. Tampouco desejava que os amigos de Alstone caçassem ou fizessem comentários jocosos a respeito deles.

Porém, mais do que tudo, não desejava a presença de mulheres iguais à viscondessa, ou talvez sua tia, que consideravam o casamento uma coisa fútil, sem importância. O casamento era um sacramento de amor, como seu pai dissera que devia ser.

Observando a expressão em seus olhos, o duque disse:

— Deixe tudo por minha conta, querida. Sei o que está conjeturando, e penso do mesmo modo. Nós nos casaremos apenas com a presença de seu tio. Será ele quem deverá entregá-la a mim. E então, em nossa lua-de-mel, eu a levarei para minha casa à beira-mar, onde estaremos completamente sozinhos para pensar só em nós mesmos.

Olhando para ele, Lorena disse:

— A primeira vez que avistei Mere, o sr. Gillingham descreveu-a como sendo um palácio encantado. Tem certeza de que ela é real? Não acordarei de repente, para descobrir

que tudo foi um sonho, e você é, como sempre foi, o Príncipe Encantado na minha imaginação? Será realmente meu marido, e eu... sua esposa?

— Pode ter certeza disso. Querida, quando estávamos no mirante e você me deu a mão, compreendi que nunca mais a perderia e jamais a deixaria partir.

Tornou a beijá-la com ardor, apaixonadamente. Aquele beijo não a assustou, mas despertou-lhe algo que não sabia definir. Sentia a impressão de que seus lábios estavam avivando um calor estranho. Tal qual uma chama bruxuleante, ele perpassava por todo o seu corpo, arrebatando seus temores, fazendo-os recuar para um esquecimento do qual jamais voltariam.

Passando os braços em torno de seu pescoço, ela o atraiu para mais perto.

Tudo lhe parecia iluminado à luz do amor. Os lábios dele tornaram-se mais prementes, à medida que ela o abraçava com toda a força.

E então murmurou:

— Eu o amo... amo-o tanto, a ponto de sentir que você está levando-me para o céu, até que no mundo inteiro e no universo nada mais exista senão você.

Baixando os olhos ele olhou para Lorena e pensou que a felicidade em seu rosto fazia-o sentir como se também estivesse sendo erguido para o céu, pelo divino poder do amor.

— Eu a adoro... Deus me deu você, e agora será minha por toda a eternidade.

Essa foi uma promessa solene, originada pela sua própria alma. E, quando Lorena se rendeu novamente ao ardor de seu beijo, sentiu que aquela era a realidade da qual jamais despertaria.

F I M

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, conferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.



UMA NOITE NO MOULIN ROUGE

Paris do século XIX!

Capital dos prazeres proibidos, reino de belas e desinibidas cortesãs que se exibiam no cabaré Moulin Rouge cobertas de sedas e jóias espetaculares, ao lado de seus ricos amantes! Foi nesse cenário deslumbrante de erotismo e boemia, que Una Thoreau, recém-saída de um convento, foi procurar seu pai, pintor, no bairro de Montmartre, refúgio dos artistas. E foi lá, numa sombria e velha casa parisiense, que Una abriu a porta de um quarto, esperando ver seu pai e foi agarrada por um desconhecido!

*Não adiantava gritar... Una estava sozinha em Paris.
Quem poderia salvá-la?*